

**UNIVERSIDADE FEDERAL DOS VALES DO JEQUITINHONHA E MUCURI -  
UFVJM  
Pós-Graduação em Educação - PPGED  
Cristiane Lima Rocha**

LUZ, CÂMERA E AÇÃO: homofobia, heteronormatividade e resistência no currículo dos filmes “Billy Elliot”, “Carol”, “C.R.A.Z.Y. - Loucos de Amor” e “Madame Satã”





**Cristiane Lima Rocha**

**LUZ, CÂMERA E AÇÃO: homofobia, heteronormatividade e resistência no currículo dos filmes “Billy Elliot”, “Carol”, “C.R.A.Z.Y. - Loucos de Amor” e “Madame Satã”**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM, como requisito parcial para obtenção de título de mestre.

Orientadora: Dra. Vândiner Ribeiro.

**Diamantina  
2017**

Ficha Catalográfica – Sistema de Bibliotecas/UFVJM  
Bibliotecária: Jullyele Hubner Costa CRB-6/2972

R6721 Rocha, Cristiane Lima.  
2017 Luz, câmera e ação: homofobia, heteronormatividade e resistência no currículo dos filmes “Billy Elliot”, “Carol”, “C.R.A.Z.Y. - Loucos de Amor” e “Madame Satã” / Cristiane Lima Rocha – Diamantina, 2017.  
125 p. : il.

Orientadora: Profa. Dra. Vândiner Ribeiro

Dissertação (Mestrado Profissional – Programa de Pós-Graduação em Educação) –Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri.

1. Homofobia. 2. Gênero. 3. Heteronormatividade. 4. Posições de sujeito. 5. Poder. I. Ribeiro, Vândiner. II. Título.

**CDD 306.766**

Elaborada com os dados fornecidos pela autora.

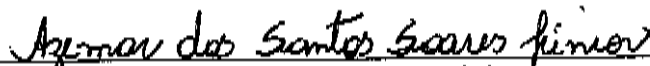
**Cristiane Lima Rocha**

**LUZ, CÂMERA E AÇÃO: homofobia, heteronormatividade e resistência no currículo dos filmes “Billy Elliot”, “Carol”, “C.R.A.Z.Y. - Loucos de Amor” e “Madame Satã”**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, como requisito parcial para obtenção de título de Mestre. Linha de pesquisa Currículos, avaliação, práticas pedagógicas e formação de professores.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Vândiner Ribeiro.

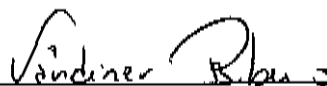
Data de aprovação: 06 / 03 / 2017



Dr. Azemar dos Santos Soares Júnior  
Centro de Educação – UFRN



Dra. Rosana Baptista Santos  
Faculdade Interdisciplinar em Humanidades – UFVJM



Dra. Vândiner Ribeiro  
Centro de Educação – UFRN/UFVJM

**Diamantina**



*Àqueles que são fortemente impugnados por assumirem posições de  
sujeito não heterossexuais.*



## AGRADECIMENTOS

O processo da escrita de uma dissertação é longo, árduo e moroso, no entanto, é uma etapa de muita aprendizagem, construção, composição e de desagregação. O refazer na escrita é constante e de grande importância. A escrita dessa dissertação não foi diferente, e o processo para que fosse possível concluí-la se tornou mais leve pelo fato de que pude contar com muitas pessoas especiais. Algumas dessas pessoas já faziam parte de minha vida, algumas passaram por ela e outras permanecerão. Digo isso com o coração repleto de gratidão pelo apoio recebido de cada um@ de vocês que estiveram comigo nessa etapa e que mesmo diante de tantos afazeres se dedicaram e dispuseram a me ajudar quando precisei. Por isso venho dizer a vocês: muito obrigada e estou aqui quando precisarem! Acredito ser injusto não enumerar algumas pessoas que estiveram de maneira mais assídua comigo nestes dois anos de luta e a você que eu não me lembrei de registrar o nome aqui sinta-se abraçad@ e sinta a minha gratidão pelo que fez por mim.

Muito obrigada Mainha por sempre se preocupar comigo. Cuidar de cada detalhe para que eu não me deixasse abater pelas dificuldades e não me faltasse nada. Todos os detalhes fizeram a diferença e sei o quanto a senhora acredita em mim. Muitas vezes, se não todas (risos e emoção), acredite até mais do que eu. Obrigada ser minha fortaleza, meu refúgio, meu alicerce!

Sou grata a ti meu pai, que mesmo não estando tão presente nessa etapa, torceu para que tudo desse certo e se encaminhasse. E sempre que nos encontrávamos perguntava como estavam indo as coisas.

Gil, a você meu companheiro, o meu muitíssimo obrigada! Obrigada por cada puxão de orelha, por cada cobrança, pelo colo quando via que me faltavam forças para continuar, por enxugar minhas lágrimas ou por fazê-las brotar. Obrigada pelo apoio e por chorar junto, lutar junto para que essa etapa seja vencida.

Wesley, meu irmão, a você quero agradecer por sempre me ajudar nas pendências que eu não podia resolver diante da demanda do mestrado. Você se dispôs a quebrar árvores em meu favor. Sou grata a ti por isso!

Vandinha, minha desorientadora (como você mesma dizia, essa era a intenção: desorientar e levar à produção... risos), você me ensinou que é possível, sim! E que só se aprende fazendo. E como você sempre dizia: “Bom seria, se os problemas esperassem finalizar o mestrado, se fôssemos apenas por conta da escrita nestes dois anos, mas não é

assim”! Por mais incrível que pareça, tenho a impressão que vivenciei um turbilhão nesse período. E foi nesse turbilhão que cresci (apenas em aprendizagem e não em estatura que poderia ter sido também, não é?). Contigo aprendi que as estrelas (se lembra delas?) são incentivos para percebermos o quanto damos conta e somos capazes de fazer melhor. Sou grata a ti, querida, por cada cobrança, por cada “tamo junto”, por cada “vai dar certo”!

Milton, você é um presente em minha vida, sabia? Não me canso de te agradecer. Afinal nossa amizade nasceu nos desabafos e na luta para concluirmos o mestrado. Quando, de repente, o rumo das coisas se modifica e você vem compor o nosso grupo de “Orientad@s da Vândiner”. Meu amigo, quero agradecer a você pelas leituras criteriosas dos meus textos, pelos dias e noites que sentávamos para discutir pontos da escrita, para reescrevermos o que não estava bom, para desabafar e para seguir em frente. Nos momentos que mais estive desanimada e até mesmo pensando em desistir, você dizia: “mira na fé e rema. Estamos juntos até o final”! Obrigada pela companhia nas viagens que o mestrado e as publicações nos proporcionaram. Obrigada pelas saidinhas para dar uma respirada. Muitas dessas saídas na companhia do nosso brother Evandro Júnior, que é uma pessoa de um coração imenso. De uma presteza sem igual, que agradeço muito por cruzar o meu caminho e permanecer no nosso ciclo de amizade. Não poderia esquecer-me agradecê-lo pela revisão minuciosa das regras da ABNT. Você foi fundamental também nessa parte do meu trabalho.

O grupo de orientad@s da Vândiner era composto ainda por Maraísa, Silvana, Anailde e Vivi. Meninas lindas, agradeço a cada uma de vocês pelas contribuições ao lerem os textos e pelas trocas de conhecimentos em nossas orientações coletivas tanto presenciais como via skype. Desse grupo eu não poderia deixar de agradecer em especial, a você Vivi, afinal compúnhamos este grupo desde o início. Obrigada pela parceria de sempre e por todos os momentos que compartilhamos.

Agradeço ainda @s amig@s Nailde, Antônio, Matheus, Cássia, Sandra, Adélia, Dirce, Lauro, Isley, Fah, Van, Juninho, Karen, Leka, Erielly, Jack, Fabrício, Lu, Dão, Gu, Afonso, Cláudia, Galego e tantos outros que mesmo que não tenha enumerado aqui, me incentivaram e acreditaram que seria possível vencer essa etapa. Não preciso dizer o que fizeram por mim, cada um de vocês sabe o quanto me ajudaram, apenas digo que vocês sempre ocuparão um lugar especial em minha vida.

Aos colegas e amig@s que o mestrado me trouxe: Aline, Mania, Professor Cláudio, Greyd, Pri, Josué, João, Salvador Júnior, Ismar, Mara, Luna, Patrícia, Edson, Marluce Duarte, Dani, Virgínia (nossos pés e nossas mãos dentro da UFVJM... risos), Beto e Betânia. Em especial aos meus parceiros Rick e Rharah, pois já agradeço ao Milton e ao Evandro, que

também compõem essa parceria, vocês estão no pacote das coisas boas que o mestrado me trouxe.

A vocês professor@s Kyrleys, Rosana, Ivana Alice e Azemar Júnior pelas ricas contribuições em minhas bancas de seminário, de qualificação e de defesa. Aprendi muito com os questionamentos e pontuações de vocês. O meu muito obrigada a cada um@ de vocês!

À professora e amiga Marry que fez a leitura com um olhar atento e cuidadoso, realizando as correções de português e discutindo aqueles pontos que precisavam de ajuste. Obrigado pela sua paciência, cuidado e carinho com o qual tratou os textos para que eles melhorassem.

A minha família, obrigada ti@s, prim@s, as cordinhas do meu coração Arthur, Heitor e Aninha, enfim cada um@ de vocês que estiveram junto comigo ou na torcida para que esse momento de reta final chegasse logo.

A cada um@ que esteve comigo mesmo que na torcida o meu muito obrigada, sou grata por cada gesto, por cada choro, por cada sorriso, por cada vibração. A minha ausência teve uma justificativa plausível. Estarei de volta em breve, pois mais uma etapa está sendo finalizada, conto com vocês na próxima! Valeu meu povo!



Ando devagar porque já tive pressa  
E levo esse sorriso porque já chorei demais  
Hoje me sinto mais forte, mais feliz, quem sabe?  
Só levo a certeza de que muito pouco eu sei  
Ou nada sei.

Conhecer as manhas e as manhãs,  
O sabor das massas e das maçãs,  
É preciso amor pra poder pulsar,  
É preciso paz pra poder sorrir,  
É preciso a chuva para florir

Penso que cumprir a vida seja simplesmente  
Compreender a marcha e ir tocando em frente  
Como um velho boiadeiro levando a boiada  
Eu vou tocando dias pela longa estrada eu vou  
Estrada eu sou.

[...]

Todo mundo ama um dia todo mundo chora,  
Um dia a gente chega, no outro vai embora  
Cada um de nós compõe a sua história  
Cada ser em si carrega o dom de ser capaz  
De ser feliz.

[...]

Ando devagar porque já tive pressa  
E levo esse sorriso porque já chorei demais  
Cada um de nós compõe a sua história,  
Cada ser em si carrega o dom de ser capaz  
de ser feliz.

[...]

*Almir Sater e Renato Teixeira (1990)*



## RESUMO

A presente dissertação analisa como os discursos homofóbicos que circulam nos currículos dos filmes “Billy Elliot (Inglaterra, 2000)”, “Carol (Reino Unido/Estados Unidos, 2015)”, “C.R.A.Z.Y. - Loucos de Amor (Canadá, 2005)” e “Madame Satã” (Brasil, 2002), demandam corpos normalizados em um padrão heteronormativo e que efeitos têm sobre as personagens. Tomo como metodologia a análise do discurso, de inspiração foucaultiana. As análises serão realizadas por meio das falas, as cenas, dos sons, das imagens, nas coisas explícitas e silenciadas. Bem como, os conceitos de currículo, gênero, homofobia, heteronormatividade, norma, discurso, relações de saber-poder e processos de subjetivação e posições de sujeito foram eleitos como ferramentas teórico-conceituais para essa pesquisa. Em termos teóricos, esta dissertação se inscreveu no campo dos Estudos Culturais, na versão dos estudos pós-críticos de currículo. Assim, o conceito central da investigação é currículo, compreendendo-se que ele ensina modos de ser, pensar e agir às pessoas, bem como produz determinados tipos de sujeitos e corpos. Igualmente, o conceito de discurso tem espaço importante, sendo entendido como “práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam” (FOUCAULT, 1986, p. 56). Destaco que o discurso da homofobia circula nos mais diversos espaços produzindo efeitos sobre os corpos, demandando posições de sujeito, seja nos filmes, nas novelas, na escola, na família, na religião, na roda de amig@s. O problema central desta investigação é: como os discursos sobre gênero, por meio de discursos homofóbicos, têm demandado corpos normalizados em um padrão heteronormativo nos filmes em análise? Para isso, trago como objetivos específicos: verificar os processos de construção de práticas ditas femininas e masculinas nos filmes investigados; registrar quais marcas são nomeadas e classificadas como “normais” às posições de gênero; identificar quais posições de sujeito generificados são demandadas e produzidas em atividades cotidianas nos filmes em questão; investigar como se expressam as desigualdades de gênero nos longametragens pesquisados; analisar quais mecanismos, técnicas e estratégias de poder são utilizadas no reforço à homofobia nessas obras cinematográficas; identificar e analisar possíveis tentativas de apagamento de marcas homossexuais ou escapes nas personagens dos filmes. O argumento central é de que há uma reiteração do padrão heteronormativo no currículo dos filmes investigados mesmo quando se percebe uma suposta tentativa de romper com padrões tidos como ideais e normais. Desse modo, soma-se ao discurso homofóbico e

heteronormativo, por exemplo, discursos biologicistas, religiosos, psicológicos e moralistas, demandando posições de sujeito heterossexuais.

**Palavras-chave:** Homofobia. Gênero. Heteronormatividade. Posições de sujeito. Poder.

## ABSTRACT

The present dissertation analyzes how the homophobic discourses circulating in the curricula of the films “Billy Elliot (England, 2000)”, “Carol (United Kingdom / United States, 2015)”, “C.R.A.Z.Y. - Madras de Amor (Canada, 2005)” and “Madame Satã (Brazil, 2002)”, demand normalized bodies in a heteronormative pattern and what effects they have on the characters. I take as a methodology the analysis of the discourse, inspired by Foucault. The analyzes will be carried out through the speeches, the scenes, the sounds, the images, the explicit and silenced things. As well as some concepts – curriculum, gender, homophobia, heteronormativity, norm, discourse, knowledge-power relations and subjectivation processes and subject positions – were chosen as theoretical-conceptual tools for this research. In theoretical terms, this dissertation was inscribed in the field of Cultural Studies, in the version of post-critical curriculum studies. Thus, the central concept of research is curriculum, it is understood that it teaches ways of being, thinking and acting to people, as well as producing certain types of subjects and bodies. Likewise, the concept of discourse has important space, being understood as “practices that systematically form the objects of which they speak” (Foucault 1986: 56). I emphasize that the discourse of homophobia circulates in the most diverse spaces producing effects on the bodies, demanding positions of subject, be it in the movies, novels, school, family, religion, the wheel of friends. The central problem of this research is: how have gender discourses, through homophobic discourses, demanded normalized bodies in a heteronormative pattern in the films under analysis? For that, I have as specific objectives: to verify the processes of construction of so-called feminine and masculine practices in the investigated films; Register which brands are named and classified as “normal” to gender positions; Identify which generalized subject positions are demanded and produced in daily activities in the films in question; To investigate how gender inequalities are expressed in the studied films; To analyze which mechanisms, techniques and strategies of power are used to reinforce homophobia in these cinematographic works; Identify and analyze possible attempts to erase homosexual marks or escapes in the characters of the films. The central argument is that there is a reiteration of the heteronormative pattern in the curriculum of the investigated films even when one perceives an alleged attempt to break with patterns considered as ideal and normal. In this way, it adds up to the homophobic and heteronormative discourse, for example, biological, religious, psychological and moral discourses, demanding heterosexual subject positions.

**Keywords:** Homophobia. Genre. Heteronormativity. Subject positions. Power.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Billy Elliot .....	26
Figura 2 – Carol .....	29
Figura 3 – C.R.A.Z.Y. – Loucos de amor .....	32
Figura 4 – Madame Satã .....	34



## **LISTA DE SIGLAS**

AFI – American Film Institute

AIDS – Acquired Immunodeficiency Syndrome

GGB – Grupo Gay da Bahia

GT – Grupo de Trabalho

GT12 – Grupo de Trabalho 12

GT23 – Grupo de Trabalho 23

LGBT – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais

LGBTQI – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Queer e Intersexual



## SUMÁRIO

---

<b>APRESENTAÇÃO</b>	<b>25</b>
<b>CAPÍTULO 1</b>	
<b>HOMOFOBIA EM QUESTÃO: O QUE SE ENSINA E SE APRENDE NOS FILMES</b>	<b>33</b>
1.1 Concepção sobre gênero e homofobia no currículo dos filmes	34
1.2 Sinopsando Billy Elliot	39
1.3 Apresentando Carol	41
1.4 C.R.A.Z.Y. – Loucos de amor em sinopse	45
1.5 Madame Satã em apresentação	48
1.6 Arrematando as apresentações	50
<b>CAPÍTULO 2</b>	
<b>PERCORRENDO A ANÁLISE DO DISCURSO</b>	<b>53</b>
<b>CAPÍTULO 3</b>	
<b>FERRAMENTAS TEÓRICO-CONCEITUAIS</b>	<b>59</b>
3.1 Currículo, processos de subjetivação e relações de poder	59
3.2 Gênero, homofobia, norma e heteronormatividade	62
3.3 Homofobia, discurso e posições de sujeito	67
<b>CAPÍTULO 4</b>	
<b>A PRODUÇÃO DO SEXO EM CARTAZ: ESTRELANDO O DISCURSO BIOLOGICISTA</b>	<b>71</b>
4.1 Trailer: a heteronormatividade como tentativa de controle dos corpos	73
4.2 Trilha sonora: a cura da homossexualidade	79
4.3 Claquete: o discurso religioso em ação	82
4.4 Tomada final: o discurso biologicista e as reticências	86

## **CAPÍTULO 5**

<b>HOMOSSEXUAL ENRUSTID@: A INVENÇÃO DE UMA ANORMALIDADE</b>	<b>89</b>
5.1 A homofobia internalizada: que roupa devo usar? A do desejo ou a da culpa?	<b>90</b>
5.2 Na gaveta do armário está o padrão normalizado?	<b>93</b>
5.3 Cabides da moralidade	<b>98</b>
5.4 O casaco da resistência	<b>102</b>
5.5 Encostando uma porta	<b>105</b>
<b>INFERÊNCIAS</b>	<b>107</b>
<b>O QUE POSSO DIZER DA PESQUISA</b>	<b>107</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>115</b>

## APRESENTAÇÃO

O corpo diz o que as palavras não podem dizer (GRAHAM, 1991, p. 8).

Será isso mesmo verdade? Estaria essa epígrafe correta? As marcas de um corpo dizem ou não dizem o que as palavras poderiam expressar? Poderiam? Já dizia Foucault (1996), não existe uma verdade absoluta, existem discursos divulgados e que são historicamente construídos (FOUCAULT, 1996) que produzem verdades. A imagem de um corpo que expressa marcas, traços ditos masculinos e/ou femininos, não define se é um corpo de homem ou de mulher. Aprisionar o corpo na imagem significa colocar em discussão não apenas a binaridade, mas o sentido do verbo ser principalmente quando ele é utilizado para dizer que se é isso ou se é aquilo (TIBURI, 2016). Acredito que estar é o termo que mais se aproxima de uma adequação para referir-se à posição que o sujeito ocupa, pois “ser” engessa, captura, enquanto “estar” traz a idéia de um tempo e uma verdade que sempre estará em movimento, já que somos constituídos todos os dias, transpassados por vários discursos, várias verdades.

Na mesma direção do “estar”, gênero está aqui apresentado “como um fenômeno contextual e inconstante” (BUTLER, 2016, p. 32-33). Ou seja, é compreendido nesta investigação como um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, sendo assim uma construção social e histórica dos sexos (SCOTT, 1990). É então produzido nas práticas sociais e ao longo da vida, de modo que a mídia – filmes, redes sociais, televisão – tem se ocupado em divulgar padrões hegemônicos de masculinos e femininos, de um modo “correto” de ser, de falar, de andar, de vestir, de comportar, de pensar, estabelecendo padrões a serem seguidos.

A mídia tem ocupado espaço extraordinário na sociedade, incluindo o campo educacional e “[...] [provavelmente] as pessoas envolvidas no processo educativo [...] [professor@s<sup>1</sup>, alun@s, funcionári@s] se relacionam com ela, [...] [talvez] pela presença ostensiva que os materiais midiáticos têm nas instituições escolares” (SILVA, M., 2012, p. 1). Diante disso, considerando que a função de educar vem sendo, na contemporaneidade,

---

<sup>1</sup> Utilizo “@” para uma escrita genericada. Ou seja, o @ representará aqui todos os gêneros e não apenas o masculino, usual na língua portuguesa. Isso se justifica pela importância da ruptura com o binarismo existente também na linguagem escrita.

compartilhada pela mídia (GREEN; BIGUM, 1995), analisar artefatos midiáticos se torna importante. Sabendo-se, igualmente, que o que se ensina e aprende sobre gênero está na escola, mas também está na mídia, esta investigação toma como objeto de análise o currículo de quatro filmes: “Billy Elliot” (Inglaterra, 2000), “C.R.A.Z.Y. - Loucos de Amor” (Canadá, 2005)”, “Carol” (Reino Unido/Estados Unidos, 2015), e “Madame Satã” (Brasil, 2002) e como sujeitos da pesquisa as personagens dos filmes aqui citados.

Os filmes são aqui compreendidos como um currículo cultural que ensina “modos de ser, estar e fazer considerados adequados e desejáveis” (PARAÍSO, 2002, p. 96). Esses filmes abordam questões de gênero, especialmente, sobre homofobia – sua presença e os escapes a ela. A tentativa de imposição do padrão heteronormativo é um mecanismo que reforça a homofobia, que pode ser compreendida “como a discriminação contra as pessoas que mostram, ou a quem se atribui, algumas qualidades (ou defeitos) atribuídos a outro gênero. A homofobia engessa as fronteiras do gênero” (WELZER-LANG, 2001, p. 465). É importante dizer que ao mencionar, no texto, o termo homofobia estarei também considerando a lesbofobia e a transfobia.

O padrão heteronormativo caracteriza a heteronormatividade, ou seja, “a obsessão com a sexualidade normalizante, através de discursos que descrevem a situação homossexual [bissexual e transexual] como desviante” (BRITZMAN, 1996, p. 79). A tentativa de imposição da heteronormatividade está divulgada no currículo dos filmes analisados. Ao se impor a heterossexualidade como norma inicia-se um “processo de regulação da vida dos indivíduos e das populações” (CASTRO, 2016, p. 309). Uma vez que “a norma refere os atos e as condutas dos indivíduos a um domínio que é, ao mesmo tempo, um campo de comparação, de diferenciação e de regra a seguir” (CASTRO, 2016, p. 310), incidem-se regulações no sentido de uma escolha de forma que, “a sexualidade se torna um instrumento de poder e controle dos corpos” (CARVALHAR, 2010, p. 34).

Esse controle está presente nas relações de poder instituídas no currículo dos filmes mencionados, pois essas relações estão representadas nas tentativas de imposição de padrões heteronormativos em concomitância com as resistências e escapes das personagens. Essas tentativas estão exemplificadas em afirmações presentes nos roteiros como: “*Ballet é uma atividade para meninas*”. “*Boxe é um esporte para garotos fortes e machos*”. “*Billy Elliot, você é uma vergonha para essas luvas, para seu pai e para as tradições dessa academia de boxe*”. “*Vá para o saco de bater. Você só vai embora na hora que fizer corretamente*”! [Fragmentos das falas do professor de boxe no Filme “Billy Elliot”]. “*Vocês estão vivendo*

*num mundo de boiolas?*” [Fragmentos das falas do pai de Zac no Filme “C.R.A.Z.Y. – Loucos de Amor”]. “*Homem que é homem se defende na canhota!*” [Fragmentos do filme “Madame Satã”]. “*Se ele não puder ter a mim, não poderei ver minha filha.*” [Fragmentos das falas de Carol no Filme “Carol”]. Essas e tantas outras enunciações<sup>2</sup> de mesmo teor estão presentes no currículo dos quatro filmes analisados, o que não é diferente das muitas que são ditas no dia a dia: “*Mulher que gosta de futebol é sapata.*”, “*Meninas são delicadas e meigas.*”, “*Mariquinha é quem chora, pois homem que é homem não chora.*”. Essa tentativa de controle dos corpos, através dos discursos heteronormativos, somada às expressões de violência, raiva, ojeriza e desdém contra homossexuais, transexuais, bissexuais e transgêneros aguçaram o meu desejo de realizar essa pesquisa.

O interesse em escolher o tema dessa pesquisa surgiu em um conversa inicial com minha orientadora, quando inicialmente eu pretendia pesquisar formação de professor@s. No meu primeiro contato com ela foi dito que embora a sua pesquisa atual fosse sobre gênero que eu estaria livre para pesquisar o tema que eu desejasse e ela me orientaria. No momento em que ela relatou sobre a sua pesquisa de gênero começou a aguçar em mim a curiosidade em conhecer melhor sobre a temática. De imediato perguntei: Posso pesquisar homofobia? Ela disse: Claro! Pode pesquisar o que desejar! Fui-me embora para pensar o que eu realmente pretendia pesquisar. Diante disso comecei a pensar o tanto que poderia ser mais rica a pesquisa de gênero na escola do que o meu tema até então em mente. Comecei a ler e escrever um projeto de pesquisa que era nomeado “Discursos homofóbicos na escola: posições de sujeito demandadas e divulgadas no currículo de uma escola de Montes Claros”. Segui com essa pesquisa até o momento que encontrei dificuldade com a autorização da pesquisa pelo Comitê Ético de Pesquisa da UFVJM, que argumentou ser um tema “tabu” para ser tratado com crianças do 1º ao 5º ano que eram os sujeitos da minha pesquisa juntamente com docentes e funcionári@s da escola. Diante desse impasse para a pesquisa optei por pesquisar filmes. Assim, o currículo não escolar ganhou o destaque que aqui apresento.

No que diz respeito à minha inquietação profissional, enquanto pedagoga atuante, percebi nas práticas curriculares da escola o quanto os vários tipos de violência manifestados contra as pessoas que fogem a um padrão heteronormativo estão também presentes nos filmes. Logo, analisar os corpos normalizados em um padrão heteronormativo no currículo

---

<sup>2</sup> Para contextualizar e diferenciar enunciado e enunciações, Foucault (1986, p. 114), diz que “há enunciação cada vez que um conjunto de signos é emitido”, isto é, sempre que se produz uma frase, fala, gesto ou proposição que compõe um texto há enunciação. No entanto, “uma série de signos se tornará enunciado com a condição de que tenha com 'outra coisa' [...] uma relação específica que se refira a ela mesma – e não à sua causa, nem a seus elementos” (FOUCAULT, 1986, p. 100).

dos filmes é também estar atenta à constituição dos sujeitos nos mais diversos espaços. Sobretudo quando se sabe o quanto a mídia está presente também na escola.

Diante do exposto, eis o problema central desta pesquisa: como os discursos sobre gênero, por meio de discursos homofóbicos, têm demandado corpos normalizados em um padrão heteronormativo nos filmes<sup>3</sup> em análise? Soma-se a esta questão algumas outras problematizações, dentre as quais se destacam: quais discursos sobre gênero produzem relações de homofobia nesses filmes? Quais relações de poder-saber são identificadas neles no que diz respeito à homofobia? Quais as posições de sujeito demandadas e divulgadas nas obras em análise? Como são construídos, no âmbito desses filmes, padrões heteronormativos? Que mecanismos de controle dos corpos podem ser identificados e que efeitos têm sobre as personagens? Quais resistências e escapes por parte das personagens são percebidos nos longas-metragens analisados? Tais questionamentos nortearam a pesquisa, de modo que, novas indagações e (des)caminhos a trilhar surgiram no percurso, característico da pesquisa pós-crítica.

Em termos teóricos, esta dissertação se inscreveu no campo dos Estudos Culturais, na versão dos estudos pós-críticos de currículo. Nessa linha de pensamento, o currículo é aqui entendido como “prática de significação” (SILVA, T., 2010, p. 13), um espaço de confronto entre discursos que em meio a relações de poder e saber divulgam suas verdades. O discurso está aqui compreendido como “práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam” (FOUCAULT, 1986, p. 56). Uma vez que “o discurso é sempre [produzido] em razão de relações de poder” (FISCHER, 2001, p.199). Essas produções de discursos nas relações de poder são constituídas pelo poder que funciona “como um domínio de relações estratégicas entre indivíduos” (FOUCAULT, 1997, p. 110) e pelo saber que é “o espaço em que o sujeito pode tomar posição para falar dos objetos de que se ocupa em seu discurso” (FOUCAULT, 2013, p. 220). Para as análises empreendidas ao longo da pesquisa, os conceitos centrais eleitos foram: currículo, gênero, homofobia, heteronormatividade, norma, discurso, relações de saber-poder, processos de subjetivação e posições de sujeito. O argumento central desta investigação é o de que há uma reiteração do padrão heteronormativo nos currículos dos filmes investigados mesmo quando se percebe uma suposta tentativa de romper com a homofobia. Existe, dessa forma, uma tentativa de normalização dos corpos. A normatização e

---

<sup>3</sup> Os filmes são vistos por um número ilimitado de pessoas, visto que “[...] [a] película que se bota na máquina e sobre a qual se imprime a imagem é um negativo que, após a filmagem, será revelado e montado para se chegar a uma *matriz*, da qual se poderá tirar uma quantidade em princípio ilimitada de *cópias*. Esse fenômeno permite que o mesmo produto - o filme - seja apresentado simultaneamente numa quantidade em princípio ilimitada de lugares para um público ilimitado” (BERNARDET, 2010, p. 13).

a normalização são conceitos distintos, sendo a normatização ligada às leis e a normalização às condutas (CASTRO, 2016, p. 309-310). E é a segunda que, sobretudo, nos interessa neste trabalho. Foucault (2005) pondera que a sociedade de normalização se constitui em uma sociedade em que se cruzam a norma disciplinar – na qual ocorre o controle e adestramento dos indivíduos, o que resulta no controle dos corpos, das maneiras de ser e agir dos indivíduos e a norma da relação – que é inerente aos fenômenos da vida biológica.

Objetivando conhecer melhor o tema escolhido, realizei uma pesquisa bibliográfica<sup>4</sup> no site da Associação Nacional de Pós-Graduação em Educação – ANPEd<sup>5</sup>, sobre a temática “Gênero e homofobia” no Grupo de Trabalho 23 (GT23): “Gênero, Sexualidade e Educação” e “Currículo e mídia” no GT 12: “Currículo”, para melhor compreender o meu objeto de análise. No período entre 2004 e 2013<sup>6</sup> foram publicados 173 artigos. No grupo de trabalho “Gênero, Sexualidade e Educação - GT23”, selecionei cinquenta e cinco trabalhos para análise, e no grupo de trabalho “Currículo – GT12” selecionei dois. A busca dos textos se deu por meio das palavras-chave: gênero, homossexualidade, homofobia, sexualidade, espaço escolar e filmes, encontradas nos títulos dos artigos. Primeiramente foi feita a leitura dos resumos e quando tive dúvida sobre o que abordavam e em qual perspectiva, li os textos na íntegra, o que me permitiu identificar a existência de um número pequeno de trabalhos sobre a temática homofobia na educação e nenhum trabalho que tratasse da homofobia em filmes foi encontrado no GT de “Gênero, Sexualidade e Educação - GT23” da ANPEd. Ao pesquisar o GT de “Currículo – GT12” para buscar a mídia – cinema e filmes – no currículo localizei apenas três trabalhos que, embora trouxessem cinema, filme e currículo como centrais, não abordavam a homofobia que tomo como objeto de análise.

Ao realizar a leitura dos trabalhos percebi que apesar de parte dos autores<sup>7</sup>, tomarem como objeto de investigação as relações de gênero e abordarem questões inerentes à homofobia, ao discorrerem sobre a homossexualidade e a heteronormatividade, apenas dois trabalhos apontam a homofobia como foco central. Um desses dois trabalhos foi intitulado “Não temos que lidar com isso. Aqui não há gays nem lésbicas! – estados de negação da

---

<sup>4</sup> Pesquisa realizada no site <http://www.anped.org.br/>. Acesso em: 06 set. 2015.

<sup>5</sup> A Associação Nacional de Pós-Graduação em Educação – ANPEd, constitui-se em uma associação sem fins lucrativos que congrega programas de pós-graduação *stricto sensu* em educação, professores e estudantes vinculados a estes programas e demais pesquisadores da área.

<sup>6</sup> Esse período foi eleito para que fosse feito um levantamento das últimas pesquisas acerca da temática no período de dez anos (2004-2013). Além disso, é pertinente dizer que, o fato de passar a ter reuniões de dois em dois anos, foi o que justificou a escolha do encerramento do período para a pesquisa no site <http://www.anped.org.br/> em 2013. Acesso em: 06 set. 2015.

<sup>7</sup> NETO (2004), FERRARI (2006), OLIVEIRA; MORGADO (2006), BRAGA (2010), BASSALO (2011), SÁ-SILVA; EGGERT (2013) e MARTINS; ROSA (2013).

homofobia nas escolas”, de autoria de Rogério Diniz Junqueira (2009). O trabalho analisou estratégias discursivas adotadas por agentes públicos, colocadas diante de propostas voltadas a promover o reconhecimento da diversidade sexual nas escolas, de modo que nos contextos analisados, não apenas resplandecem ditames da heteronormatividade, mas revelam um “estado de negação” em relação às parcialidades geradas pela homofobia nas escolas. O outro trabalho apresentou como título “Percepções docentes sobre a homofobia na escola: entre dissonâncias e continuidades” da autora Liane Kelen Rizzato (2012). Esse artigo apresentou resultados parciais de uma pesquisa de mestrado intitulada “Percepções de professores/as sobre gênero, sexualidade e homofobia: articulações entre formação continuada e relatos da prática docente” (2012), realizando uma breve discussão a respeito das percepções de professor@s sobre a homofobia na escola.

A partir dessa pesquisa bibliográfica, no GT12 e GT23, percebi a necessidade de estudos que discutam gênero e homofobia, já que o número de construções nas linhas de “Currículo” e “Gênero, Sexualidade e Educação” é limitado. É perceptível ainda com essa pesquisa no GT12 que os trabalhos que tinham cinema/filmes como objeto de análise – “O cinema como objeto de saber/poder no currículo: o que nos dizem as homogeneidades e oposições intrínsecas do discurso da rede pública de ensino da cidade do Recife?” de autoria de Maria do Rozário Azevedo da Silva (2011) e “A infância no currículo de filmes infantis de animação: poder, governo e subjetivação dos/as infantis” de autoria de Maria Carolina da Silva (2010) – não tomam como foco a homofobia nos filmes. Daí pode-se perceber a insuficiência de trabalhos que tomam como objeto de análise e os discursos homofóbicos de uma forma geral e, em especial, nos filmes.

A homofobia perpassa o currículo dos quatro filmes analisados nessa investigação, sendo a homossexualidade apontada como algo “errado” ou ainda a ser “tolerado”<sup>8</sup>. Diante da definição de tolerância, indago: quem precisa ser tolerado? O fato do sujeito assumir-se como homossexual precisa ser tolerado? Então cabe também ao heterossexual ser tolerado? Não, pois não há nada a ser tolerado. Visto que, o sujeito pode ocupar a posição de sujeito que desejar independente do que as demais pessoas pensem ou tenham como verdades. Tolerar significa suportar, consentir. Logo, afasto inclusive da minha escrita a utilização desta palavra, comum nos discursos homofóbicos que tentam se camuflar. Assim, a

---

<sup>8</sup> Tolerância é definida pelo dicionário Michaelis como: tolerância: to-le-rân-ci-a (sf) 1 Qualidade ou condição de tolerante; cachimônia, paciência. 2 Ato ou efeito de tolerar, de admitir ou de aquiescer [...]. 3 Capacidade de suportar dor ou dificuldades.4 [...]. 5 [...]. 6 Atitude liberal de quem reconhece aos outros o direito de manifestar opiniões ou revelar condutas diferentes das suas ou até diametralmente opostas a elas [...].

heterossexualidade é vista como a única organização de gênero legítima e aceitável. Isto posto, intencionei buscar estratégias para conhecer e analisar determinados discursos, posições de sujeito – homossexual, bissexual, travesti e heterossexual – ocupadas e demandadas bem como mostrar narrativas sobre as questões de gênero nos filmes, em especial, a homofobia. Nessa perspectiva de compreender os discursos de gênero que circulam no currículo dos filmes, e também analisar os discursos homofóbicos presentes nos filmes em questão, optei pela análise do discurso como metodologia analítica. As análises serão realizadas por meio das falas, das cenas, dos sons, das imagens, nas coisas explícitas e silenciadas. Embora não exista uma metodologia única e eficaz para se realizar uma pesquisa, a escolha da análise do discurso como metodologia nessa pesquisa justifica-se por ser capaz de dar conta de relações históricas e práticas, permitindo interrogar as coisas ditas e não ditas que estão presentes nas verdades divulgadas.

Ao serem divulgadas verdades, há uma tentativa de imposição de normas e padrões a seguir nos diversos espaços na sociedade. Tais tentativas precisam ser repensadas e discutidas para que se conquiste uma educação não sexista e um não engessamento dos corpos. Os filmes aqui analisados constituem-se como espaço de divulgação de discursos e de produção de significados sobre gênero, de modo que reforçam a tentativa de disciplinarização dos corpos. É válido afirmar, que embora haja essa tentativa de disciplinarização, nos filmes há uma ruptura desse padrão quando as personagens se mantêm nas posições de sujeito que desejam ocupar, ou seja, mesmo com a reiteração da heterossexualidade as personagens a escapam.

Esta dissertação está organizada em seis capítulos. No Capítulo I contextualizo a homofobia, apontando o que se aprende e se ensina nos quatro filmes em análise, trago ainda nesse capítulo a síntese desses longas-metragens, apontando recorrências dos discursos que neles circulam, bem como as concepções e significações sobre gênero e homofobia nos filmes. No Capítulo II discorro sobre os caminhos metodológicos que percorri. No Capítulo III apresento as ferramentas teórico-conceituais – currículo, gênero, homofobia, heteronormatividade, norma, discurso, relações de saber-poder, processos de subjetivação e posições de sujeito. No Capítulo IV escrevo acerca do discurso biologicista, percebido nos filmes, reforçado pelo discurso religioso e pela heteronormatividade. Por conseguinte, apresento o discurso homofóbico para reforçar a normalização dos corpos e produzir o que chamo de homossexualidade enrustida no Capítulo V. E, então, trago o capítulo que nomeio de Inferências, no qual apresento as considerações finais sobre essa pesquisa.



## CAPÍTULO 1

---

### **HOMOFOBIA EM QUESTÃO: O QUE SE ENSINA E SE APRENDE NOS FILMES**

Os filmes são uma fonte de conhecimento (SILVA, R., 2007, p. 50).

Como fonte de conhecimento, os filmes constituem-se como espaço de pesquisa, espaço no qual discursos religiosos, homofóbicos, machistas e biologicistas circulam, bem como determinadas posições de sujeito são demandadas e divulgadas. A mídia e seus artefatos, como o caso dos filmes, de forma, geral, fabricam modos de ser, já que “ocupa uma posição dominante no que diz respeito à maneira pela qual as relações sociais e os problemas políticos são definidos” (HALL, 2014, p. 118). Além disso, “existe um verdadeiro deslocamento da escola para a mídia, como “educadora eletrônica” das novas gerações” (PARAÍSO, 2000, p. 4), bem como se faz necessário pensar o currículo em outros ambientes educativos (PARAÍSO, 2000), dentre esses ambientes elenquei os filmes como espaço de pesquisa. Nesse aspecto, “a mídia vem ensinando às pessoas modos de ser, estar e se portar no mundo, conhecimentos de si mesmo e dos outros, valores, normas e procedimentos” (PARAÍSO, 2000, p. 4). O estabelecimento de normas e modos de ser, da mesma maneira que a resistência às regras, como as de cunho homofóbico, se fazem presentes nos filmes escolhidos para análise.

Destaco que o cinema é “uma arte específica [...] [e] funciona [...] [em um] contexto cultural” (LAGNY, 2009, p. 125), visto que “os filmes [...] nos levam a repensar a historicidade da própria história, através da reflexão que eles impõem sobre as modalidades de narrativas, assim como a propósito da questão do tempo, tanto quanto a própria relação entre realidade e representação [...] na história” (LAGNY, 2009, p. 100). Em outras palavras, para Lagny (2009), o cinema, por meio dos filmes, é uma fonte histórica carregada de significações. Isto é, os filmes são compreendidos com base na percepção que temos deles e do que eles representam (LAGNY, 2009). O cinema “é antes de tudo um espetáculo e, salvo exceções, o filme não é concebido para ser um documento histórico” (LAGNY, 2009, p. 111). Machado (2004, p. 4), por sua vez, enfatiza que não é foco do mercado “questões essenciais

da arte, como o estranhamento, a incerteza, a indeterminação, a histeria, o colapso, o desconforto existencial [e sim o público] que não perfura limites, nem perturba os padrões estabelecidos”. Destarte, ao acreditar que não podemos nos deixar escravizar por uma norma (MACHADO, 2004), me permiti enxergar nas obras analisadas personagens que são resistentes às normas que a sociedade em que vivem produzem. Isso nos mais diferentes contextos e tempos históricos.

É relevante dizer que os filmes, entendidos como um currículo cultural, “transmitem uma variedade de formas de conhecimento que embora não sejam reconhecidos como tais são vitais na formação de identidades e subjetividades” (SILVA, T., 2015, p. 140). Destaco, que todo currículo é cultural, uma vez que se produz nas relações sociais, nas relações de poder-saber (SILVA, M., 2008). Os filmes, assim como as instituições educacionais, também educam. As obras cinematográficas em um primeiro momento são exibidas nas telas dos cinemas e, posteriormente, exibidos na televisão, embora nem todas cheguem à televisão aberta, tornando-se, assim, artefato de amplo acesso, mesmo que não sejam acessíveis a toda a população em um primeiro momento (SILVA, M., 2008). Cabe ressaltar que os filmes também inserem-se no espaço educacional, “seja porque se ampliou, nos meios educacionais o reconhecimento de que, em ambientes urbanos, o cinema desempenha um papel importante na formação cultural das pessoas” (DUARTE, 2001, p. 86), ou mesmo pelo fato do cinema ter se tornado uma prática comum na sociedade atual, ainda que não seja de acesso a tod@s.

Para contextualizar o objeto de pesquisa investigado – como discursos homofóbicos que circulam nos filmes “Billy Elliot” (2000), “Carol” (2015), “C.R.A.Z.Y. - Loucos de Amor” (2005) e “Madame Satã” (2002) demandam corpos normalizados em um padrão heteronormativo e que efeitos têm sobre as personagens – realizei um recorte no que diz respeito ao gênero, pois, bem sei que, as relações de gênero permitem um leque extenso de questionamentos. Para fins dessa pesquisa abordo as concepções de gênero e homofobia na próxima seção.

### **1.1. Concepção sobre gênero e homofobia no currículo dos filmes**

Todo preconceito impede a autonomia do [sujeito], ou seja, [tenta diminuir] sua liberdade relativa diante do ato de escolha [...] (HELLER, 1992, p. 59).

A sociedade machista, ao gerar atitudes preconceituosas à quel@s que não seguem padrões heteronormativos, tenta inferiorizar essas pessoas e silenciá-las. O preconceito inibe o indivíduo de expressar suas escolhas e modos de ser, ou melhor, de “estar”. Não é isso? Eu sou ou estou? Tu és ou estás? El@ é ou está? Nós somos ou estamos? Vós sois ou estais? El@s são ou estão? Afinal somos ou estamos? Estamos. Visto que as posições de sujeito não são fixas. O currículo dos filmes, aqui elencados para essa pesquisa, traz exatamente os discursos de gênero que neles circulam, em especial os homofóbicos.

Pensar em gênero, na perspectiva de Butler (2016), é acreditar que o gênero é construído pelos significados culturais que o corpo sexuado assume, de modo que “não se pode dizer que ele decorra desta ou daquela maneira” (BUTLER, 2016, p. 26). Assim, o sexo e gênero não são irremovíveis, já que “o gênero é culturalmente construído: consequentemente, não é nem o resultado causal do sexo nem tampouco tão aparentemente fixo quanto o sexo” (BUTLER, 2016, p. 26). Para tanto, gênero é concebido como construção histórica, cultural, dinâmica, sendo que com tal construção, os indivíduos interpretam-se, constroem comportamentos de distintos tipos. Visto que

[...] cada sociedade tem seu regime de verdade, sua “política geral” de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro (FOUCAULT, 2007, p. 9).

Isso indica que “o poder produz saber [...], não há relação de poder sem constituição correlata de um campo de saber, nem saber que não suponha e não constitua ao mesmo tempo relações de poder” (FOUCAULT, 2010, p. 30). Em consequência disso, há saber nas relações de poder, pois os regimes de verdade na sociedade são produzidos por meio de linguagens e comportamentos, onde se dão as relações de poder. São nessas relações que os escapes e as resistências também se evidenciam, o que pode ser percebido com as personagens dos filmes que assumem as verdades que consideram pertinentes e se apropriam delas, tais como – no filme “Madame Satã” (2002) João Francisco assume-se travesti, no filme “Carol” (2015) as personagens Carol e Therese assumem o relacionamento homoafetivo, no filme “Billy Elliot” (2000), Billy segue seu desejo de praticar *ballet* e Zac assume sua homossexualidade no filme “C.R.A.Z.Y. - Loucos de Amor” (2005).

Diante da tentativa de imposição dos regimes de verdade sobre gênero, que reforçam a homofobia, surgem com base nos costumes ditos morais, interesses e crenças de determinada

cultura. Isto posto, a sociedade tenta ensinar certas concepções, fazendo com que algumas condutas e formas de comportamento, diferenciadas pelo sexo, sejam aprendidas e interiorizadas, tornando-se quase “naturais” (LOURO, 1997).

Dessa forma, a naturalização da heterossexualidade tão fortemente construída talvez funcione como um empecilho para notar que nos diversos espaços expostos nos filmes, “onde convivem meninos e meninas, rapazes e moças, eles e elas se movimentam, circulam e se agrupam de formas distintas” (LOURO, 1997, p. 56). Diante disso, as posições de sujeito homossexual, bissexual e travesti, consideradas “anormais”, passam a ser repudiadas e resultam em preconceito, tanto na sociedade como nos filmes que dela fazem parte, já que a heterossexualidade é definida como “norma invisível relativamente à qual as outras formas de sexualidade, sobretudo a homossexualidade, são vistas como um desvio, como uma anormalidade” (SILVA, T., 2015, p. 106). Portanto, a homossexualidade é definida como um desvio da sexualidade dominante e é tida como anormal. Discursos religiosos, biológicos, heteronormativos reforçam concepções preconceituosas e incitam a violência à diversidade sexual nos filmes “C.R.A.Z.Y. - Loucos de Amor” (2005) vivenciadas por Zac, Carol e Therese no filme “Carol” (2015), João Francisco no filme “Madame Satã” (2002) e no filme “Billy Elliot” (2000) a personagem Billy – que embora assuma-se heterossexual realiza o *ballet* que no padrão normalizador é tido como atividade de menina ou de homossexual.

Pensando no gênero historicamente, “podemos entender melhor nossa identidade de *gênero* se explorarmos os contextos históricos e sociais dos quais a identidade de *gênero* emerge, e vice-versa” (SABO, 2002, p. 45). Gustavo Venturi (2009), em seu artigo “Diversidade sexual e homofobia no Brasil - Intolerância e respeito às diferenças sexuais”, propôs investigar comportamentos discriminatórios de valores e atitudes preconceituosos no que dizia respeito à orientação sexual das pessoas. Além disso, ele apontou a necessidade de elaboração de políticas públicas focadas na criminalização da homofobia. A ausência de políticas públicas com esse foco é uma realidade que evidencia o descaso da sociedade brasileira e de seus governantes com a situação de preconceito. Isso fica evidente, por exemplo, quando é exposto por Venturi (2009) que é pouco conhecido o programa da Secretaria Especial de Direitos Humanos da Presidência da República, criado em 2004, *Brasil sem Homofobia*, já que detectou em sua pesquisa que “apenas 10% da população (2% dizem conhecê-lo de fato e 8% já ouviram falar)” (VENTURI, s/p, 2009). A pesquisa de Venturi (2009) é um exemplo de que há muito por fazer, em termos de políticas públicas, para tornar realidade o *não a homofobia*. Diante de tal situação é perceptível que urge a criação de uma

legislação que trate a homofobia como crime. A sua criminalização da embora não configure na extinção da mesma, contribuirá para minimizá-la e punir aos homofóbicos.

A homofobia é ensinada e consentida nos filmes, nas casas, nos clubes, “na escola, [ela] expressa-se pelo desprezo, pelo afastamento, pela imposição do ridículo” (LOURO, 1999, p. 29). Isto posto, Junqueira (2009) afirma que está lançado o desafio de se “construir indicadores sociais de homofobia nos sistemas escolares para, entre outras coisas, formularmos, implementarmos e executarmos políticas educacionais inclusivas” (JUNQUEIRA, 2009, p. 16). Assim como afirma Ribeiro (2013, p. 41), “a construção [das] significações acontece em diversos espaços e circula em diferentes discursos – político, midiático, educacional –, sendo a escola um dos espaços importantes para essa produção e divulgação”. Visto que, “vale salientar, a fluidez dessas significações, sendo algo em constante processo” (RIBEIRO, 2003, s/p). É importante dizer que assim como a escola possui um currículo, os filmes também, de modo que em ambos os currículos as questões de gênero estão presente sempre, e conseqüentemente a homofobia.

Nesse sentido, a homofobia constitui-se em uma pertinente investigação nos filmes, na escola, na vida, nos diversos ambientes, visto que “as instituições e instâncias culturais mais amplas também têm um currículo [...] [de certa forma] transmitem uma variedade de formas de conhecimento [...]” (SILVA, T., 2015, p. 139-140). É nesse espaço que em meio a relações de poder “ensinam, mesmo sem ter o objetivo explícito de fazê-lo. Dessa forma, diferentes instâncias, artefatos e instituições culturais também têm um *currículo cultural*” (CUNHA, 2011, p. 52).

Junqueira (2009, p. 32) acredita que “o preconceito, a discriminação e a violência que [...] atingem gays, lésbicas e bissexuais e lhes restringem direitos básicos de cidadania [...]” e se agrava quando se direciona a travestis e transexuais. Esses sujeitos “ao construírem seus corpos, suas maneiras de ser, expressar-se e agir, não podem passar incógnitas. Por isso, não raro, ficam sujeitas às piores formas de desprezo, abuso e violência” (JUNQUEIRA, 2009, p. 33), aqui representados nas personagens Zac do filme “C.R.A.Z.Y. – Loucos de Amor” (2005), Carol e Therese no filme “Carol” (2015), João Francisco no filme “Madame Satã” (2002) e Billy Elliot no filme “Billy Elliot” (2000). O estar em situação tida como inferior à heterossexualidade já se constitui como uma forma de preconceito e reforça o desprezo e a repugnância ao outro.

Acredito que “ao demarcar diferenças sejam elas físicas, intelectuais [...] ou culturais demarcam-se também [verdades], desejos, necessidades e formas de (in) exclusões [...],

[permitindo não apenas] nomear maneiras de ser e se comportar [...]” (RIBEIRO, 2013, p. 41), mas ainda de compreender as relações de força, relações de poder em funcionamento no meio social (RIBEIRO, 2013). Há de se convir que, “para que se compreenda o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade importa observar não exatamente seus sexos, mas sim tudo o que socialmente se constitui sobre os sexos” (LOURO, 2014, p. 25). Assim sendo, o discurso heteronormativo está presente nos filmes em questão. Em “Billy Elliot” (2000) está divulgado no preconceito quanto ao fato de meninos optarem por realizar atividades (*ballet*) tidas como femininas, em “Carol” (2015) na não aceitação pela sociedade da existência de um relacionamento homoafetivo entre duas mulheres, em “C.R.A.Z.Y. – Loucos de Amor” (2005) no conflito da personagem Zac para assumir sua homossexualidade, tida como uma anormalidade pela sua família e pela sociedade, e por fim no filme “Madame Satã” (2002) quando João Francisco vive um processo turbulento por assumir-se travesti. Uma vez que os filmes são um currículo cultural, composto de enunciações, discursos, representações e significados que ensinam a construção e o exercício do modelo hegemônico de masculinidade e feminilidade, mas também trazem rupturas, ainda que tímidas.

Nos filmes, essas rupturas aqui também chamadas resistências, desorganizam, ou melhor, “subvertem” a ordem compulsória da binaridade, desfazendo a relação obrigatória entre sexo/gênero/desejo (BUTLER, 2016). Butler (2016, p. 26) acredita que “o gênero é culturalmente construído: conseqüentemente, não é nem o resultado causal do sexo nem tampouco tão aparentemente fixo quanto o sexo”. Ou seja, uma criança ainda na barriga da mãe, por exemplo, se tiver pênis, não será condicionado a sentir atração por meninas. No entanto, ao optar por uma atividade tida como feminina ou masculina, que não atenta à heteronormatividade, não é incomum resultar em críticas que “podem ser feitas ao determinismo biológico” (FILHO, 2009, p. 111). Essas críticas pautam-se no discurso biologicista que reduz-se

[...] a existência de “genes” ou “hormônios” [...] eliminando a complexidade de fatores envolvida na produção dos atos humano-sociais [que] em termos de uma natureza humana biológica fixa, [...] não podem ser compreendidos se não se consideram suas relações com práticas culturais, históricas e sociais, que são dinâmicas e diversas (FILHO, 2009, p. 111).

Esse reducionismo biologicista aponta preconceitos que precisam ser revistos e discutidos. No caso desta pesquisa, o foco está nas pessoas homoafetivas, que ocupam posições distintas dos padrões tidos como corretos, de modo que o currículo dos filmes analisados compõe-se como palco de disputas e de conflitos importantes, pois ele “divulga e

ensina saberes generificados” (CUNHA, 2011, p. 18), bem como “está centralmente envolvido naquilo que somos, naquilo que nos tornamos, naquilo que nos tornaremos” (SILVA, T., 2010, p. 27).

Nessa perspectiva do currículo, os filmes em análise proporcionam um espaço narrativo privilegiado para algum@s enquanto produz ou reforça a desigualdade e a subordinação de outr@s. De maneira que ações mais abrangentes no enfrentamento da violência, do preconceito e de discriminação contra lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, travestis e transexuais são pertinentes (JUNQUEIRA, 2009). Assim, compartilho meu olhar sobre os quatro filmes analisados e as correlações com o contexto histórico do enredo e da divulgação das obras cinematográficas, focalizando os discursos sobre gênero, mais especificamente no viés da homofobia.

## 1.2. Sinopsando Billy Elliot

Figura 1 – Billy Elliot



Fonte: Google - Imagens<sup>9</sup>

Billy Elliot, um corpo masculino no meio de um universo feminino. Apenas observando a figura 1 infiro evidências de quebra de um padrão heteronormativo já que existe um menino na sala de *ballet*, sem falar que ele assume lugar de destaque. Em contrapartida, a

---

<sup>9</sup> Imagem ilustrativa do filme Billy Elliot. Disponível em: <<https://www.google.com/search?q=imagens+do+filme+billy+elliott&biw=1366&bih=640&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&sqi=2&ved=0ahUKEwiI-Ni0hK7RAhVMOiYKHYRCAgUQsAQIGQ>> Acesso em: 06 jul. 2016.

força de um padrão normalizador está reforçada na expressão de Billy, que não demonstra tranquilidade. Ao contrário, parece estar carregada de conflito.

O filme “Billy Elliot” (2000) se passa nos anos de 1980 em uma cidade da Inglaterra. Billy Elliot é um garoto de 11 anos, e vive com seu pai, seu irmão e sua avó que sofre de Alzheimer. Os anos de 1980 são marcados por um momento de epidemia da AIDS<sup>10</sup>. Nos anos de 1980 e 1990 houve uma epidemia na qual “AIDS e homossexualidade eram quase sinônimos”<sup>11</sup>. Diante desse surto, homossexuais, transexuais, bissexuais e transgêneros eram desprezados. Apesar dos avanços conquistados nos movimentos sociais como a Revolução Sexual<sup>12</sup> dos anos 1960 e 1970 acreditava-se que o preconceito homofóbico diminuiria. Contudo, com a propagação da AIDS, os homossexuais, transexuais, bissexuais e transgêneros, passam além de serem discriminados a serem culpabilizados pela contaminação da população. É importante observar que a doença era também realidade de pessoas heterossexuais<sup>13</sup>, embora, nessa época, a sociedade ignorasse esse fato. Ignorar que pessoas heterossexuais também fossem portadoras do vírus da AIDS constitui evidência da sociedade machista e da concepção sobre gênero e homofobia que circulava de forma dominante nos discursos dessa época. A sociedade dos anos 1980 é uma sociedade preconceituosa e machista, e é nesse contexto que Billy vive um conflito de gênero.

As evidências da confusão vivida por Billy se manifestam quando ele decide praticar o *ballet* ao invés do boxe, dois esportes comuns à época, retratados no filme como possibilidade de atividade e lazer para a idade de Billy. Como evidência do pensamento social sobre

---

<sup>10</sup> “AIDS (sigla em inglês – Acquired Immunodeficiency Syndrome) que significa Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (Sida), que é uma doença infecciosa que ataca o sistema imunológico, debilitando o organismo e permitindo que algumas infecções oportunistas, causadas por vírus e bactérias, se instalem com maior facilidade (pneumonia, tuberculose, doenças intestinais, pneumonia, sapinho, herpes simples, tumores como o Sarcoma de Kaposi, dentre outras), pela qual o sistema imunológico do seu portador não consegue proteger o corpo, facilitando o desenvolvimento de moléstias, sendo causada pelos vírus HIV-1 e HIV-2”. Disponível em: <<http://www.portalsaofrancisco.com.br/saude/aids>> Acesso em: 28 dez. 2017.

<sup>11</sup> Como afirma o site “minha vida gay” Disponível em: <<https://minhavidagay.com.br/2012/02/14/a-vida-gay-nos-anos-80-e-90/>> Acesso em: 28 dez. 2016.

<sup>12</sup> Entre os anos 60 e 70 se passou a revolução sexual. O auge desta foi em 1968, o ano das mudanças de maneira geral. Em vários aspectos esse ano transformou o mundo, desde questões políticas até lutas feministas como a pelo direito ao uso da pílula. O estopim da luta ocorreu em maio de 68, quando alunos da universidade de Nanterre lutaram pelo direito de dormir no mesmo dormitório homens e mulheres. As mudanças comportamentais se propagaram por todo mundo. Disponível em: <<http://renatarios.blogspot.com.br/2008/06/revoluo-sexual-de-1968.htm>> Acesso em: 28 dez. 2017.

<sup>13</sup> Na época a doença não tinha nome, ninguém sabia como era transmitida e nem qual era a cura. Vista apenas como um “câncer gay”, ninguém estava muito interessado em descobrir. Demorou muito para o governo americano perceber que o vírus HIV atingia também homens e mulheres heterossexuais. Foi só quando os atingiram que então decidiram fazer alguma coisa. Por causa dessa demora e da intransigência do governo na época, de Ronald Reagan, milhares de vidas se perderam. Disponível em: <<https://www.ideafixa.com/oldbutgold/um-retrato-sincero-de-casais-gays-nos-anos-80>> Acesso em: 28 dez. 2017.

gênero/homofobia o *ballet* era visto como uma atividade realizada unicamente por meninas. Enquanto que o boxe era uma atividade exclusiva para meninos. Atendendo ao desejo do pai, Billy inicia suas atividades no boxe. Contudo, quando acidentalmente vai ao espaço de *ballet* entregar uma chave, seu interesse é manifestado por essa atividade. Ao ver o interesse de Billy pelas aulas, a professora o convida para participar. Embora Billy, inicialmente, resista ao convite, acaba não só participando, mas demonstrando bastante habilidade e destreza, superando suas colegas.

O filme se desenrola basicamente sobre a resistência do pai e da sociedade sobre Billy fazer *ballet*, que na verdade representa a tentativa de determinar padrões. As relações de poder representadas nas falas, nas expressões e nos ambientes onde se passa o filme incitam a discussão sobre papéis e comportamentos pré-determinados aos meninos e às meninas determinados pelo sexo? Nesse sentido, Valenzuela e Gallardo (1999, p. 25), utilizando do pensamento de Alambert (1983), pontua que “as crianças aprendem o sexismo [...] ao se defrontar com a hierarquia do sistema [...], onde os papéis feminino e masculino estão determinados”. Ao se associar homossexuais a determinados comportamentos e determinadas atividades tidas como femininas ou masculinas, reforça-se a homofobia.

A escolha deste filme ocorreu pelo fato do mesmo abordar conflitos inerentes a gênero na adolescência, como é o caso de Billy que ao optar por fazer *ballet* sofre preconceitos. Já que “os homens, ao se aproximarem da dança, parecem já estarem sob suspeita. Como se, ao se tornarem bailarinos, tivessem de tornar pública a sua opção sexual, ou ainda provar que são heterossexuais [...]” (SOUZA, 2007, p. 66). Billy se vê nessa situação de mostrar que dançar *ballet* não implica em estar gay ou não gay, embora determinadas pessoas associassem o fato de meninos dançarem *ballet* à homossexualidade. É justificativa ainda pela escolha do filme “Billy Elliot” (2000) para compor essa pesquisa a sua repercussão<sup>14</sup>.

### 1.3. Apresentando Carol

Figura 2 – Carol

---

<sup>14</sup> Já que foi o grande vencedor da Mostra Internacional de Cinema de São Paulo e foi indicado a três categorias do Oscar (melhor roteiro adaptado, melhor diretor e melhor atriz coadjuvante). Recebeu ainda duas indicações ao Globo de Ouro: melhor filme – drama e melhor atriz coadjuvante e uma indicação ao Cesar, na categoria de melhor filme estrangeiro.



Fonte: Adoro Cinema<sup>15</sup>

Nessa figura destaco que Carol e Therese apresentam características femininas, o que não é esperado para o imaginário de duas mulheres que possuem uma relação amorosa, pois existe a invenção de que em uma relação homossexual, seja ela feminina ou masculina, uma das pessoas assumiria marcar do sexo oposto. Logo, as duas personagens rompem com essa representação.

O filme “Carol” (2015) se passa nos anos de 1950 em Nova York. Carol Aird, atriz principal, é uma mulher de meia idade, casada – na verdade em processo conturbado de divórcio – e tem uma filha com Harge – um machista que não aceita o divórcio. Os anos de 1950 são palco do movimento *Mattachine Society*<sup>16</sup>, que tinha como objetivo lutar por questões inerentes ao gênero e à sexualidade. Esse movimento apresenta os mesmos moldes do movimento homossexual que se iniciou no final dos anos de 1940 em Amsterdam que era tido como a primeira organização que não via a homossexualidade como negativa. Nos anos 1950, a mulher, pode pedir o divórcio – nos Estados Unidos – se desejar, ganha papéis de destaque nos filmes hollywoodianos, passa a ter direito a mesma remuneração salarial quando ocupa a mesma função de um homem, direitos adquiridos como esses, demonstram que a mesma passa a ter voz ativa na sociedade, deixando de ser a mulher que fica relegada aos afazeres domésticos.

---

<sup>15</sup> Imagem ilustrativa do filme Carol. Disponível em: <<http://www.adorocinema.com/filmes/filme-207734/fotos/>>. Acesso em: 05 jan. 2017.

<sup>16</sup> O *Mattachine Society* também se ocupava da construção de espaços de sociabilidade, promovendo discussões em grupo sobre homossexualidade, às vezes acompanhadas de palestras proferidas por psiquiatras e médicos. Ligado à *Mattachine Society*, também nascia nos Estados Unidos, em meados da década de 50, o grupo *Daughters of Bilitis*, direcionado às lésbicas. Disponível em: <[http://www.crp.org.br/portal/comunicacao/cadernos\\_tematicos/11/frames/fr\\_historico.aspx](http://www.crp.org.br/portal/comunicacao/cadernos_tematicos/11/frames/fr_historico.aspx)>. Acesso em: 05 jan. 2017.

Carol representa justamente essa mulher que conquista seu espaço na sociedade. Uma mulher autêntica, vaidosa e muito decidida. Carol não hesitou em assumir o desejo por outra mulher, antes mesmo de seu divórcio. Therese Belivet, a personagem par de Carol, não é o primeiro relacionamento de Carol com uma mulher. O primeiro contato entre Carol e Therese se deu na época do natal quando Carol foi até a loja, na qual Therese trabalhava, comprar um presente para a sua filha Rindy. Therese é uma moça jovem, muito interessada em fotografia e se aventurar como fotógrafa. Therese namora um rapaz de nome Richard que está muito envolvido na relação dos dois, mas ela não demonstra o mesmo envolvimento. A atração entre Carol e Therese é perceptível desde o primeiro encontro e cada vez essa atração se intensifica. O conflito vivido por Carol está na associação entre de ela querer o divórcio, guarda da filha e ter um relacionamento com outra mulher, especialmente, em uma sociedade preconceituosa que não acredita que uma pessoa bissexual possa ter a guarda de uma criança. É nesse conflito que a opressão homofóbica é vista no desenrolar da história das duas personagens que desafiam a sociedade de 1950. O filme foi para a tela dos cinemas em 2015 e gerou reações homofóbicas. Atitudes essas que remetem à rejeição aos sujeitos que não se assumem como heterossexuais. Exemplo disso, é a crença no padrão heterossexual de pessoas como Richard – namorado de Therese – que demonstra resistência à homossexualidade declarando sua contrariedade no que se refere a relação entre Carol e Therese. Isso fica claro no momento em que Therese arruma suas coisas para viajar com Carol, na cena “arrumando as malas”:

**Cena do filme Carol:** A Cena se passa na casa de Therese enquanto ela arruma as malas. Richard e Therese conversam sobre a viagem dela com Carol. Richard diz que Therese nem conhece Carol para estar tão envolvida com ela. Em contrapartida Therese diz ignora as palavras de Richard e o informa que pagou o aluguel e que tinha dinheiro poupado, portanto que pode viajar. Richard diz que o dinheiro era para a viagem deles dois e não dela com Carol e reclama do que está acontecendo no diálogo seguinte:

**Cena do filme Carol:** Diálogo em Richard e Therese.

**Therese:** *Não entendo o que está acontecendo! (Ela demonstra-se confusa.).*

**Richard:** *Você está tendo uma queda por aquela mulher. Você é apenas uma colegial! (Ele grita nervoso!).*

**Therese:** *Não sou! Eu apenas gosto dela. Só isso! Gosto de alguém com quem eu consiga conversar.*

**Richard:** *Ótimo. Sabe o que eu acho. Acho que daqui duas semanas você estará desejando isso e ela não. Ela vai se cansar e você vai se arrepender.*

**Therese:** *Richard eu não entendo o que está acontecendo.*

**Richard:** *Ah eu entendo! Você está em transe.*

**Therese:** *Estou bem desperta. Nunca me senti tão desperta na vida. Porque não me deixa em paz.*

**Richard:** *Então acabamos? É isso? (Olhar desesperado de Richard.).*

**Therese:** *Não é isso. Mas porque ficar com uma pessoa que só discute isso.*

**Richard:** *Para dizer a verdade, por um instante que você quer dizer adeus por uma atração boba.*

**Therese:** *Eu não disse isso, Você disse!*

**Richard:** *Você me fez comprar passagem de navio. Arrumar um emprego melhor para você. Eu te pedi em casamento. Pelo amor de Deus. (Momento em que Richard tenta comover Therese.).*

**Therese:** *Eu nunca te obriguei. Eu nunca te pedi nada. Talvez este seja o problema.*

**Richard:** *Eu garanto a você que daqui a duas semanas você estará me implorando para esquecer que toda essa coisa aconteceu. (Expressão de raiva.).*

**Therese:** *Richard! Richard! E segue atrás dele até a porta. (Ela grita para que ele volte).*

**Richard:** *Faça uma ótima viagem Thery. E bate a porta. (Ele sai com raiva!).*

**Therese** *Permanece arrumando as malas e escreve um cartão para Carol.*

A cena demonstra que Richard acredita que apenas a heterossexualidade é correta, e que a homossexualidade deve ser rejeitada, pois trata-se de algo passageiro. No que diz respeito à rejeição pode-se afirmar que a invisibilidade na sociedade de homossexuais (lésbicas, gays), bissexuais, transgêneros, travestis e transexuais comporta a exclusão desses sujeitos do espaço público e, por isso, configura-se como uma das mais esmagadoras formas de discriminação (JUNQUEIRA, 2009). O referido autor ressalta ainda que a promoção da exclusão desses sujeitos também do campo de reivindicações de direitos, é sistematicamente acompanhada pela construção de um conjunto de representações simplificadoras sobre elas, suas práticas sociais e seus estilos de vida. Essa marca de represália representada no temor da exclusão faz com que Therese sinta medo de assumir que está completamente encantada e envolvida com Carol e fique confusa, levando-a a pensar se “é normal sentir atração por outra mulher”. O discurso heteronormativo é tomado por Richard ao afirmar, por exemplo, que a relação de Carol e Therese é passageira e que Therese não quer terminar o namoro e voltará logo atrás dele, pois uma relação normal é entre um homem e uma mulher.

A seleção do filme “Carol” (2015), se deu pela polêmica sobre gênero e homofobia no ano de 2015. Coincidiu com a manifestação de ódio por telespectadores e internautas a respeito do relacionamento homoafetivo entre duas personagens representadas pelas atrizes, Fernanda Montenegro e Nathália Timberg, na novela Babilônia da rede globo de televisão. O discurso de ódio também considerava o fato dos papéis serem realizados por duas atrizes de renome e que fizeram história nessa emissora. Constituem em evidências, enunciações do tipo<sup>17</sup>:

*“Como uma atriz de renome com Fernanda Montenegro se presta a um papel ridículo de fazer uma velha lésbica”. “Isso é um absurdo!” “A rede globo de televisão quer enfiar goela abaixo de todos nós essa banalidade”. “Veio com o Clodoaldo, depois com o Félix bicha má agora com a Fernanda. Pelo amor de Deus já chega de palhaçada!” “De todas as gayszagens que as telenovelas trouxeram*

---

<sup>17</sup> Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/radar-on-line/televisao/a-crise-de-babilonia-e-as-mudancas-na-novela/comment-page-3/>>. Acesso em: 22 abr. 2015.

*essa foi a pior. Na vez do Félix foi apenas um selinho, agora não! Foi um beijão entre duas mulheres. Que pouca vergonha! Não podemos aceitar que isso aconteça”.*

Tomo a televisão como exemplo pelo fato de reverberar o discurso homofóbico, pois atinge a família tradicional brasileira que toma o discurso heteronormativo como brasão de moralidade. Outro ponto que merece destaque, é que o filme “Carol” (2015) gerou frutos produtivos na indústria do cinema, dentre os quais estão as premiações conquistadas<sup>18</sup>. A seleção desse filme se justifica ainda pelo fato do mesmo trazer o conflito de um casal de lésbicas que permanecem com as características tidas como de mulheres, isto é, nenhuma delas, assume o suposto papel de “homem” na relação.

#### 1.4. C.R.A.Z.Y. – Loucos de amor em sinopse

Figura 3 – C.R.A.Z.Y – Loucos de amor



Fonte: Cine playes.<sup>19</sup>

A figura 3 representa um espaço masculino baseado no fato de que no padrão heteronormativo, tendo, inclusive, o carro como representação do masculino. Ou seja, é um

<sup>18</sup> No Festival de Cannes, indicações ao Oscar 2016 e consideração pelo American Film Institute – Instituto (AFI) de Cinema Norte-Americano) como um dos melhores filmes do ano. O filme “Carol” (2015) recebeu ainda cinco nomeações ao Globo de Ouro: melhor filme de drama, melhor diretor, melhor atriz para ambas Cate Blanchett (Carol) e Rooney Mara (Therese) e melhor trilha sonora original.

<sup>19</sup> Imagem ilustrativa do filme C.R.A.Z.Y – Loucos de amor. Disponível em: <<http://www.cineplayers.com/imagem/crazy--loucos-de-amor/2466/crazyloucosdeamor01.jpg>>. Acesso em: 14 set. 2016.

lugar de autoafirmação. Todos demonstram estar a vontade no espaço, exceto Zac que se posiciona olhando para baixo, ou seja, contrasta com a realidade heteronormativa. O filme “C.R.A.Z.Y – Loucos de amor” se passa nos anos de 1960 e 1970. Nessas décadas, mesmo após a morte de Hitler em 1945, ainda perpetuam vestígios das décadas de 1930 – sendo o ano de 1934 conhecido como ano do “Holocausto gay”<sup>20</sup> pelo fato de Hitler ter autorizado a execução de aproximadamente 15 mil homossexuais nos campos de batalha na chamada “Noite das facas longas”. Do outro lado do mundo, em entrevista concedida ao diário mexicano *La jornada*, no dia 31 de agosto de 2010, Fidel Castro assume que nos anos de 1960 e 1970 homossexuais foram perseguidos em Cuba, justificando que essa perseguição se deu pelo fato desses não se adequarem ao modelo revolucionário<sup>21</sup>. Essas perseguições também aconteciam em outros países como o Canadá. No entanto, atualmente o Canadá é tido como o melhor país para que @s homossexuais vivam. É o país com maior quantidade de direitos para LGBT adquiridos<sup>22</sup>.

A história se passa em uma cidade do Canadá e gira em torno de uma família composta por uma mãe, um pai e cinco filhos na ordem do mais velho ao mais novo: Christian, Raymond, Antoine, Zachary e Yvan. A junção das primeiras letras do nome de cada filho nomeia o filme e ao mesmo tempo forma a palavra “CRAZY” que também simboliza o amor do Sr. Gervais pela música, já que “CRAZY” é nome de uma música composta por Willie Nelson e interpretada por Patsy Cline no ano de 1961. Zac, que dentre os

---

<sup>20</sup> “Durante o holocausto, a perseguição continuou, tendo muitos sido enviados para campos de concentração. As estimativas sobre o número de homossexuais mortos nos campos varia muito, entre 5 e 15 mil, consoante os autores consultados. O sofrimento dos homossexuais não terminou depois do fim da guerra, uma vez que as leis anti-homossexuais dos Nazis não foram suprimidas, tal como aconteceu com as leis anti-semíticas, por exemplo. Alguns homossexuais foram obrigados a terminar a pena a que estavam condenados pelo Governo Militar Aliado do pós-guerra na Alemanha. Outros, ao regressar a casa e aos seus países de origem tiveram que manter o silêncio sobre o seu sofrimento, por medo de discriminação”. Disponível em: <<http://jornalggn.com.br/blog/luisnassif/o-holocausto-gay>>. Acesso em: 30 dez. 2016.

<sup>21</sup> Para Fidel Castro: “Não era uma tarefa fácil escapar da CIA [a agência de inteligência americana, que comprava tantos traidores, às vezes entre eles mesmos. Mas, no final das contas, de qualquer maneira, se for preciso assumir a responsabilidade, eu assumo. Não vou jogar a culpa em ninguém. Nos anos 60 e 70 muitos gays foram exilados ou encarcerados em campos de trabalho, as chamadas Unidades Militares de Ajuda à Produção (UMAP), por não corresponder ao modelo revolucionário”. Disponível em: <<http://www.doqueosgaysgostam.com/fidel-assume-perseguiacao-a-gays-nos-anos-60-e-70/>>. Acesso em: 30 dez. 2016.

<sup>22</sup> “O Canadá é um dos países mais avançados em relação aos direitos LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travesti e Transexuais) e isso fez com que o país se tornasse referência mundial no assunto. Suélen Mariano compartilha um pouco sobre o assunto. Praticamente a metade da população gay se concentra em Toronto, Montreal e Vancouver, as três grandes cidades canadenses. Toronto, a maior cidade do Canadá, tem um dos melhores distritos *rainbow* do mundo (arredores da estação de metrô Wellesley) e os cidadãos homossexuais têm quase os mesmos direitos que qualquer outro cidadão. Os gays aqui, além de poderem casar, adotar, trocar de gênero, servir o exército, etc, também são cobertos por leis anti-discriminação em diversas áreas, incluindo discurso de ódio (discriminação indireta)”. Disponível em: <<http://oitoronto.com.br/20852/direitos-lgbt-no-canada/>>. Acesso em: 16 dez. 2016.

cinco filhos do casal, se destaca por sentir-se atraído por pessoas do mesmo sexo, não tem uma trajetória fácil no filme, pois enfrenta vários conflitos. Diante de uma sociedade machista e homofóbica e de uma família nomeadamente “tradicional”, Zac se sente culpado por sentir atração por homens. Em consequência disso, bem como das constantes manifestações homofóbicas, ele apresenta dificuldades em assumir-se como homossexual na tentativa de seguir os padrões tidos como ideais para sua família, que é composta por uma mãe muito religiosa e um pai machista.

A dificuldade em assumir a homossexualidade, pode-se dar pelo fato de que se “[...] oferece [...] poucas oportunidades para que adolescentes ou adultos assumam, sem culpa ou vergonha, seus desejos. O lugar do conhecimento mantém-se, com relação à sexualidade, como lugar do desconhecimento e da ignorância” (LOURO, 1999, p. 30), assim sendo, “o processo de invisibilização de homossexuais, bissexuais e transtêneros [nos distintos espaços, carece] ser desestabilizado” (JUNQUEIRA, 2009, p. 32), já que há possibilidades distintas de posições de sujeito que cada um@ pode assumir ao longo da vida.

É importante afirmar que “os variados investimentos discursivos [...] terminam por ensinar aos sujeitos formas específicas de vivenciar o masculino e o feminino. Tais investidas educam homens e mulheres ao naturalizar posições de sujeito em relação a gênero [...]” (CUNHA, 2011, p. 47). No entanto, como pode ser exemplificado, Zac ao longo do filme, progressivamente, opta por assumir a posição de sujeito homossexual. Visto que “são muitos os jeitos e as possibilidades de ser homem e de ser mulher, dependendo de muitos fatores sociais, inclusive da forma como eles e elas vivem sua sexualidade” (LOURO, 2001, p. 71).

Para tentar reprimir sua homossexualidade, que é fortemente reprimida pela sua família, Zac luta contra o desejo que possui pelo namorado da prima e vira ateu. Na tentativa de seguir os padrões heteronormativos, ele tenta namorar uma garota. Essa tentativa não deu certo, pois o seu desejo é por rapazes. A luta de Zac se intensifica cada vez mais e com muita lamentação, em meio a crises de culpa profundamente religiosas. Ele faz uma promessa, inclusive, que, mesmo sendo ateu, frequentará algumas missas para que seja minimizada sua culpa por desejar homens. Zac, na trama, atravessa a adolescência ouvindo clássicos do rock da época e utilizando instrumentos musicais que sempre ganhava de presente de seu pai como uma tentativa de repressão, já que Zac demonstrava preferência por bonecas e objetos tidos como de meninas desde a infância. Contudo, há sempre resistências, Zac vai amadurecendo e passa a ter atitudes cada vez mais reativas aos insultos homofóbicos, principalmente por parte do seu irmão Raymond. Zac chega aos anos 80 sendo cada vez mais um homossexual

assumido e apresenta alguns escapes, mudando seu jeito de vestir, passa a usar lápis no olho e maquiagem no rosto, pouco usuais para heterossexuais.

Esse filme é pertinente para análise pela temática que aborda o conflito vivido por um jovem ao tentar assumir a sua homossexualidade perante uma família tradicional em uma sociedade heteronormativa, e também pelo seu sucesso de bilheteria para aos padrões do relativamente pequeno mercado de Quebec, o que indica que muitas pessoas tiveram acesso ao mesmo e pela sua repercussão internacional. Essa repercussão gerou prêmios em vários festivais internacionais, foi selecionado como candidato do Canadá para o Oscar de melhor filme estrangeiro no Oscar 2006, no 26º prêmio Genie para filmes canadenses, ganhou 11 dos 13 prêmios, e ganhou vários prêmios no Prix Jutra para filmes de Quebec.

### 1.5. Madame Satã em apresentação

Figura 4 – Madame Satã



Fonte: Moda manifesto<sup>23</sup>

Maquiagem marcante, com acessórios ditos de “traveco” ou de “mulherzinha”. É assim que Madame Satã se traveste. A figura aqui em destaque mostra o espaço escuro onde se passa a maioria das cenas do filme, o pode retratar as marcas do preconceito que João Francisco, a personagem principal, sofre.

---

<sup>23</sup> Imagem ilustrativa do filme Madame Satã. Disponível em: <[http://www.modamanifesto.com/index.php?local=detalhes\\_moda&id=677](http://www.modamanifesto.com/index.php?local=detalhes_moda&id=677)>. Acesso em: 06 jul. 2016.

No filme “Madame Satã” (2002), João Francisco dos Santos é travesti, vive em uma favela na Lapa, no Rio de Janeiro – Brasil, nos anos 1930 e 1940. No período do Estado Novo (1937-1945)<sup>24</sup>, conhecido como a ditadura de Getúlio Vargas, a existência de gays era ignorada. Não existiam homossexuais nos anos 1930 no Brasil? Sim, mas não se dizer. Caso fosse exposta a homossexualidade, o sujeito era perseguido, agredido, discriminado e sofria muitas humilhações (ALMEIDA, 2009). Os anos 1930 foram marcados no Brasil pela emblemática figura de Madame Satã<sup>25</sup> de onde surgiu esse filme que elenquei para análise. Em uma família grande, composta por dezessete irmãos, João Francisco desde os 13 anos de idade se metia em confusões e cometia alguns furtos. Ao desfilar no bloco “Caçadores de Veados” no carnaval do Rio de Janeiro em 1942 ficou conhecido como Madame Satã. É importante dizer ainda, que esse filme é baseado em fatos reais o que o torna tão pertinente nessa análise. Esse filme é marcado por cenas de violência, de modo que a personagem principal se mostra muito agressiva sempre, sendo envolvida, constantemente, em ações violentas, eu diria que talvez as reações de João Francisco funcionassem como uma estratégia de sobrevivência. Exemplo disso é quando ele diz que nasceu para ter vida de malandro e que vai levá-la de maneira rasgada. Ele pouco se importa com o que pensam. E quando sofre algum insulto, imediatamente, revida. João Francisco é preto – as pessoas negras no Brasil sofrem de muito preconceito, o racismo resulta na discriminação dessas pessoas de cor preta – e travesti. Como travesti ao ser questionado em um bar se estava fantasiado de mulher ou de homem, ele diz que é “bicha” porque quer e que não deixa de ser homem por ser bicha. Em distintas cenas do filme a agressividade funciona como uma estratégia de resistência, seja para se defender, ou defender prostitutas e outras pessoas que considera seus amigos, diante do preconceito da sociedade para as pessoas que fogem aos padrões tidos como corretos.

---

<sup>24</sup> “A partir do golpe de novembro de 1937, entrou em vigor o “estado de emergência”, que afetou a vida e o cotidiano da população. O estado de emergência era a nova situação político-jurídica que permitia aos agentes do governo medidas extraordinárias como invadir casas e prender pessoas, julgá-las e condená-las de forma rápida e autoritária” (COTRIM, 2012, p. 156).

<sup>25</sup> A figura de Madame Satã surgiu quando “as maltas cariocas foram extintas em 1908 à 1910 e os capoeiristas que não foram mortos pela polícia morreram nos presídios. E poucos se safaram deste genocídio, [...] [tendo] que mudar [o] estilo de vida, mais novos vadios, malandros capoeiristas surgiram, andavam muitas vezes sozinhos [...], zanzavam pelos bares da boêmia portuária morando em cortiços [...]. No meio desta boêmia surgiu João Francisco, um negro de 1m e 90cm, pesando quase 100 kg de músculos com cabelos longos alisados, costumava usar camisa de seda e pantalona [...]. Sua fama de malandro começou aos 13 anos de idade quando começou a cometer pequenos furtos [...] com marujos europeus o que lhe garantia a entrada em cabarés, botequins e cassinos. Sempre demonstrava que era um bom capoeirista e sempre estava se envolvendo em brigas, foi preso várias vezes. Analfabeto, o melhor emprego que conseguiu foi o de carregador de marmitas. Foram fatores de sua marginalização o fato de ser negro, pobre e homossexual. Dotado de uma índole irônica e extrovertida, ele logo pegou gosto pelo carnaval carioca. Foi assim que, em 1942, ao desfilar no bloco de rua Caçador de Veados, surgiu seu apelido. O transformista se apresentou com a fantasia Madame Satã, inspirada em filme homônimo de Cecil B. DeMille”. Disponível em: <<http://grupokdecapoeira.blogspot.com.br/2014/05/o-madame-sata.html>>. Acesso em: 02 jan. 2016.

Atualmente, o Brasil ainda é líder no ranking de violência contra LGBT no mundo. Para delimitar os números coletados pelo banco de dados do Grupo Gay da Bahia (GGB)<sup>26</sup> para atingir esse ranking, tomo como exemplo as mortes nos anos de 2014 e 2015 dessa pesquisa. No ano de 2014 foram 326 mortes e no ano de 2015 um total de 318, motivados por homofobia. Esses dados demonstram o quanto o Brasil precisava avançar no diz respeito aos direitos de homossexuais, transtêneros, travestis e bissexuais. Cada dia, quando acessamos a internet ou ligamos a TV nos deparamos com algum tipo de agressão a pessoas que não assumem posições de sujeito heterossexual. Optei por analisar o filme “Madame Satã<sup>27</sup>” (2002) por ser brasileiro, ser baseado em fatos reais e trazer a homofobia tão fortemente em seu currículo.

## **1.6. Arrematando as apresentações**

Comungando com o pensamento de Ribeiro (2013) de que as relações de poder não são fixas, nem há um sujeito ou grupo que a possui, busco analisar as estratégias, mecanismos e técnicas de subjetivação e de poder utilizadas no currículo dos quatro filmes aqui apresentados para divulgar determinadas posições de sujeito, bem como a tentativa de produzir um tipo de sujeito “normal”. Isto posto, esta pesquisa busca contribuir também com a identificação e análise dos escapes e das resistências às tentativas de aprisionar um jeito de ser padrão, heterossexual.

Nos quatro filmes é ainda importante observar a abrangência e riqueza de variáveis – idade, sexo, cor da pele, tempo histórico e padrão econômico – que salientam a importância dessa discussão. No que diz respeito às idades Billy era um adolescente, Zac era criança e jovem (o filme aborda a infância de Zac também, mas a homossexualidade está marcada na sua juventude), Therese uma jovem, Carol uma mulher de meia idade e João Francisco um adulto. Quanto ao poder aquisitivo, Billy e sua família estão com dificuldades financeiras, Zac

---

<sup>26</sup> O Grupo Gay da Bahia (GGB) organiza essas informações há pelo menos três décadas e os registros têm aumentado nos últimos anos. De 2005 até 2014, o Grupo calcula um total de 2.181 homicídios contra a população LGBT (sigla para lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais). O país registra uma morte a cada 27 horas. Disponível em: <<https://homofobiamata.wordpress.com/estatisticas/assassinatos-2012/>>. Acesso em: 02 jan. 2017.

<sup>27</sup> Quanto às suas premiações merecem destaque: a Mostra Internacional de Cinema de São Paulo 2002 (Brasil), o Grande Prêmio BR do Cinema Brasileiro 2003 (Brasil), o Chicago International Film Festival (EUA), o Festival de Havana 2002 (Cuba), o Festival Internacional de Cine Independiente 2003 (Argentina) e o Festival de Cartagena 2004 (Colômbia).

é de classe média, Carol é uma mulher rica, e João Francisco pobre. No que se refere a cor da pele, Zac e Billy são de cor branca enquanto João Francisco é negro. Em síntese, o currículo dos filmes – “Billy Elliot” (2000), “Carol” (2015), “C.R.A.Z.Y. – Loucos de Amor” (2005) e “Madame Satã” (2002) – se produz em uma infinidade de representações, estando todas elas imbricadas pelos discursos de gênero e homofobia.



## CAPÍTULO 2

---

### PERCORRENDO A ANÁLISE DO DISCURSO

Existem momentos na vida onde a questão de saber se pode pensar diferentemente do que se pensa, e perceber diferentemente do que se vê, é indispensável para continuar a olhar ou a refletir (FOUCAULT, 1984, p. 13).

O caminho metodológico percorrido está fundamentado na análise de discurso. Assim como Ribeiro (2010), fui fazendo, no caminhar da investigação, escolhas, bem como expus alguns percursos que pretendia fazer e os caminhos que acreditei que trilharia. Busquei em Foucault (1984), refletir acerca dos discursos que circulam. Foquei nos discursos homofóbicos, presentes nos discursos sobre gênero, que circulam nos filmes pesquisados. Foucault (2007, p. 242) acredita na pertinência de agir com leveza, de modo a “estar muito atento ao presente; que contribui, no lugar em que está de passagem [...]”. Ao pesquisar gênero, venho investigando, construindo e reconstruindo significações para trilhar caminhos conhecidos e/ou não, a fim de buscar respostas as minhas insatisfações, inquietações e dúvidas, como fez Corazza (2002). Assim, almejei desagregar pensamentos existentes, rever caminhos, buscando novos, trilhar pelas brechas, buscar novos saberes com o intuito de duvidar das verdades tidas como absolutas na demanda por corpos normalizados em um padrão heteronormativo.

Considero os filmes – “Billy Elliot (2000)”, “Carol (2015)”, “C.R.A.Z.Y. - Loucos de Amor (2005)” e “Madame Satã (2002)” – ora propostos para análise um currículo cultural. Embora “não exista um currículo que não seja cultural, uma vez que todos eles são produtos e produtores de cultura, a noção de currículo cultural procura estender a concepção de currículo ao propor que diversas instâncias ensinam (SILVA, 2008, p. 10). Os currículos apresentam determinados modos de agir, “modos de ser, estar e fazer considerados adequados e desejáveis” (PARAÍSO, 2002, p. 96), aos indivíduos a quem os filmes são endereçados. O conceito de currículo cultural possibilita afirmar que a educação se dá em diversos espaços sociais, de modo que embora a escola esteja incluída nesse processo, a educação não se limita

a ela (SILVA, 2008). Desse modo, os filmes aqui considerados como currículo, “transmitem uma variedade de formas de conhecimento que, embora não sejam reconhecidos como tais, são vitais na formação de identidades e subjetividades” (SILVA, 2001, p. 140). O ponto fundamental dessa consideração é que um olhar sobre gênero que possibilita a sua construção inacabável, que vem sendo constituída pelos discursos que circulam, pelas resistências e embates para com esses discursos que mostram a existência da homofobia, mesmo com os avanços – escapes às normas, normas essas que constantemente tentam ser impostas aos sujeitos.

Essa pesquisa, que intenciona perceber a homofobia nos espaços dos filmes, apresenta fundamentação teórica foucaultiana. Os sujeitos dessa pesquisa são as personagens – ocupando diversas posições de sujeito – dos filmes que se constituem como campo de investigação. A metodologia escolhida constitui-se como ponte para se alcançar os objetivos propostos na pesquisa, no entanto, é pertinente suspeitar de toda e qualquer metodologia. E isso consiste em interrogar sobre tudo o que é dito, tudo o que pode ser dito e tudo aquilo que é visto ou se poder ver. Nos Estudos Culturais, @ pesquisador@ se aventura por labirintos desconhecidos, por acreditar que “não podemos ficar trabalhando apenas com um método único, [...] nem mesmo com um aglomerado de métodos” (CORAZZA, 2002, p. 122), já que nenhuma metodologia pertence a essa pesquisadora, que assume uma maneira de investigar ambígua, desconfortável e peculiar. É importante ressaltar que não existe uma metodologia ideal e segura, já que “nenhuma metodologia é recomendada com segurança, embora nenhuma também possa ser eliminada antecipadamente” (PARAÍSO, 2004, p. 55). Desse modo, o caminho metodológico que utilizei perpassa por construções e reconstruções constantes, fundamentadas na análise do discurso.

Investigar filmes nessa perspectiva possibilita, sob vários ângulos, discutir, nesse caso, gênero e homofobia no currículo dos quatro filmes escolhidos para análise. Meyer e Soares (2005) afirmam que as pesquisas são desafiadoras e permitem viagens, interrogações que podem levar @ pesquisador@ ao contato com mundos e realidades diferentes, distantes, próximas e até mesmo colocar em contradição aquilo que se aprendeu. Essa pesquisa - inserida no conjunto de investigações pós-críticas em educação, que investe na articulação entre cultura, educação e subjetividade – mostra “que o sujeito (ou a subjetividade) é produzido, montado ou fabricado em diferentes práticas discursivas (tanto na escola como fora dela) que se combinam ou não para a regulação das nossas condutas” (PARAÍSO, 2004, p. 293). A referida autora destaca ainda que, cabe questionamento aos métodos, já que

“acostumamos a considerar [...] [determinadas ‘verdades’] ‘boas’ porque [...] [são] caracterizadas como ‘democráticas’, ‘libertadoras’, ‘transformadoras’, ‘cidadãs’, etc” (PARAÍSO, 2004, p. 293).

Nos filmes viajei pelos espaços e trazer comigo anotações no meu diário de campo para reconstituir, recompor e ilustrar a história que conto posteriormente à viagem/pesquisa. Diante disso, embora eu, a pesquisadora, tenha passado por essa viagem (ter visto os filmes anteriormente) e tê-la conhecido “de outras estadas, agora eu” procurarei “olhá-lo com outros olhos, de outra posição” (SANTOS, 2005, p. 13). Enquanto pesquisadora não me limitei a coletar dados – os discursos que circulam nos filmes e as posições de sujeito demandadas e assumidas – e partir. Pretendo ainda participar em eventos e em grupos de pesquisa de discussões sobre gênero e homofobia.

A minha intenção foi buscar nos filmes, nas situações vivenciadas e visualizadas informações para analisar a constituição dos discursos, o tempo, a história em que foram produzidos e por que alguns discursos “receberam mais *status* de verdade em vez de outros” (RIBEIRO, 2010, p. 33). Como parte dessa pesquisa, estão os silêncios, que “são parte integrante das estratégias que apóiam e atravessam os discursos” (FOUCAULT, 2006, p. 34). Assim busquei atentar-me, como alerta Foucault (2006, p. 34), ao fato de que:

[...] não se deve fazer divisão binária entre o que se diz e o que não se diz; é preciso tentar determinar as diferentes maneiras de não dizer, como são distribuídos os que podem e os que não podem falar, que tipo de discurso é autorizado ou que forma de descrição é exigida a uns e outros.

A análise do discurso consiste em dar conta de relações históricas, de práticas muito concretas, que estão “vivas” nos discursos. Já que, “analisando os próprios discursos, vemos se desfazerem os laços aparentemente tão fortes entre as palavras e as coisas, e destacar-se um conjunto de regras, próprias da prática discursiva” (FOUCAULT, 1986, p. 54). Uma vez que os discursos são tidos “como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam” (FOUCAULT, 1986, p. 54-55). E não devem mais ser tratados como conjunto de signos, embora “certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse *mais* que os torna irreduzíveis à língua e ao ato da fala. É esse ‘mais’ que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever” (FOUCAULT, 1986, p. 55).

Nesse sentido, segundo Foucault (1986) tudo é prática e encontra-se imerso em relações de poder e saber, já que para ele, como afirma Fischer (2001, p. 198), “nada há por trás das cortinas, nem sob o chão que pisamos”. Assim o que é dito, está radicalmente

amarrado às dinâmicas de poder e saber de seu tempo. A partir daí, o conceito de prática discursiva não se confunde com a mera expressão de ideias, pensamentos ou formulação de frases. Em outras palavras, o exercício da prática discursiva se dá segundo determinadas regras de conduta, bem como nas relações de poder e saber que se dão dentro de um discurso (FISCHER, 2001).

Para realizar a análise dos discursos que circulam nos espaços dos filmes, os quais são compreendidos como práticas produzidas em atos de linguagem (RIBEIRO, 2010), apegar-me-ei ao conceito de práticas discursivas, definido por Foucault (2005, p. 133), como sendo um “conjunto das regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma determinada época ou para uma determinada área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa”.

Trato os discursos que circulam – enfatizando os que fortalecem a heteronormatividade – como produtores de objetos e de percepção do mundo. Há de se convir que a historicidade dos filmes precisa ser compreendida, “não na sua simples representação do passado, mas na sua época, decodificando-se as imagens [...] [as cenas, os espaços em que se passa] para interrogar a vastidão dos não ditos” (FEIGELSON, 2009, P. 379). A análise do discurso “não está no significado das palavras, mas sim no papel produtivo que exerce nas práticas sociais, na produção de ‘verdades’, nas formas como os discursos institucionalizados funcionam como práticas que induzem efeitos regulares de poder” (PARAÍSO, 2006, p. 15). Nessa direção, a análise do discurso sugere provocar e veicular; dentre outras coisas, saber, poder e subjetividade (VEIGA-NETO, 2004). É pertinente destacar que os processos de subjetivação são “a modificação dos limites que nos sujeitam, para nos reconstruir com outras experiências, com outra delimitação” (DOMÈNECH, TIRADO, GÓMEZ, 2001, p. 130). Assim, somos construídos com subjetividades instáveis, contingentes e permanentemente modificáveis (RIBEIRO, 2010). Isto é, os sujeitos vão sendo construídos pelas suas crenças, características específicas e maneiras de ser e viver. Para tal, “os seres humanos vêm a se relacionar consigo mesmos e com os outros como sujeitos de um certo tipo” (ROSE, 2001, p. 36). Focando as análises discursivas, atento ao que Foucault (2006, p. 96-97) chama atenção ao dizer que,

[...] não existe um discurso do poder de um lado e, em face dele, um outro contraposto. Os discursos são elementos ou blocos táticos no campo das correlações de força; [assim] podem existir discursos diferentes e mesmo contraditórios dentro de uma mesma estratégia; podem, ao contrário, circular sem mudar de forma entre estratégias opostas.

Para cruzar informações dos trabalhos produzidos sobre homofobia por autores como Borrillo (2009, 2010), Junqueira (2009), Lionço; Diniz (2009), e dos dados coletados durante a pesquisa, utilizei a análise do discurso. Assim sendo, os discursos que circulam nos filmes são admitidos como parte de “um jogo complexo e instável em que o discurso pode ser ao mesmo tempo, instrumento e efeito de poder, e também obstáculo, escora, ponto de resistência e ponto de partida de uma estratégia oposta” (FOUCAULT, 1993, p. 92).

A pesquisa é como uma viagem. Ao se realizar ambas, o sujeito traz recordações do local onde circula. Procurando compreender as práticas cotidianas e os discursos que nela circulam, tomei como *locus* de pesquisa os filmes “Billy Elliot” (2000), “Carol” (2015), “C.R.A.Z.Y. - Loucos de Amor” (2005) e “Madame Satã” (2002). A escolha desses filmes dá-se pela presença de discursos sobre gênero – somam-se a esses discursos outros discursos, como homofóbico, moralista, biologista, religioso – nos espaços em que se passam, das posições de sujeito ocupadas pelas personagens, bem como pelas premiações recebidas por estes filmes. Tanto na descrição da pesquisa como na escrita pretendi retratar o que foi vivido no ambiente e como os sujeitos do lugar pesquisado viviam e se relacionavam (SANTOS, 2005).

No processo da pesquisa assisti aos filmes registrando os discursos que circulam nas diversas cenas em atividades cotidianas. Observando: interações entre as personagens, a seleção musical, o ambiente, o enredo, os gestos, os movimentos, a leitura dos tempos e dos espaços, os silêncios e as cores. Tudo isso foi de suma importância no registro da observação. Acerca da observação de filmes, Lagny (2009, p. 102) afirma, que “se suas imagens não dizem grande coisa sobre a realidade dos fatos, elas testemunham, entretanto, sobre a percepção que dela temos, ou que queremos ou podemos lhes dar [...]”. Há de se considerar que a representação nos filmes

serve para exercitar o homem [e a mulher] nas novas percepções e reações exigidas por um aparelho técnico cujo papel cresce cada vez mais em sua vida cotidiana. Fazer do gigantesco aparelho técnico do nosso tempo o objeto das inervações humanas – é essa a tarefa histórica cuja realização dá ao cinema o seu verdadeiro sentido (BENJAMIN, 1985, p. 174).

Tal questão é pertinente para que haja resistências às tentativas de imposições pré-estabelecidas e para que o sujeito, como acredita Benjamin (1985) repense na maneira como se representa no mundo e não apenas nos longas-metragens.

Com a intenção de realizar as análises que aqui sugeri, necessitei realizar alguns procedimentos, a saber:

*1 – Seleção de filmes para a pesquisa:* nesse momento, foram selecionados quatro filmes, “Billy Elliot” (2000), “Carol” (2015), “C.R.A.Z.Y. - Loucos de Amor” (2005) e “Madame Satã” (2002), para análise baseado nas intenções da pesquisa e os objetivos.

*2 – Observação dos filmes:* assisti aos filmes para observar e identificar os discursos sobre gênero neles presente. Essa etapa da investigação foi fundamental para obter informações sobre quais as posições de sujeito demandadas pelas personagens, quais discursos homofóbicos que circulam no ambiente dos filmes, e ainda como se dão as relações de poder nesse espaço. Os discursos foram examinados como capazes de conceder “poderes a alguns e delimitar os poderes de outros, capacitam alguns a julgar e outros a serem julgados, [...] alguns a falar e outros a reconhecer sua autoridade e abraçá-la, aspirá-la ou submeter-se a ela” (ROSE, 2001, p. 151).

*3 – Análise dos filmes:* nessas análises almejei buscar nos discursos de gênero que circulam nos espaços dos filmes “para a produção de determinadas posições de sujeito possíveis” (RIBEIRO, 2010, p. 34) as personagens, verificando nos filmes os discursos de cunho homofóbico e a heteronormatividade. Foi propósito ainda nessa etapa, encontrar indícios que me permitissem analisar e problematizar as posições de sujeito demandadas e divulgadas no currículo dos filmes em questão. Fica demonstrado no currículo desses longas-metragens a valorização das posições de sujeito assumidas pelas personagens como resistência. É importante destacar que os discursos circulam e são recorrentes em espaços, tempos e instituições distintas. Ao assumir a pesquisa como descrevi aqui, tinha consciência dos inúmeros desafios com os quais me depararia. Isto posto, se necessário fosse, novas metodologias seriam traçadas. Isso se deve ao fato de que “sabemos que o modo como fazemos nossas pesquisas vai depender dos questionamentos que fazemos, das interrogações que nos movem e dos problemas que formulamos” (PARAÍSO, 2012, p. 24). O trabalho de campo leva à revisão ou à retomada do problema inicial sob outro prisma, é preciso aprender a lidar com essa instabilidade. No entanto, o desenvolvimento do estudo apresenta-se como um funil: no início, há questões ou focos de interesse muito amplos que, no final, tornam-se mais diretos e específicos.

## CAPÍTULO 3

---

### FERRAMENTAS TEÓRICO-CONCEITUAIS

#### 3.1. Currículo, processos de subjetivação e relações de poder

O currículo é o espaço onde se concentram e se desdobram lutas em torno dos diferentes significados sobre o social e sobre o político (SILVA, T., 2010, p. 10).

O currículo dos filmes que me propus a analisar constitui-se como espaço no qual circulam discursos homofóbicos reforçados pelos discursos religiosos, biologicistas e heteronormativos<sup>28</sup>. Discursos esses que são produzidos nas relações de poder, visto que “é por meio do currículo, concebido como elemento discursivo da política educacional que os diferentes grupos sociais, especialmente os dominantes, expressam sua visão de mundo, seu projeto social, sua ‘verdade’” (SILVA, T., 2010, p. 10). Silva, T. (2010) acredita que o currículo é central na construção da educação, uma vez que, “[...] se [atravessam] práticas de significação, de identidade social e de poder. É por isso que o currículo está no centro dos atuais projetos de reforma social e educacional” (SILVA, T., 2010, p. 29). O referido autor reflete ainda que,

[...] como política curricular, como macrodiscurso, o currículo tanto expressa as visões e significados do projeto dominante quanto ajuda a reforçá-las, a dar-lhes legitimidade e autoridade. Como microtexto, como prática de significação em sala de aula, o currículo tanto expressa essas visões e significados quanto contribui para formar as identidades sociais que lhe sejam convenientes.

Vale destacar que é necessário reconhecer que “suas [do currículo] proposições, suas imposições e proibições fazem sentido, têm ‘efeitos de verdade’, constituem parte

---

<sup>28</sup> Esses discursos serão descritos e analisados ao longo da dissertação.

significativa das histórias pessoais” (LOURO, 1999, p. 21). Igualmente, o currículo dos filmes, compreendido como um currículo cultural, se constitui em um ambiente de múltiplas aprendizagens, construções coletivas e individuais e ainda da busca de determinar padrões tidos como corretos. Assim é possível inferir que o foco do currículo está no modo de produção de significados na cultura que cria sobre os discursos, aqui compreendido como um conjunto de enunciados de um determinado saber articulados entre si, saberes que são historicamente construídos em meio a disputadas de poder (FOUCAULT, 1995), por isso cabe refletir acerca da tentativa de imposição de padrões a seguir no currículo dos filmes. O currículo por sua vez, “pode ser visto como um discurso que, ao corporificar narrativas particulares sobre o indivíduo e a sociedade, nos constitui como sujeitos – e sujeitos também muito particulares” (SILVA, T., 2009, p. 195). Nesse sentido, as subjetividades são produzidas nos sujeitos, pois “ao se produzir o currículo, somos também produzidos, [...] produzidos de formas muito particulares e específicas” (SILVA, T., 2009, p. 194). Assim, a subjetividade pode ser descrita como uma

[...] forma particular de se colocar, de ver e estar no mundo que não se reduz a uma dimensão individual. A subjetividade é um fato social construído a partir de processos de subjetivação, o qual é engendrado por determinantes sociais – históricos, políticos, ideológicos de gênero, de religião, conscientes ou não. Dessa forma, em diferentes contextos culturais, diferentes subjetividades são produzidas (DIMENSTEIN, 2000, p. 116- 117).

Na perspectiva da produção de subjetividade, Louro (2013) destaca que o grande desafio talvez esteja em admitir que todas as posições de sujeito podem se mover, que nenhuma é natural ou estável e que mesmo as fronteiras entre elas estão se desvanecendo. Visto que é pertinente desconsiderarmos “toda [...] diversidade de sujeitos e de práticas como um ‘problema’ e passar a pensá-la como constituinte do nosso tempo” (LOURO, 2013, p. 50-52). Ao passo que para Silva, T. (2000, p. 101) a subjetividade “refere-se às propriedades e aos elementos que caracterizariam o ser humano como ‘sujeito’”. Nesse contexto, a subjetivação “trata-se de uma história dos jogos de verdade nos quais o sujeito, enquanto sujeito, pode converter-se em objeto de conhecimento” (CASTRO, 2016, p. 408), conhecimento esse que atrelado a cultura estão evidenciados nos filmes em análise quando as personagens assumem uma ou mais posições de sujeito, e “dizem respeito, fundamentalmente, à produção, ao fazer algo com coisas. Conseqüentemente [sic], também o currículo é centralmente produzido” (SILVA, T., 2009, p. 193). A maneira como “o ser humano se transforma em sujeito [...] [, bem como] a maneira em que o sujeito se reconhece como sujeito

de uma sexualidade” (CASTRO, 2016, p. 408) se dá pelo modo de subjetivação que o sujeito se produz.

Em suma, Castro (2016) ressalta que em uma perspectiva foucaultiana os processos de subjetivação são as maneiras como os sujeitos se constroem, como compõem a si mesmo, uma vez que os sujeitos possuem a opção de viver para si ou para os outros (CASTRO, 2016). Para Foucault (2004, p. 236) “os processos de subjetivação e de objetivação que fazem com que o sujeito possa se tornar, na qualidade de sujeito, objeto de conhecimento”.

Os processos de subjetivação no currículo dos filmes analisados mostram o quanto os escapes aos padrões instituídos são frequentes, por mais velados que estejam na sociedade. O conceito de subjetividade se difere de uma experiência universalista, já que a ela apresenta caráter processual e produtivo. Isto posto, a subjetividade é concebida como essencialmente social e vivida nas experiências particulares dos indivíduos, sendo que “a subjetividade está em circulação nos conjuntos sociais de diferentes tamanhos” (GUATTARI; ROLNIK, 1986, p. 33). Uma vez que, apesar da tentativa de se determinar socialmente que os sujeitos tenham seus corpos inscritos em territórios pré-estabelecidos, como classe social, cor da pele, sexualidade, ocorre um contínuo movimento desses, de modo que os mesmos não são seres finalizados e ocupam diversas posições de sujeito (DOEL, 2001).

O currículo dos filmes demonstra que a determinação e o controle dos corpos configura-se em uma construção histórica na qual busca-se o estabelecimento de relações de poder desiguais, uma vez que “[...] em toda sociedade a produção de discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que tem por função conjurar seus poderes e perigos [...]” (FOUCAULT, 2014, p.8). Com a intenção de controlar os corpos “a heterossexualidade configura uma norma, um princípio ordenador segundo o qual a pluralidade das experiências sexuais é significada” (LIONÇO; DINIZ, 2009, p. 54). É importante dizer que os currículos são “o conhecimento, a informação, os ‘fatos’” (SILVA, T., p.101, 2010), os quais são carregados, transmitidos, transferidos, adquiridos e permutados entre autor@s. Em outras palavras, o currículo é construído pelos sujeitos que o compõe e desse modo, os sujeitos homossexuais também compõem o currículo dos filmes escolhidos para esta pesquisa. Nos currículos diversos discursos se encontram em disputa pelo poder, de narrar formas de ser, de se comportar e de entender o mundo e as pessoas (RIBEIRO, 2013). Em diálogo com as desagregações de padrões binários, o enfoque nas questões de gênero no currículo dos filmes é pertinente, de modo que, sugere que os sentidos estejam afiados para que sejamos capazes de ver e ouvir as múltiplas formas de

constituição dos sujeitos implicadas na concepção, na organização e no fazer dos distintos espaços no cotidiano (LOURO, 1997). A tentativa de imposição de padrões é bem marcante no currículo dos filmes, visto que “em nossa sociedade, devido a hegemonia branca, masculina, heterossexual e cristã, têm sido nomeados e nomeadas como diferentes aquelas que não compartilham desses atributos. A atribuição da diferença é sempre historicamente contingente” (LOURO, 2014, p. 53-54). Nesse sentido, as relações de poder estão explícitas na sociedade. São nelas onde ocorrem medidas de incentivo ao casamento e procriação, regulação e controle de taxas de nascimento e mortalidade, dentre outras formas de controle. Para tanto, a heteronormatividade, conceito esse que trago na próxima secção, fundamenta-se, sobretudo, no discurso biologicista, que naturaliza o sexo biológico, a relação heterossexual e os corpos, bem como os silencia, ou os faz falar, como no discurso religioso.

### **3.2. Gênero, homofobia, norma e heteronormatividade**

Tornar-se um sujeito feminino ou masculino [...] implica uma construção que, efetivamente, nunca se completa. [Visto que, para Butler] gênero não é algo que somos, mas algo que fazemos. Não é algo que se “deduz” de um corpo. Não é [algo] natural. [...] O gênero é feito de discursos (LOURO, 2016, p. 13).

Não nascemos estabelecidos por um gênero biologicamente determinado, mas esse é construído por discursos, de modo que o gênero é forjado nas relações de poder e nas práticas de significação por elas estabelecidas. Gênero “é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser” (BUTLER, 2008, p. 59). Ou seja, “todos os sujeitos interpretam, de seu jeito, continuamente, as normas regulatórias de sua cultura, de sua sociedade” (LOURO, 2016, p. 15), o que implica que a própria nomeação do corpo o torna performativo. Para Butler (2010, p. 152)

a performatividade deve ser compreendida não como um ‘ato’ singular ou deliberado, mas, ao invés disso, como a prática reiterativa e citacional [no contexto] pela qual o discurso produz os efeitos que ele nomeia. O que, eu espero, se tornará claro no que vem a seguir é que as normas regulatórias do ‘sexo’ trabalham de uma forma performativa para constituir a materialidade dos corpos e, mais especificamente, para materializar o sexo do corpo, para materializar a diferença sexual a serviço da consolidação do imperativo heterossexual.

Em outras palavras, o sexo é sempre performativo, de modo que os corpos declarados “não são meramente descritos, eles são sempre constituídos no ato da descrição” (SALIH, 2015, p. 124-125). Na perspectiva da performatividade, Louro (2014) reflete acerca da necessidade de desagregação da oposição binária – masculino/feminino –, além da dominação/submissão que tenta ser imposta no pensamento dicotômico e polarizado sobre os gêneros. Ela afirma que para “desconstruir a polaridade rígida dos gêneros, então, significa problematizar tanto a oposição entre eles quanto a unidade interna de cada um” (LOURO, 2014, p. 35-36). Face ao exposto, o gênero é produzido nas e pelas relações de poder (LOURO, 2014).

Acerca do estudo de gênero, Adelman (2002, p. 51) sugere alguns objetivos como

[...] questionar as dicotomias segundo as quais “homens” e “mulheres” são categorias estáveis definidas a partir de uma oposição binária fundamental para [...] captar na sua pluralidade as formas históricas de construção de masculinidades e feminilidades, [...] esclarecer seus vínculos com formas de controle social, desigualdade e poder para [...] contribuir para superá-las.

É oportuno frisar que, o gênero é flutuante, variante e mutável, não é fixo e inabalável. Ele se constrói nas relações de poder onde as resistências também são produzidas. Mesmo diante de verdades discriminatórias que o currículo dos filmes demonstram, as personagens dos filmes escapam a elas, assumindo posições divergentes do que se é estabelecido nos padrões machistas.

Assumo nessa pesquisa que gênero “[...] pode (e deve) nos levar a interrogar os conceitos básicos de [...] nossas teorias” (PAULSON, 2002, p. 31). Dentre as teorias e verdades criadas, merece destaque “a crença de que todo humano *naturalmente*” apresenta desenvolvimento como homem ou mulher, sendo que qualquer outra maneira de ser é vista como anormal, “um desvio da natureza”, e necessita ser repudiado. Seguindo o pensamento de Butler (2000) o gênero não deve ser reduzido à sexualidade. Os filmes mostram exatamente isso, que “nem sexualidade, nem sexo seriam verdades essenciais, mas apenas construções históricas. [Desse modo,] tratar o histórico como natural sempre é estratégia de poder” (TIBURI, 2016, p. 10).

Adelman (2002, p. 60) acredita que “torna-se cada vez mais urgente encarar as ‘diferenças’ de gênero geradas pelas práticas de poder e exclusão que ainda operam na nossa sociedade e que impedem que cada um de nós tenha plenas chances de ‘trabalhar e amar’”. Muitos tratamentos preconceituosos, medidas discriminatórias, ofensas, exposição a

constrangimentos, ameaças e agressões físicas ou verbais têm sido uma constante na vida dos sujeitos (JUNQUEIRA, 2009). Os sujeitos não heterossexuais são expostos a uma “pedagogia do insulto” (JUNQUEIRA, 2009), constituída de piadas, brincadeiras, jogos, apelidos, insinuações, expressões desqualificantes – poderosos mecanismos de silenciamento e de dominação simbólica. Por meio dessa situação, as pessoas aprendem a “mover as alavancas sociais da hostilidade contra [a homossexualidade] antes mesmo de terem a mais vaga noção quanto ao que elas se referem” (SULLIVAN, 1996, p. 15).

Nesse sentido, Lopes (2003) pontua que um garoto pode ser objeto de zombaria por parte de colegas, amig@s, professor@s e apontado como “o veadinho da escola ou do curso”, antes mesmo de identificar-se como gay. As marcas no corpo podem ou não existir, e elas não significam que o sujeito assuma essa ou aquela posição, como por exemplo, assumir marcas tidas como grosseiras seria homem, e marcas delicadas seria mulher. Carol Aird, no filme “Carol” (2015), por exemplo, mostra que uma mulher pode ser vaidosa, apresentar marcas tidas como femininas e relacionar-se afetivamente com outra mulher. É importante destacar que o fato de assumir-se como bissexual ou ainda realizar atividades tidas como de mulheres é uma forma de burlar a norma, o que consiste em um escape perante as estratégias de poder. As lutas não cessam nas relações de poder. No filme “Billy Elliot” (2000), a personagem Billy teme inicialmente as aulas de *ballet* por acreditar que poderá ser tachado de “menininha” pel@s colegas. E embora se assumisse como heterossexual optou por fazer *ballet* e não boxe, ou seja, a presença ou não de marcas no corpo não necessariamente define essa identificação do sujeito. Ao assumir-se como um sujeito que não segue os padrões heteronormativos, para Caetano e Rangel (2003), o sujeito muitas vezes é exposto a constrangimentos como, nome escrito em banheiros, carteiras e paredes da escola, se tornando alvo de zombaria, comentários e outras variadas formas de assédio e violência ao longo de sua vida escolar e cotidiana.

Os discursos que sustentam a homofobia estão em todos os lugares. Seguidores da Igreja Batista de Westboro<sup>29</sup>, por exemplo, carregaram um cartaz dizendo “Deus odeia as bichas” e disseram que acham repugnante qualquer associação com homossexuais, simplesmente porque eles são atraídos por pessoas do mesmo sexo. Pessoas que perseguem, maltratam ou assassinam homossexuais, transgêneros, travestis, transexuais e bissexuais, por

---

<sup>29</sup> A igreja batista independente de Westboro é conhecida por suas manifestações contra homossexuais e tem menos de vinte membros de uma mesma família. Além da violência constante contra homossexuais realizam sempre protestos extremistas. Disponível em: <<http://aforcadaesperanca.blogspot.com.br/2010/03/igreja-evangelica-faz-protesto-contr.html>>. Acesso em: 09 jan. 2016.

um ódio inexplicável, utilizam do argumento da anormalidade para justificar seus atos homofóbicos.

A homofobia constitui-se como um preconceito àqueles que fogem ao padrão heteronormativo, do que difere do visto com “normal”. Ela é tida como “uma manifestação arbitrária que consiste em designar o outro contrário, inferior ou anormal; por sua diferença irreduzível, ele é posicionado a distância, fora do universo comum dos humanos” (BORRILLO, 2010, p. 13). Ou seja, a homofobia se dá com a repugnância de gays, lésbicas, transgêneros, travestis, transexuais, bissexuais por diferenciarem-se do que é a norma social e em consequência disso, torna-se necessário questionar a hostilidade – verbal ou física – desencadeada contra esses sujeitos, ou seja, pessoas que não se enquadram na heterossexualidade.

Logo, ao se estabelecer um padrão de condutas tidas como corretas, a norma tenta controlar os indivíduos. Isso é perceptível nos discursos homofóbicos que divulgam a heteronormatividade e elegem a condição heterossexual como autêntica expressão do humano (POCABY; OLIVEIRA E IMPERATORI, 2009). A tentativa de determinação da norma funciona como mecanismo de poder que é disposto em torno do “anormal”, que visa tanto marcar como modificar os corpos (FOUCAULT, 1991). Trata-se da concepção do normal como algo *natural*, assim, por exemplo, seria normal a relação heteroafetiva e anormal a relação homoafetiva. Dessa forma, produzem “diferenças, distinções e desigualdades” (LOURO, 1999, p. 87). Desse modo, a heteronormatividade se constitui como normalização, e fixação de corpos ditos normais: homens e mulheres. O que pode ser observado nos filmes em análise.

A análise dos filmes versa sobre a compreensão de que “a sociedade busca, intencionalmente através de múltiplas estratégias e táticas” (LOURO, 2010, p. 26), determinar o binarismo masculino e feminino como “normal” e duradouro. É importante dizer que as posições de sujeito são múltiplas, embora “a heterossexualidade configura uma norma, um princípio ordenador segundo o qual a pluralidade das experiências sexuais é significada” (LIONÇO; DINIZ, 2009, p. 54).

Um exemplo de imposição da heterossexualidade como norma está no filme “Billy Elliot” (2000) onde o pai de Billy exige que o filho aprenda a lutar boxe, restabelecendo o padrão binário – masculino e feminino. A esse restabelecimento, existe uma crítica por parte da teoria *queer* que apresenta algumas mudanças conquistadas ao criticar, “o binarismo homem/mulher [...]” (WELZER-LANG, 2001, p. 473). É importante dizer, baseada em

Butler, que “a teoria *queer* empreende uma investigação e uma desconstrução [das categorias de sujeito gay, sujeito lésbico, ‘fêmea’ ou ainda sujeito ‘feminino’], afirmando a indeterminação e a instabilidade de todas as identidades sexuadas e ‘generificadas” (SALIH, 2015, p. 20). Por conseguinte, para Louro (1999) a heteronormatividade constitui-se na construção de sujeitos compulsoriamente heterossexuais e se fazem acompanhar pela rejeição à homossexualidade, sendo abertamente homofóbicos em suas atitudes, enunciações e comportamentos. Daí resulta falas como<sup>30</sup>

*“Não tenho nada contra, mas [...]”; “Ele é gay mas ninguém diz. Se veste igual a todo mundo”; “Não tenho preconceito, tenho até amigos que são gays”; “Tudo bem ser gay, mas não precisa ficar desmunhecando”; “Adoro gay, mas não gosto que fiquem se beijando na minha frente”; “Vocês podem não se tocar ou beijar? Meus filhos não vão entender”; “Não precisa ficar contando para todo mundo que você é gay”; “Ele é tão bonito, nem parece que é gay”; “Não sou preconceituoso, mas não acho normal. Mulher com mulher até vejo, mas homem com homem, acho nojento” ou ainda “homem que é homem bate em veado”, “veado tem que morrer”, “eu prefiro um filho morto do que um filho gay”.*

Essas falas reforçam o quanto a sociedade reitera o discurso da homofobia, mostrando-se preconceituosa. Foi nesse contexto que a escola estruturou-se historicamente

[...] a partir de pressupostos fortemente tributários de um conjunto dinâmico de valores, normas e crenças responsável por reduzir à figura do “outro” (considerado “estranho”, “inferior”, “pecador”, “doente”, “pervertido”, “criminoso” ou “contagioso”) todos aqueles e aquelas que não se sintonizassem com o único componente valorizado pela heteronormatividade e pelos arsenais multifariamente a ela ligados – centrados no adulto, masculino, branco, heterossexual, burguês, física e mentalmente “normal” (JUNQUEIRA, 2009, p. 14).

Esses pressupostos não consistem em privilégio das instituições educacionais, já que também são percebidos no currículo dos filmes analisados. Nas tramas escolhidas para análise, as posições de sujeito homossexual, heterossexual, bissexual e travesti são percebidas como “anormais” nos discursos homofóbicos que circulam nos espaços em que cada filme se passa. Em relação a normalização, Junqueira (2009) reflete sobre a importância de se contribuir de maneira mais eficaz no que diz respeito ao enfrentamento do que impede ou dificulta a participação social e política de pessoas que não se assumem como heterossexuais e que, concomitantemente, contribui para a reprodução de lógicas perversas de opressão e incremento das desigualdades.

---

<sup>30</sup> Frases homofóbicas. Disponível em: <<http://www.pragmatismopolitico.com.br/2014/03/frases-de-homofobicos-que-se-dizem-amigos-de-gays.html>>. Acesso em: 08 fev. 2016.

### 3.3. Homofobia, discurso e posições de sujeito

O discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar (FOUCAULT, 1996, p. 10).

Os discursos são tomados nesta investigação “como um conjunto de estratégias que fazem parte das práticas sociais” (FOUCAULT, 2009, p. 11) e que circulam no currículo dos quatro filmes pesquisados. Apoderar-se daquilo pelo qual se luta e se deseja, resulta em assumir-se como sujeito que pode ocupar quantas posições de sujeito desejar, de modo que, “as posições de sujeito se definem igualmente pela situação que lhe é possível ocupar em relação aos diversos domínios ou grupos de objetos” (FOUCAULT, 1997, p. 59), como é o caso das personagens dos filmes.

Os discursos homofóbicos, aqui em análise, não atuam sozinhos, mas em parceria com os discursos religiosos, biológicos, médicos e familiares, por exemplo. Tais discursos fundamentam-se em uma determinada moralidade, na tentativa de justificar o posicionamento contrário às formas de relacionamento que não sejam heterossexuais. As afirmações apresentadas permitem inferir que comportamentos diferentes dos ditos “naturais”, constituem-se em “desvios” de comportamento (LOURO, 2014). Foucault (2007) afirma que o mundo do discurso não deve ser submetido ao poder e nem oposto a ele, não deve ser “dividido entre discurso admitido e discurso excluído, ou entre o discurso dominante e o discurso dominado, [mas] como uma multiplicidade de [possíveis estratégias baseadas nos] elementos discursivos” (FOUCAULT, 2006, p. 95-96).

Diante disso, além de mera indiferença, são visíveis “os contornos de uma vedação à manifestação de simpatia ou solidariedade, [já que é perceptível] uma proibição socialmente sancionada que, entre outras coisas, contribui para fortalecer os processos de internalização da homofobia” (JUNQUEIRA, 2009, p. 26). Johnson (1996) *apud* Louro (2014) acredita que quando os conservadores apresentam homossexuais, bissexuais e transexuais como ameaça e afirmam que a exposição da identidade gay/lésbica afeta a família eles estão errados. Afinal, como questiona Johnson (1996) *apud* Louro (2014, p.53), “Quem, exatamente, é ameaçado? Devemos sempre policiar os limites sexuais e congelar nossas formas de viver? Por que não podemos ver a diversidade sexual como uma fonte de construção de algumas novas

possibilidades?”. A ameaça esta sendo sofrida pel@s homossexuais, bissexuais e lésbicas, e não pelos conservadores. Em contrapartida a exibição por parte da mídia, de sujeitos homossexuais, bissexuais e transexuais é importante para desestabilizar esse pensamento preconceituoso, uma vez que essa exposição interfere nas representações sociais desses sujeitos. Um traço nítido da homofobia é sua expressão na indiferença cultivada no que diz respeito ao sofrimento e aos seus efeitos nocivos na vida de pessoas. Nessa direção, Reis (2015, p. 174-175) faz a seguinte ponderação:

[...] entre as atitudes homofóbicas mais recorrentes, geralmente aparece a busca pela causa das sexualidades diferentes da heterossexual – a partir de uma visão de que são erradas, a noção de que são algo que é preciso corrigir, a convicção religiosa de que essas sexualidades são antinaturais, a opinião de que tratam-se doença, xingamentos e vocabulário discriminatórios, a manutenção do status [...] heteronormativo e discursos que reafirmam o preconceito, entre tantas outras atitudes (REIS, 2015, p. 174-175).

Pautadas no discurso biológico, moralista e religioso, atitudes de cunho homofóbico fundamentam a heteronormatividade, tida como o padrão ideal e admissível. Nos filmes, sendo considerados costumes familiares e sociais, é possível perceber, como “se a homossexualidade fosse ‘contagiosa’, cria-se uma grande resistência em demonstrar simpatia para com sujeitos homossexuais [bissexuais e transexuais]: a aproximação pode ser interpretada como uma adesão a tal prática ou identidade” (LOURO, 1999, p. 29).

Acerca do sujeito no seu meio social, Woodward (2014, p. 50) relata que “a diferença pode ser construída negativamente – por meio da exclusão ou da marginalização daquelas pessoas que são definidas como os ‘outros’ ou ‘forasteiro’”. Diante dessas considerações e da busca dos movimentos sociais em ter suas identidades, Hall (2015) afirma que a identidade é construída por meio da diferença e não fora dela, e toda identidade, “eu/nós”, só se estabelece em relação com o outro, com aquilo que lhe falta, cabe frisar que cada pessoa se constrói “[...] historicamente, e não biologicamente [...] [bem como,] assume [...] [posições de sujeito] diferentes em diferentes momentos, [...] [posições] que não são unificadas [...]” (HALL, 2015, 12).

Dado o interesse em investigar as posições de sujeito disponibilizadas nos discursos que circulam e que são produzidos pelos currículos dos filmes em análise é pertinente conceituar identidade que para Silva T. (2011, p. 82), “significa classificar [...] A identidade e a diferença estão estreitamente relacionadas às formas pelas quais a sociedade produz e utiliza classificações”, de modo que tanto a divisão quanto a classificação funcionam como meio para hierarquização. Assim, a identidade e a diferença, se manifestam, portanto, nas

demarcações normalizadoras que objetivam classificar os sujeitos declarando se pertencem a este ou aquele grupo. É importante destacar que a identidade e a diferença não podem ser desassociadas das relações de poder. Considerando as relações de poder e as práticas sociais discriminatórias, em razão das posições de sujeito assumidas pelas pessoas no que se refere ao gênero, bem como manifestações diretas e indiretas de atitudes preconceituosas, pode-se dizer que “a homofobia, o medo voltado contra [at]s homossexuais [bissexuais e transexuais], pode se expressar ainda em uma espécie de ‘terror em relação à perda do gênero’, ou seja, no terror de não ser mais considerado como um homem ou uma mulher ‘reais’ ou [autêntic@]s” (LOURO, 2014, p. 32-33).

Assim, o processo de invisibilização de homossexuais, bissexuais e transgêneros, carece ser desestabilizado nos distintos espaços (JUNQUEIRA, 2009), já que há possibilidades distintas de posições de sujeitos que cada um@ pode assumir ao longo da vida (RIBEIRO, 2013). Além disso, que sejam desagregadas “relações de poder e doutrinas opressivas, bem como [subvertidas] lógicas [...] geradoras de [...] opressão” (JUNQUEIRA, 2009, p. 369). Visto que, torna-se pertinente dissolver “construções que dependam de oposições diamétricas entre pares conceituais irreduzíveis (eu-outro, branco-negro, homem-mulher, hetero-homossexual, puro-impuro etc.)” (JUNQUEIRA, 2009, p. 418). Assim configura-se como fundamental no sujeito as posições que ocupa. Posições essas em constante construção, inacabadas, isto é, passíveis de transformação. Essa constante construção de posições de sujeito está evidenciada nos filmes em análise, assim como a escola, já que constituem-se como espaço no qual convivem, de forma nem sempre harmoniosa, distintos grupos, em que se disputam significados que produzem, atualizam e modificam algumas de suas posições.

Em outras palavras, os filmes, constituem-se num espaço social complexo e plural no qual interagem fatores internos, marcados pela complexidade e a heterogeneidade do espaço em si, baseado nas características sociais, políticas e econômicas dos indivíduos que o compõem, além dos impactos dos meios de comunicação nas culturas que atravessam as telas, bem como, decorrem do contexto social particular em que cada indivíduo vive.

Ao analisar nos filmes “Billy Elliot” (2000), “Carol” (2015), “C.R.A.Z.Y. - Loucos de Amor” (2005) e “Madame Satã” (2002) no decorrer da pesquisa, o modo como homossexuais, bissexuais e, em alguns casos, contra transgêneros e pessoas intersexuais são nomead@s, descrit@s e caracterizad@s, com suas posições de sujeito incluídas/excluídas dos/nos meios de convivência bem como ridicularizadas e vistos como “anormais”, esta pesquisa não apenas

problematiza a produção discursiva que divulga a revisão dos conceitos preconceituosos estabelecidos nos diversos espaços, como também analisa as relações de poder presentes nessa trama. É nessa perspectiva que apresento no capítulo seguinte o discurso biologicista como tentativa de produção do sexo, perpassando pela heteronormatividade, pelo discurso religioso e psicológico.

## CAPÍTULO 4

---

### A PRODUÇÃO DO SEXO EM CARTAZ: ESTRELANDO O DISCURSO BIOLOGICISTA

As reiterações que produzem os gêneros e a heterossexualidade são marcadas por um terrorismo contínuo. Há um heteroterrorismo [...] A cada reiteração do/a pai/mãe ou professor/a, a cada “menino não chora!”, “comporta-se como menina!”, “isso é coisa de bicha!”, a subjetividade daquele que é o objeto dessas reiterações é minada (BENTO, 2011, p. 552).

“*Eu fiz boxe*”. “*O meu pai fez boxe*”. “*Você faz boxe*”. [Fragmentos das falas do pai de Billy no filme “Billy Elliot”]. “*Puxa vida! Ballet e boxe, que mistura (risadinha sarcástica)*”! “*Ballet e boxe! Deviam pôr as meninas com luvas de boxe; e os garotos com aqueles sapatinhos cor-de-rosa de mulherzinha. Seria engraçado*”! [Fragmentos das falas do professor de boxe no filme “Billy Elliot”]. Afirmações como essas configuram o heteroterrorismo abordado na epígrafe, ou seja, “cada enunciado que incentiva ou inibe comportamentos, [...] cada insulto ou piada homofóbica” (BENTO, 2011, p. 552).

Tomando por base a definição natural de que homem e mulher se dá pela presença do órgão genital pênis e vagina, “as reiterações que produzem os gêneros e a heterossexualidade são marcadas por um terrorismo contínuo” (BENTO, 2011, p. 552). Mais que isso, há uma normalização do sujeito heterossexual “a cada enunciado que incentiva ou inibe comportamentos, a cada insulto ou piada homofóbica. Se um menino gosta de brincar de boneca, os heteroterroristas afirmarão: ‘Pare com isso! Isso não é coisa de menino!’” (BENTO, 2011, p. 552). Os órgãos sexuais possuem a função de encaixar-se um no outro e o sujeito que fugir a esse padrão heteronormativo é um ser anormal e não será bem aceito na sociedade.

Partindo do pressuposto de que quem tem vagina deve se comportar como menina/mulher e quem têm pênis deve se comportar como menino/homem, os discursos biologicistas e heteronormativos divulgados nos filmes trazem uma padronização de como se comportar, que coisas se deve fazer e gostar a partir do sexo biológico de nascimento. Assim está definido, nessa análise, o discurso biologicista que caracteriza a presença/ausência do

órgão genital para a definição da sexualidade dos sujeitos. Esse discurso biologicista divulga em primeira mão a posição de sujeito macho e fêmea, discurso estando estas posições de sujeito atreladas a comportamentos tidos como de homem e de mulher. Isto é, um sujeito macho deve se comportar de maneira grosseira e realizar atividades que reforçam a figura masculina enquanto sujeito forte, como, por exemplo, praticar o boxe no filme “Billy Elliot” (2000). Em contrapartida, o sujeito fêmea deve ser delicado, frágil e realizar atividades como *ballet* no filme “Billy Elliot” (2000), que evidenciem sensibilidade como marca de corpo biológico feminina. Assim o discurso biologicista se fundamenta no corpo biológico para definir as posições de sujeito a serem assumidas pelas personagens, e conseqüentemente definir condutas, modos de ser, pensar e agir evidenciados nesse filme através dos esportes. Assim sendo divulga-se padrões de normal e anormal e quem estiver fora dessa linha passa a ser o alvo do heteroterrorismo. Quanto ao normal e anormal, Foucault (1991, p. 165) diz que

a divisão constante do normal e do anormal, a que todo indivíduo é submetido, leva até nós, e aplicando-os a objetos totalmente diversos, a marcação binária e o exílio dos leprosos; a existência de todo um conjunto de técnicas e de instituições que assumem como tarefa medir, controlar e corrigir os anormais faz funcionar os dispositivos disciplinares que o medo da peste chamava. Todos os mecanismos de poder que, ainda em nossos dias, são dispostos em torno do anormal, para marcá-lo como para modificá-lo, compõem essas duas formas que longinquamente derivam.

Dessa forma, tanto a normalidade quanto a anormalidade funcionam como mecanismos de poder. Visto que a norma “[...] não emana de um único lugar, não é enunciada por um soberano, mas, em vez disso, está em toda parte. Expressa-se por meio de recomendações repetidas e observadas cotidianamente, que servem de referência a todos. Daí por que a norma se faz penetrante, daí por que ela é capaz de se naturalizar” (LOURO, 2008, p. 22). A heterossexualidade é, dessa forma, “concebida como ‘natural’ e também como universal e normal. Desse modo “[...] as outras formas de sexualidade são construídas como antinaturais, peculiares e anormais” (LOURO, 2010, p. 17). Esse olhar binário sobre a sexualidade rechaça qualquer desvio à norma, resultando em preconceito, isolamento e violência.

As marcas do corpo biológico não estão presentes apenas no filme “Billy Elliot” (2000), quando Billy reitera que é heterossexual e permanece fazendo *ballet* mesmo que escondido do seu pai e do seu irmão, também estão evidenciadas em “C.R.A.Z.Y. – Loucos de Amor” (2005), quando o pai de Zac não tenta forçar que ele tenha um relacionamento heterossexual simplesmente porque que a vizinha está interessada no seu filho pautado em um comportamento que um homem deve quando uma mulher está interessada nele, característico

do discurso biológico. No filme “Carol” (2015), as marcas do corpo biológico mantidas pela personagem Carol funcionam como uma forma de resistência ao discurso biologista, pois caminha na contramão desse discurso, já que como bissexual ela não apresenta marcas tidas como masculinas.

A resistência ao discurso biologicista também está evidenciado na obra cinematográfica “Madame Satã” (2002) quando a personagem João Francisco não permite que o corpo biológico – presença do órgão genital – engesse a posição de sujeito, já que ao se assumir travesti, de acordo como o discurso biologicista João Francisco deveria ser delicado e frágil, no entanto constantemente apresenta atitudes grosseiras e tidas como de macho. Ou seja, mesmo se assumindo como sujeito travesti, ele não se comporta como o gay idealizado no discurso biologicista. Esse discurso biologicista é também reforçado, por exemplo, pelo discurso religioso. O discurso religioso divulga a heterossexualidade como o normal e aceito por Deus. Fora dessa norma a pessoa pecadora precisa se redimir e se ajustar. Deste modo, o argumento central deste capítulo é de que o discurso biológico reforçado pelo discurso religioso circula no currículo dos filmes investigados na tentativa de instituir um padrão heteronormativo.

#### **4.1. Trailer: a heteronormatividade como tentativa de controle dos corpos**

[...] Eu nasci assim, eu cresci assim e sou mesmo assim, vou ser sempre assim, Gabriela, sempre Gabriela! (CAYMMI, 1975, s/p.).

O trecho da música utilizada na epígrafe é constantemente usada no cotidiano como uma maneira de dizer que algumas coisas, pessoas e situações nunca vão mudar. É o mesmo que dizer “pau que nasce torto, nunca se endireita (ditado popular)”. É nessa perspectiva que apresento a heteronormatividade como tentativa de controle dos corpos, visto que desde o nascimento são divulgados padrões de como ser homem e como ser mulher, sendo consideradas a presença ou ausência de pênis ou vagina na criança. Nesse sentido, com a intenção de se construir comportamentos padronizados, discursos biologicistas demandam, por exemplo, que meninas se vistam de rosa e meninos se vistam de azul, afirmam que meninas brincam de casinha e fazem aulas de *ballet* e meninos brincam de carrinho e praticam boxe, ou ainda que, como disse Billy Elliot à sua professora de *ballet*, “os meninos que

praticam *ballet* seriam ‘maricas’”. Billy também seria “marica” por cuidar da avó? Por preparar a comida e o café dela? Já que na sociedade heteronormativa essas seriam atividades a serem executadas por meninas e no filme é Billy quem as realiza. No filme Billy, percebi ainda a tentativa de controle dos corpos na seguinte cena que chamo de “atitudes de menininha”:

**Cena do filme Billy Elliot:** Falas do professor de boxe de Billy.

**Professor de Boxe de Billy:** “- Não fique aí parado. Ah não! De novo não! Isso é um combate de homem para homem, e não uma aula de ballet”! “O que você está fazendo? Vá lá, bate nele”. “- Vá lá e acerte-o com força. Parece até uma menininha”! (Gritando e com muita raiva.)

Essas falas integram o momento em que o professor de Billy reclama da sua atuação no boxe. Billy se encontra nervoso, com medo. Sua expressão é de desespero, afinal ele não apresentava aptidão para o boxe, o que “seria normal”. Normal? Não, normal não. Não para Billy que levava consigo uma luta interna muito maior do que qualquer embate no boxe. Embora ele estivesse se esforçando para realizar os golpes e toda a movimentação que o esporte solicita. As enunciações “acerte-o com força” seriam no discurso biologista tido com marcas de homem, pois o homem seria forte e deveria sempre reagir com grosseria, pois se trata de “[...] um combate de homem para homem”. Em contrapartida, por não se tratar de “[...] uma aula de ballet” que seria tido como uma atividade para mulher, que é tida nesse discurso como frágil, sensível e delicada. Aqui está o discurso biologicista fortemente marcado, vejo-o em funcionamento ainda quando o professor diz “Parece até uma menininha”! Ou seja, pautado nesse discurso, por ter vagina e ser menina, não conseguiria bater forte, pois meninas são sensíveis e batem fraco.

O conflito interno de gênero se externaliza no medo de encarar os olhares ao redor. Tem muitos colegas o observando, alguns com sorriso sarcástico, zombador no canto da boca. Outros nem se deram o trabalho de esconder a zombaria diante do desempenho ruim de Billy, pois conversavam no ouvido dos colegas e faziam gestos de desaprovação por sua performance, ou melhor dizendo, pelo fato de Billy não estar dentro da suposta normalidade exigida a um garoto a partir do discurso biológico. As expressões pejorativas e desempenho ruim de Billy aparecem cada vez mais fortes, como uma avalanche. Ele tenta disfarçar, mas a “bola de neve” vai tomando proporções gigantescas, se expandindo em reação a toda essa gama de risadas, palavras e gestos a ele direcionados. Tudo culmina no terrorismo heteronormativo, quando o professor, a figura que exerce mais poder naquele ambiente, lança

a grande “bola de neve” na direção de Billy uma fala que exige determinada sexualidade: “Parece até uma menininha”.

Essa cena representa apenas uma das formas de controle por meio de relações de poder que estão divulgadas em meio aos discursos heteronormativos. Esse controle dos corpos, ao ditar formas de Billy se comportar como homem, ou seja, não apresentar interesse pelo *ballet* por se tratar de uma atividade para meninas, se faz presente nos discursos homofóbicos que circulam no filme, e atribui a sexualidade de forma binar, isto é, apenas dois gêneros são possíveis – masculino e feminino – o que reforça um padrão heteronormativo, gerando repúdio àqueles que fogem à regra. A fala do professor reforça que defende que, “a heterossexualidade é instituída e vivenciada como única possibilidade legítima de expressão identitária e sexual” (Warner (1993) *apud* Junqueira, 2009, p. 14). Nessa direção, Louro (2004) afirma que os sujeitos que fogem às normas no que diz respeito a sexo/gênero/sexualidade são tidos pela sociedade machista e heteronormativa como sujeitos menos importantes do que os ditos “normais”.

A heteronormatividade é também reforçada nos demais filmes em análise, embora apareçam os escapes e resistências à imposição de normas estabelecidas. No filme “Madame Satã (2002)” a forma de controle do corpo também é evidenciada na personagem principal que foge à normalidade ocupando a posição de sujeito travesti em um momento histórico onde não havia nenhuma aceitação à sua escolha. Em “Carol” (2015), como já mencionado, Carol, também em uma época na qual as mulheres usualmente estavam restritas às tarefas domésticas e ao marido, assume publicamente um divórcio e a bissexualidade. Assim, nas fissuras dos currículos desses filmes posições de sujeito, tais como homossexual, bissexual e travesti vão aparecendo.

No filme “Carol” (2015), o que parece coisa do passado é muito atual, já que 66 anos após a época em que a história é contada a bissexualidade continua sendo vista como anormal e é repudiada. Isso pode ser percebido nos relatos de Amanda Camasmie<sup>31</sup> ao afirmar ter conhecido o discurso de ódio contra bissexuais antes mesmo de desejar outra mulher, de modo que a discriminação marcou-a desde sua infância. No entanto, para se assumir, ela necessitou de algum tempo e depois disso partilhou sua autodescoberta através de um blog que criou. A discriminação e o discurso de ódio também estão em ação no filme “Carol” (2015) na personagem Harge (ex- marido de Carol), evidenciado no fato de que ele não

---

<sup>31</sup> Amanda Camasmie relata nessa reportagem o preconceito que sofreu diante de sua bissexualidade. Atualmente, assume-se bissexual e foi quem criou o “BlogSouBi”. Disponível em: <<http://epoca.globo.com/vida/noticia/2016/01/conheci-o-discurso-de-odio-contra-bissexuais-antes-de-desejar-outra-mulher.html>>. Acesso em: 10 fev. 2017.

consegue aceitar o fato de sua ex-mulher ter um relacionamento homoafetivo. Situação que já existia, inclusive, antes do casamento. Na cena que chamo de “a surpresa e a raiva” Harge deixa clara sua irritação diante da vida escolhida por Carol.

**Cena do filme Carol:** Aproximava-se do natal, e Carol convidou Therese para ir à sua casa. De repente Carol se surpreende com a visita de Harge, que com uma voz ríspida, logo indaga se há algum problema para que ele possa visitar a filha dele. A surpresa e a raiva na expressão do olhar de Harge é clara. E quando indagado por Carol, que se mostrou preocupada e com raiva, sobre o fato de Harge ter se adiantado para buscar a menina, uma vez que o combinado era que ele fosse buscar a filha no dia do natal, já a véspera Rindy passaria com Carol. Ele justifica que a mãe dele decidiu antecipar a viagem que estava prevista para o natal. Transtornado com a presença de Therese (que permanece sem ação, mas muito assustada), Harge tropeça, cai e diz “*Que droga!*”. Em seguida, questiona sobre como Carol e Therese se conheceram, mas antes mesmo de ouvir os detalhes da resposta, Harge (com muita raiva estampada no rosto) já diz: “*Que descaramento!*”.

A cena de embate se passa na porta da casa de Carol, o ambiente está muito escuro. Embora a cena descrita não esteja repleta de palavras, o olhar de Harge, a música de fundo juntamente com a única expressão que sai da sua boca “*Que droga!*” constitui evidências do discurso biologicista, pois a presença de Therese já o faz lembrar o que é divulgado nesse discurso de forma arbitrária: duas mulheres não podem se relacionar afetivamente. A sua segunda expressão de raiva quando diz, apenas confirma o que o todo da cena já explicitava: “*Que descaramento!*”, ou seja, safadeza, não ter vergonha de fazer essa coisa tida como errada para a sociedade machista e heteronormativa. Crenças como a de Harge reforça o heteroterrorismo que assume a centralidade desta cena quando Harge agride verbalmente Carol e Therese. Isto posto,

[...] enquanto não se reconhece a diversidade sexual, no entanto, heterossexualidade é reiteradamente afirmada na dinâmica das relações sociais, nas concepções de família e conjugalidade ou na explicação biológica e naturalizada da relação sexual como o encontro dos corpos com efeitos procriativos (LIONÇO; DINIZ, 2009, p. 11).

Esse não reconhecimento constitui na homofobia que é definida como uma “manifestação perversa e arbitrária da opressão e discriminação de práticas sexuais não heterossexuais ou de expressões de gênero distintas dos padrões [...] masculino e [...] feminino” (LIONÇO; DINIZ, 2009, p.52). Nessa direção, as tentativas de Harge para controlar o corpo de Carol são inúmeras, outro exemplo está na cena que nomeio de “a família perfeita do comercial de margarina: marido, mulher e filha”:

**Cena do filme Carol:** Harge (expressando desespero) não se contenta com o escândalo que fez na casa de Carol e tenta beijá-la em mais uma tentativa de convencê-la a ir com ele, Rindy e sua família à viagem. Carol que, de maneira fria e impaciente, o abraça rapidamente e bate em seu ombro, rejeitando-o sob a alegação de que Harge está bêbado. Em contrapartida ele retruca, com muita raiva e em um tom sônico, dizendo que Carol vai aproveitar para ficar com Abby e com Therese.

Tanto a cena “a surpresa e a raiva” como a cena “a família perfeita do comercial de margarina: marido, mulher e filha”, retratam a dificuldade de Harge em lidar com a posição bissexual assumida por Carol, buscando de várias estratégias para convencê-la a manter o relacionamento heterossexual consigo. Apesar das constantes tentativas de Harge em definir o modo de viver de Carol, ela o ignora. Isso reforça que nas relações de poder o sujeito se constitui, pois “jamais somos aprisionados pelo poder: podemos sempre modificar sua dominação em condições determinadas” (FOUCAULT, 2007, p. 136). Ou seja, “em cada relação que estabelece [o sujeito], se posicionará de uma forma diferente” (MURAD, 2010, p.1). No entanto, romper com as amarras de um padrão heterossexual não parece ser tarefa fácil diante das ameaças de um marido que vê “sua honra afetada”. Nesse filme o discurso biologicista está em funcionamento na função do corpo biológico, já que mesmo Carol tendo a vagina como órgão genital, ela se relaciona tanto com homens quanto com mulheres assumindo sua bissexualidade.

O discurso heteronormativo é claro nas cenas “atitudes de menininha”, “a surpresa e a raiva” e “a família perfeita do comercial de margarina: marido, mulher e filha” ao tomar a heterossexualidade como única forma correta de se viver. Dessa forma, reafirma-se que corpo e os desejos devem responder ao sexo de nascimento marcando desde o berço “os territórios [...] de maneira implacável, fixa o indivíduo seja à masculinidade, seja à feminilidade” (BORRILLO, 2010, p. 26-27). Para essa sociedade heteronormativa e discriminadora a homofobia geral é denominada por Borrillo (2010) como aquela que, “permite denunciar os desvios e deslizos do masculino em direção ao feminino e do feminino em direção ao masculino e vice-versa”, com uma espécie de traição ao “gênero correto” (BORRILLO, 2010, p. 26), enquanto para ele “a homofobia específica constitui uma forma de intolerância que se refere, especialmente, aos gays e às lésbicas” (BORRILLO, 2010, p. 27). Os deslizos e desvios evidenciam que o gênero é performativo, na perspectiva de Butler (2010), ou seja, as pessoas são livres para ocupar distintas posições de sujeito.

Daí eu me pergunto: qual a necessidade de impedir que mulheres e homens não desviem do padrão heterossexual? Se fosse natural não havia possibilidade de “desvios”, da mesma maneira, “se não houvesse resistência não haveria poder (FOUCAULT, 2006a, p.720).

Assim, é admissível “que *todas* as formas de sexualidades são construídas [...], talvez [seja possível] compreender melhor o fato de que diferentes sujeitos [...] vivam de vários modos seus prazeres e desejos” (LOURO, 2014, p. 85).

Várias são as maneiras das personagens dos filmes romperem com esse suposto padrão naturalizado. O currículo do filme “Carol” (2015) ensina que a estratégia de ignorar, adotada por Carol quando sugere a Therese que ignore Harge na cena “a família perfeita do comercial de margarina: marido, mulher e filha”. As formas de resistência evidenciadas nas falas e atitudes de Carol são resultado das lutas em torno das verdades presentes nesse currículo. Outra estratégia ensinada é da reafirmação, como se pode observar no filme “Madame Satã” (2002), quando João Francisco diz: “*Eu sou bicha porque eu quero. E não deixo de ser homem por causa disso não*” [Fragmentos do filme “Madame Satã”]. João Francisco joga por terra o discurso biologicista, já mostra a possibilidade de ocupar diferentes posições de sujeito concomitantemente. Para Butler (2016), “a ideia de que o gênero é construído reforça um certo determinismo de significados do gênero, de modo que os corpos [são] anatomicamente diferenciados [...]” (BUTLER, 2016, p. 28). João Francisco por assumir-se como travesti vive constantes situações de conflito, como na cena “o mundo fedorento” em que acaba se envolvendo com a personagem Renato:

**Cena do filme Madame Satã:** A personagem principal João Francisco é popularmente conhecida no bairro por ser um excelente lutador de capoeira. Renato aparece na vida de João usando a necessidade de aprender capoeira como uma desculpa para estar mais perto do capoeirista. João parece inicialmente inseguro de se envolver com Renato. Contudo após encontros e muita insistência de Renato, João Francisco sede e logo se tornam amantes. Ambos se encontram constantemente na casa, que na verdade é um “barraco” pouco iluminado, onde João mora, em uma favela na lapa carioca. Para chegar até o “barraco” é preciso subir várias escadas sujas. Ao mesmo tempo em que o desejo entre eles fica evidente, João demonstra um certo receio ao relacionamento deles e demonstrando desespero diz para Renato: “*\_sai desse mundo devasso e fedorento*”! [Fragmentos do filme Madame Satã].

A afirmativa de João e a situação da cena “o mundo fedorento” constituem evidências de que João sentia-se culpado por ser travesti e “perverter” o Renato. João o expulsa de sua casa na tentativa de “salvá-lo” do mundo que o próprio João descreve como devasso e fedorento. O currículo de “Madame Satã” mostra o quanto podem ser flutuantes os ensinamentos e aprendizagens sobre gênero. Ao mesmo tempo em que reafirma suas escolhas, João é capturado exatamente pelo que combate: o heteroterrorismo. João reforça, nessa cena, as aprendizagens disponibilizadas no filme quando contribui com “a produção de seres abjetos e poluentes (gays, lésbicas, travestis e [tod@s @s] seres que fogem à norma de

gênero) e a desumanização do humano [que] são fundamentais para garantir a reprodução da heteronormatividade” (BENTO, 2011, p. 554).

A heteronormatividade embasada no discurso biologicista, também pode ser observada na cena “o desejo do pai” no filme “C.R.A.Z.Y – loucos de amor” (2005)

**Cena do filme C.R.A.Z.Y – loucos de amor:** Zac tenta namorar uma garota para satisfazer o desejo de seu pai, mas ao mesmo tempo assume marcas optando por apetrechos e roupas tidas como femininas, maquiagem no rosto e voz afeminada, o que muitas vezes, representam a homossexualidade. Zac lava o carro do pai e olha com desejo para os garotos que passam na rua, além disso, é visto pelos vizinhos e pelo pai com maquiagem no rosto dublando a música “Space Oddity” de David Bowie.

O reforço do discurso biologicista se evidencia quando Zac tenta se encaixar em uma suposta normalidade, se comportar como “macho”, mas não consegue diante do seu desejo o que implica em fissuras que podem ser encontradas nos ensinamentos desse currículo. Ainda nessa cena não é diferente, quando o Senhor Gervais, pai de Zac, o vê dublando músicas de David Bowie no quarto e afirma com raiva: “*Está dublando esse veado?*” [Fragmentos do filme “C.R.A.Z.Y. – Loucos de amor], e em seguida agride Zac fisicamente. Essas cenas ilustram como muitas pessoas consideram comum a inferioridade com a qual é tratada a homossexualidade diante da interação com outros grupos sociais já que, a homofobia gera insultos e agressões verbais aos gays e lésbicas. Bento (2011, p. 556) destaca que

[...] quando compreendemos a produção das identidades de gênero marcada por uma profunda violência, passamos a entender a homofobia enquanto uma prática e um valor que atravessa e organiza as relações sociais, [...] e regula comportamentos [...].

Nas relações de poder presentes na cena “o desejo do pai” há uma tentativa de regulação de comportamentos. Diante disso, vencer a homofobia consiste num processo moroso de modificar valores culturais e padronizados. O sujeito que não se enquadra no padrão heteronormativo, é muitas vezes tratado como uma pessoa que precisa ser curado e buscar um tratamento psicológico sobre o qual trago recorrências na próxima seção.

#### 4.2. Trilha sonora: a cura da homossexualidade

Um belo dia resolvi mudar  
E fazer tudo o que eu queria fazer  
[...]

E fui andando sem pensar em voltar  
No ar que eu respiro  
Eu sinto prazer  
De ser quem eu sou  
De estar onde estou [...] (RITA LEE, 1975, s/p.).

Cura? Como assim é preciso curar @s homossexuais? As posições de sujeito são múltiplas e assumí-las é um desejo pessoal. O caminho estar ocupando está ou aquela posição de sujeito é prazeroso. E como diz Rita Lee, o sujeito sente prazer de ser quem é e de estar onde está. Ou seja, se assumir-se como um sujeito de escolhas. Nessa perspectiva, a cena do “si mesmo” apresenta exatamente esse momento de prazer e desejo

**Cena do filme C.R.A.Z.Y – loucos de amor:** Na cena, Zac em casa, no quarto está completamente feliz, seu olhar é terno e pelo fato de estar sozinho em casa se sente a vontade para ser ele mesmo. Então pega a maquiagem da mãe, se maquia e, de repente, a porta se abre. É o pai de Zac, ou melhor, é E quando Gervais grita espantado sobre a maneira como Zac está arrumado, O olhar de Gervais para o filho é de decepção, em contrapartida a expressão de Zac é de susto, de desespero.

Aqui está percebido o prazer de Zac em sentir-se realizado e feliz, e ao mesmo tempo o olhar ditador do Sr. Gervais, a fonte de padronização e a força do discurso biologicista pesam sobre o conflito de Zac diante da tentativa de imposição de determinados padrões que ditam formas de vestir como homem ou como mulher, de comportar e agir a serem seguidas no padrão normativo da heterossexualidade. Em resposta ao debate “normativo” Butler (2015) insiste no fato de que há diferentes construções de sujeitos, de modo que há um equívoco quando há tentativa de pressupor a maneira que o sujeito deve ser. No entanto, o senhor Gervais reafirma a existência de uma anormalidade e toma a homossexualidade como doença. O discurso psicológico é acionado para justificar a normalização por ele desejada, quando diz: “*Se for necessário pagarei um psicólogo*”. “*Erradicaremos qualquer vestígio da cabeça dele*” [Falas do pai de Zac no filme “C.R.A.Z.Y – loucos de amor”]. O discurso psicológico que trata a homossexualidade como doença, acredita na cura por meio da terapia, já que supostamente se trata de algo que está na mente das pessoas.

Por meio do discurso psicológico a homossexualidade – tida como “anomalia psíquica” – é vista pela família de Zac como algo que pode ser curado e, exatamente por isso busca ajuda especializada. Eles encontram apoio na medicina da época que tratava a homossexualidade como um ato contra a natureza e, por isso, se encaixava nas “categorias da doença, neurose, perversão ou excentricidade” (BORRILLO, 2010, p. 67). A homossexualidade foi retirada da lista de doenças mentais do Código Internacional de

Doenças – o código 302.0 era o que se referia a “Homossexualismo” e estava incluído no Capítulo V: Transtornos Mentais – no dia 17 de maio de 1990, pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Essa “decisão também eliminou o uso do sufixo ‘ismo’, desvinculando a orientação sexual da ideia de enfermidade” (CARRANO, 2013, p. 1).

Na perspectiva do discurso psicológico, a mãe de Zac em conversa com o senhor Gervais afirma que o problema de Zac está na cabeça e que “*se alguém não é normal deve se tratar*” [Fragmentos do filme “C.R.A.Z.Y. – Loucos de amor”]. Nesse sentido,

[...] a norma é portadora de uma pretensão ao poder. A norma não é simplesmente um princípio, não é nem mesmo um princípio de inteligibilidade; é um elemento a partir do qual certo exercício de poder se acha fundado e legitimado. [...] a norma traz consigo ao mesmo tempo um princípio de qualificação e um princípio de correção (FOUCAULT, 2010, p. 43).

A ideia da família de Zac, de que a homossexualidade pode ser curada não é atípica, pois comumente a homossexualidade é vivida como “sofrimento para as famílias, levando-as, quase sempre, a consultar um psicanalista” (BORRILLO, 2010, p. 17). O discurso psicológico também circula na obra cinematográfica “Carol (2015)”, como se pode ver na cena “o psicoterapeuta” que segue.

**Cena do filme Carol:** Em um restaurante, Carol para se aproximar da sua filha Rindy, janta com o ex-marido, ex-sogro e ex-sogra, já que a menina está morando provisoriamente com Harge e sua família. Tod@s conversam tranquilamente, até que surge à mesa (de maneira irônica), por parte da mãe de Harge, o assunto de como estava sendo o tratamento de Carol e se o médico que estava cuidando bem dela. Carol (demonstrando impaciência) reage dizendo que se trata de um psicoterapeuta e não um médico em si. A mãe de Harge retruca dizendo que o médico em questão é um bom profissional e que custa caro. Carol sem delongar o assunto, afirma que gosta bastante do médico e que ele tem ajudado-a bastante.

O discurso psicológico atua em consonância com a heterossexualidade, que é considerada um referente positivo, enquanto a homossexualidade é o outro posto, e deve ser abolida. Na cena quando é evidenciado o tratamento que Carol têm feito com o psicoterapeuta, são perceptíveis as “técnicas de normalização, e os poderes de normalização que são ligados [...] [às técnicas]” (FOUCAULT, 2010, p. 23) e que compõem com toda a sociedade um certo tipo de poder que disciplina os corpos. A utilização da técnica de normalização também é percebida no filme “Billy Elliot” (2000). O conflito de Billy com o aprisionamento de seu corpo se inicia quando ele recebe o convite para as aulas de *ballet*. A cena “a entrega das chaves” evidencia o momento em que Billy vê seu desejo pelo *ballet*:

**Cena do filme Billy Elliot:** Certo dia, o espaço onde aconteciam as aulas de *ballet* precisou ser usado pelos grevistas das minas, então as aulas de *ballet* passaram a ser depois do treino de boxe. Após perder uma disputa de boxe em um dos treinos, Billy fica responsável por entregar as chaves para a Senhora Wilquison, professora de *ballet*, e encantou-se pela aula ministrada pela professora e além de assisti-la, participou da aula. A professora, ao perceber aquele talento, convida-o para fazer aulas de *ballet*.

Após o convite e depois de fazer a aula, que chamo de aula experimental, Billy fica angustiado. Billy e Debbie – aluna do curso de *ballet* e filha da senhora Wilquison que é a professora – conversam sobre o desempenho ruim de Billy no boxe e em contrapartida a aptidão dele para o *ballet*.

**Cena do filme Billy Elliot:** Diálogo entre Billy e Debbie.

**Billy Elliot:** *\_Não posso, vou lutar boxe.*

**Debbie:** *\_Você é muito fraco no boxe!*

**Billy Elliot:** *\_Não sou não!*

**Debbie:** *\_Venha à aula de ballet amanhã.*

**Billy Elliot:** *\_Não posso, tenho que fazer boxe!*

O corpo é constantemente vigiado e enquadrado em um certo modelo que impõe atividades específicas para meninas e meninos. Neste caso, Billy não pode fazer *ballet*, pois, caso contrário será homossexual. Um discurso machista define a sexualidade de Billy de forma naturalizada, pois a heterossexualidade é uma “norma invisível relativamente à qual as outras formas de sexualidade, sobretudo a homossexualidade, são vistas como um desvio, como uma anormalidade” (SILVA, 2015, p. 106). Assim, em oposição, a homossexualidade é definida como um desvio da sexualidade dominante e tida como anormal, mas que pode e deve ser corrigida. O discurso religioso, que apresento a seguir, atua como reforço ao discurso biologicista para justificar a homossexualidade como anormal.

### 4.3. Claquete: o discurso religioso em ação

A autoridade da bíblia é condenar o pecado. A bíblia define o que é pecado e eu estou aqui para condenar o pecado (MALAFAIA<sup>32</sup>, 2013, s/p.).

---

<sup>32</sup> Silas Lima Malafaia é pastor evangélico e televangelista. Ele sempre se envolve em polêmicas, incluindo polêmicas contra homossexuais. Disponível em: <<https://www.mensagenscomamor.com/biografia-de-silas-malafaia>>. Acesso em: 10 fev. 2017.

A homossexualidade é tida por Silas Malafaia (2013) como pecado, por ser um princípio cristão, e ele o defende de maneira fundamentalista utilizando os escritos da bíblia para argumentar essa defesa. O discurso religioso, tanto para Malafaia (2013) como para muitos cristãos e outros religiosos fundamentalistas, é utilizado para condenar esse pecado e reforçar a homofobia. Nessa direção, Borrillo (2009) esclarece que a homofobia não se resume à rejeição irracional ou ao ódio em relação a gays e lésbicas, mas que se trata uma manifestação arbitrária que consiste em qualificar o outro como contrário, inferior ou anormal.

Sob a prerrogativa do discurso religioso, para reforçar o discurso biologicista, a homofobia é evidenciada também no filme “C.R.A.Z.Y – loucos de amor” (2005) nas atitudes do pai de Zac. O discurso religioso está aqui entendido como aquele que utiliza a bíblia – documento histórico e livro referência para os cristãos tido como a palavra absoluta de Deus – para reforçar o discurso biológico, ou seja, “Deus criou macho e fêmea”. Assim sendo, o discurso religioso toma a homossexualidade como pecado. Com frequência o senhor Gervais busca no discurso biologicista a explicação para que Zac não seja gay, isto é assumo a posição de sujeito homossexual, como nas seguintes falas “*A natureza não comete erros, não há pontos intermediários. De duas uma: ou menino ou menina. [...] Nosso garoto é um garoto. De maneira nenhuma eu gerei uma bichinha*” [Falas do pai de Zac no filme “C.R.A.Z.Y – loucos de amor”].

Preocupada em “ter” um filho homossexual, a mãe de Zac, procura o padre para ajudá-la a tratar do “problema” que estava acontecendo com o seu filho. Isso se dá pelo fato da mãe acreditar que o sacerdote teria uma solução divina. O discurso religioso funciona como um mecanismo para reforçar a homofobia, como na cena “o sacerdote salvador”, por exemplo:

**Cenas do filme C.R.A.Z.Y – loucos de amor:** A mãe de Zac muito agoniada com a situação em que se encontra sua família e na luta para que o filho não seja gay, principalmente pelo posicionamento machista do pai, busca orientação com o padre. Por ser uma senhora muito religiosa, crê que o sacerdote possa ter um meio de ajudá-la. Posteriormente à conversa com o sacerdote, a mãe de Zac, relata ao marido o que o sacerdote afirmou que as pessoas não nascem e sim que tornam-se homossexuais. Além disso, afirmou ainda que consiste como dever da família não permitir que @ filh@ se torne homossexual. Nesse momento, o senhor Gervais fica transtornado ao saber que o filho tornou-se gay. Sem rumo e sem saber como agir, ele anda de um lado para o outro no quarto. Gervais diz que precisam tomar providências para não permitir que essa desgraça aconteça na família deles.

O discurso religioso é forte nessa cena, visto que ao procurar pelo sacerdote que afirmou também que a homossexualidade é pecado, mas que não é o fim do mundo. Entendo aqui, que concomitantemente com o preconceito, ocorre a violência nas mais diversas formas,

e não apenas a física. O que se constitui em um modo de produção de significados na cultura que cria sobre os discursos, aqui compreendido como um conjunto de enunciados de um determinado saber articulados entre si, saberes que são historicamente construídos em meio a disputadas de poder (Foucault, 1995).

Em seguida, ainda nessa cena o pai e a mãe de Zac dialogam sobre a homossexualidade dele, Gervais – diante da vergonha perante a sociedade heteronormativa – proíbe sua esposa de contar a alguém esse fato “absurdo” que está acontecendo em sua casa, embora possa acontecer com qualquer um. O fato de Gervais não se conformar com a situação de Zac assumir sua homossexualidade, pode ser definido como uma

crença na existência de uma hierarquia das sexualidades, em que a heterossexualidade assume posição superior. Todas as outras formas são qualificadas, na melhor das hipóteses, como incompletas, acidentais e perversas, e na pior, como patológicas, criminosas, imorais e destruidoras da civilização. (BORRILLO, 2009, p. 25).

Logo, a mãe e o pai de Zac acreditam que ele tem uma anormalidade. Como é evidenciado na cena que chamo de “a promessa”. Embora, como afirmei em momento anterior, Zac tornou-se ateu como forma de negação ao discurso religioso ou homofóbico, entretanto, os conflitos de Zac começam quando ainda era criança:

**Cena do filme C.R.A.Z.Y – loucos de amor:** Certo dia o pai de Zac o pega com as roupas de sua mãe e, a partir de então, a relação entre os dois nunca mais foi a mesma. A cena é marcada por decepção, surpresa e vergonha, já que o pai abre a porta do quarto e se depara com Zac em trajes “de mulher”. Em contrapartida Zac se surpreende com a presença do pai e envergonhado, se culpa e faz uma promessa para minimizar o “pecado” de assumir-se gay.

A homofobia praticada pela família da personagem Zac é hostil, aponta a homossexualidade como “invertida, inferior ou anormal, e segundo a qual as pessoas com práticas homossexuais seriam pecadoras [...] ou doentes” (REIS, 2015, p. 30). Assim sendo, os pais de Zac não querem que a homossexualidade do filho seja exposta a outras pessoas por vergonha. O discurso religioso é percebido tanto na cena “o sacerdote salvador” como na cena “a promessa”. Nessas cenas tal discurso é justificado na bíblia sagrada (1993), livro que os cristãos utilizam como base para a vida, e que é contrária aos desejos do corpo. Como afirma em I Coríntios 6: 18 “Fugi da impureza. Qualquer outro pecado que uma pessoa cometer é fora do corpo; mas aquele que pratica a imoralidade peca contra o próprio corpo”. De modo que “Deus criou o homem [...] e a mulher [...] e lhes disse: sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra [...]” (GÊNESIS, 1: 27-28). Nessa direção, para os cristãos, homossexuais

[...] são contrários a algo muito mais precioso que a liberdade de outrem, a saber: tais atos opõem-se à ordem natural dos sexos e das sexualidades, assim como à vontade divina, que, ao criar-nos homens e mulheres, atribuiu uma posição preeminente, no âmago desse ordem, à heterossexualidade (BORRILLO, 2010, p. 61).

A reiteração da anormalidade pautada no discurso biologicista reafirma a criação do homem e da mulher como seres complementares. Tomás de Aquino (1225-1274) *apud* Borrillo (2010) reforça a tradição homofóbica da igreja ao defender que “o prazer sexual é legítimo somente na medida em que não é acompanhado de um ato suscetível de entrar a reprodução” (BORRILLO, 2010, p.53). Essa fala data do século XIII, mas continua atual quando observamos as falas de outr@s religios@s como do pastor José Wellington Bezerra da Costa, presidente da Convenção Geral das Assembléias de Deus no Brasil. Nas falas do pastor, a homossexualidade é colocada como “*uma perversão satânica dos instintos sexuais do ser humano*” (COSTA, 2013). Para o pastor: “*A Bíblia não classifica a homossexualidade como doença qualquer, pelo contrário, afirma claramente que se trata de uma deliberada desobediência a Deus e aos seus mandamentos*” (COSTA, 2013). O discurso religioso carrega consigo um discurso biologicista em tudo que é contrário à reprodução – a masturbação, o sexo oral ou anal e a homossexualidade (BORRILLO, 2010). Diante da resistência de suas famílias muit@s homossexuai@s não assumem sua sexualidade mesmo que continuem mantendo relações com pessoas do mesmo sexo. Nesse sentido, Foucault (2010, p. 202) destaca que

[...] tenta-se apagar, de certo modo, todos esses incêndios verbais que se acendem com a própria análise do desejo e do prazer, com a própria análise do corpo. Passa-se a borracha, esconde-se, metaforiza-se, inventa-se toda uma estilística da discricção na confissão e na direção da consciência.

Deste modo, utiliza-se do silenciamento para controlar os corpos e os desejos dos sujeitos. A presença de marcas do corpo, tidas como de homem e de mulher, ou a inexistência das mesmas, por vezes, funcionam como estratégia de resistência, pois o corpo pode falar em silêncio. Isto é, uma pessoa que se assume como gay pode não apresentar trejeitos que no discurso biologista é tido como marca de mulher, bem como uma lésbica não precisa deixar de se maquiar, usar vestidos, fazer a unha – tidas a partir do olhar do discurso biológico como características femininas –, pois na perspectiva do discurso biologicista “sapatão” é sinônimo de “machão”, de brutalidade. Manifestações homofóbicas, revestidas de “puritanismo” –

desacato, desprezo àqueles que não assumem a posição de sujeito heterossexual são evidenciadas nos filmes.

#### **4.4. Tomada final: o discurso biologicista e as reticências**

O discurso biologicista – reforçado por outros discursos como o discurso religioso, o discurso psicológico, é percebido nos longas, “Billy Elliot” (2000), “Carol” (2015), “C.R.A.Z.Y. – Loucos de Amor” (2005) e “Madame Satã” (2002). Nessa direção,

[...] [os] sujeitos não buscam ser “integrados”, “aceitos” ou “enquadrados”; o que desejam é romper com uma lógica que, a favor ou contra, continua se remetendo, sempre, à identidade central. Assumem-se como estranhos, esquisitos, excêntricos, e assim querem viver – pelo menos por algum tempo, ou melhor, pelo tempo que bem lhes aprouver (LOURO, 2013, p. 51).

Diante do fato dos sujeitos não se enquadrarem no “padrão”, esses sujeitos passam a assumir suas sexualidades abertamente, o que funciona como escapes e resistências nas obras cinematográficas. No filme “Madame Satã” (2002), são detectados escapes na personagem João Francisco, que inicialmente por ser travesti, encontrara dificuldades em se enquadrar nos espaços como boates e bares, contudo não deixa de assumir-se como travesti, de maneira que sua postura encontra nos bares e boates o estopim para sua carreira e sucesso. Dito de outra maneira, a resistência da personagem ganha espaço na divulgação outras posições de sujeito – como a posição de sujeito travesti – ao quebrar o padrão. No filme “Carol” (2015), exemplo disso é Carol que se assume bissexual abrindo mão da guarda da filha diante de uma sociedade preconceituosa, na qual a tentativa de se manter um padrão heteronormativo é bem marcante. Já no filme “C.R.A.Z.Y. - Loucos de Amor” (2005). Assumir a homossexualidade mesmo diante da força da heteronormatividade na família de Zac se torna um desafio. Enquanto no filme “Billy Eliot” (2000) a maior resistência é permanecer nas aulas de *ballet* e ser heterossexual. Assim, é evidenciado no currículo dos quatro filmes, que existem resistências e escapes por parte das personagens para não permitir que haja o silenciamento de seus corpos.

Nessa direção, o currículo afirma-se como um instrumento que “forma e produz modos de agir e conduzir; como uma linguagem, na qual as palavras usadas para nomear as coisas, os sujeitos e o mundo são produzidas nas relações de poder e têm efeito sobre aquilo

que nomeia” (PARAÍSO. 2007, p. 93). Como está no argumento deste capítulo, o discurso biologicista apareceu na tentativa de controle dos corpos nos espaços como escola, família, religião, roda de amig@s, produzirem efeitos sobre os corpos, disciplinando-os e demandando uma posição de sujeito heterossexual como a normal e correta. É importante ressaltar que o discurso biologicista não atua sozinho, ele aparece nesse capítulo reforçado pelo discurso religioso e psicológico. Neste capítulo busquei evidenciar a tentativa de controle dos corpos, por meio de sua normalização pautada no discurso biologicista. No capítulo a seguir apresento a homossexualidade enrustida como invenção de uma anormalidade.



## CAPÍTULO 5

---

### HOMOSSEXUAL ENRUSTID@: A INVENÇÃO DE UMA ANORMALIDADE

Lembro quando você me falou,  
dentro do armário,  
só tem bolor e naftalina.  
Vem já pra fora, meu bem,  
que só aqui é que tem,  
calor e adrenalina (ZECA BALEIRO, 2010, s/p.).

O armário é um espaço escuro, fechado e sem ventilação, eu diria que é sufocante viver em um espaço assim. Esse conflito de “estar” na escuridão é vivenciado por Zac no filme “C.R.A.Z.Y. – loucos de amor” (2005). “Estar no armário”, expressão metafórica corriqueira, que caracteriza @ homossexual que esconde da sociedade suas paixões e desejos por pessoas do mesmo sexo, parece ter uma recorrência que transcende os espaços geográficos, o tempo histórico e as classes sociais nos currículos investigados. De modo que,

o armário [...] parece ser o mecanismo de controle [nas vidas daquel@s que se assumem como heterossexuais], no fundo, solitárias, já que vividas em um limbo comprimido entre a socialmente aceita e a secreta, em que tentam alocar seus desejos, prazeres e sonhos (MISKOLCI, 2009, p. 188).

Estar no armário funciona como um mecanismo que reprime os corpos na tentativa de mantê-los aprisionados. Em contrapartida “sair do armário” seria deixar o bolor e a naftalina e sair em busca de calor e adrenalina, vivenciar um novo conflito, aquele que a sociedade alimenta cotidianamente: a homofobia. Esse conflito será inevitável, já que “[...] em toda sociedade a produção de discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que tem por função conjurar seus poderes e perigos [...]” (FOUCAULT, 2014, p. 08). A determinação e controle dos corpos são forjadas em uma construção histórica permeada por nas relações de poder. Essas relações de poder estão tomadas por discursos heteronormativos reforçados por discursos religiosos, moralistas e biologicistas que circulam no currículo dos filmes e se dobram nos corpos das personagens como se fossem roupas.

Diante disso, o argumento central deste capítulo é de que o discurso homofóbico ao reforçar a normalização dos corpos produz o que chamo de homossexualidade enrustida. A homossexualidade enrustida pode ser também entendida como “homofobia internalizada”, como a nomeia Borrillo (2009). Esse tipo de homofobia se dá quando @ homossexual nega sua sexualidade atendendo ao não externalizar suas escolhas, pois elas não atendem ao padrão heteronormativo que a sociedade divulga como correto. A sua homossexualidade é considerada como errada, amoral e pecadora.

### 5.1. A homofobia internalizada: que roupa devo usar? A do desejo ou da culpa?

[...] o homossexual sofre solitário o [exílio] ligado à sua homossexualidade, sem nenhum apoio de seus próximos e frequentemente em um ambiente familiar hostil. Ele é, portanto, vulnerável a uma atitude de aversão a si mesmo e a uma violência interiorizada que pode levá-lo ao suicídio (BORRILLO, 2009, p.33).

Na homofobia internalizada, a pessoa homossexual vivencia conflitos. A vivência de momentos difíceis pode ser representada no filme “C.R.A.Z.Y. – loucos de amor” (2005) na cena em que Zac está em uma consulta com o psicólogo. Nessa cena que nomeio “do fodido”

**Cena do filme C.R.A.Z.Y. – loucos de amor:** Em conversa com o psicólogo, Zac se mostra muito confuso e aflito, e acaba questionando ao profissional se seria melhor ser “*feliz e saudável*” ou “*miserável e fodido*”, referindo se a homossexualidade.

A pergunta de Zac traz à tona evidências devastadoras das construções do discurso homofóbico em sua vida, o que justifica, em seu conflito, continuar no armário por um tempo. Reações fóbicas como as que atormentam Zac são bastante comuns entre pessoas homossexuais, sejam elas mulheres ou homens que não “saíram do armário” e que lutam contra seus próprios desejos e contra o reconhecimento de sua sexualidade. Acerca do reconhecimento como sujeito homossexual, Louro (2014) afirma que

[...] para que um/a jovem possa vir a se reconhecer como homossexual será preciso que ele/ela consiga desvincular gay e lésbica dos significados a que aprendeu a associá-los, ou seja, será preciso deixar de percebê-los como desvios, patologias, formas não naturais e ilegais de sexualidade. Como se reconhecer em algo que se aprendeu rejeitar e a desprezar? Como, estando imerso/a nesses discursos

normalizadores, é possível articular sua (homo) sexualidade com prazer, com erotismo, com algo que pode ser exercido sem culpa? (LOURO, 2014, p.87).

O posicionamento da sociedade machista de rejeição @s homossexuais se justifica por colocar em perigo a norma heterossexual que dá privilégios aos homens, visto que baseado no discurso religioso de que homem não pode assumir-se gay, ou seja, assumir a posição de sujeito homossexual e que se isso acontece há um desvio das leis de Deus. Diante da “naturalidade” heterossexual, é difícil reconhecer a própria homossexualidade por parte de gays que se isolam e são vítimas de angústias. No entanto @s heterossexuais acreditam que cabe @ “homossexual, em decorrência de sua diferença, apresentar-se, solicitar autorização e prevenir os ‘normais’ de sua entrada em um território que não é naturalmente destinado a ele”. (BORRILLO, 2010, p. 103). Ou mesmo que apresentem escapes e resistências ao padrão, se vêem, com frequência, em situação de conflito e violência.

O sujeito homossexual pode vivenciar a homofobia individual (rejeição) e a social (supremacia heterossexual) que podem funcionar de maneira distinta e autônoma, e ainda, a homofobia enrustida (BORRILLO, 2010). A homofobia enrustida também se faz presente na educação como, por exemplo, nas discussões de gênero no Plano Decenal<sup>33</sup> – documento elaborado com diretrizes relacionadas a metas para melhoria na educação a ser cumprido em um prazo de dez anos. O plano decenal está objetivado na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e é reelaborado de dez em dez anos (MENEZES, 2001). O item Ideologia de Gênero é polêmico nos planos decenais em vários municípios como São João Del Rei-MG, Divinópolis-MG, Campo Grande-MS, Salvador-BA, Vitória-ES, dentre outros do Brasil, no que se refere à inclusão da discussão nos planos ou não. No município de Montes Claros – MG, onde resido, vereadores e um grande número de pessoas de diversos segmentos se manifestaram contra ou favoráveis a inclusão das discussões de gênero nos currículos. Essas manifestações foram realizadas, sobretudo, nos comentários em que o vereador Cláudio Prates, postou na sua página do *facebook*<sup>34</sup> – “Posicionamento do Vereador Cláudio Prates (PTB) em relação ao projeto que será votado amanhã: Plano Municipal de Educação, a Ideologia de Gênero/Identidade de Gênero - lutaremos para retirar do Plano Municipal de

---

<sup>33</sup> Em 09 de janeiro de 2001, quando o Presidente da República, Fernando Henrique Cardoso aprova o Plano Nacional de Educação – PNE – Lei no 10.172, que, em seu art. 5º, estabelece a obrigatoriedade dos Estados e Municípios elaborarem a proposta de um Plano Decenal próprio, submetendo-a à apreciação e aprovação do Poder Legislativo correspondente. Sendo constituído a partir dos eixos Educação como direito de todos; educação como instrumento de desenvolvimento econômico e social; educação como fator de inclusão e a democratização da gestão do ensino público nos estabelecimentos oficiais. O último Plano Decenal foi elaborado no ano de 2005, daí justifica-se o ano de 2015 para a elaboração de uma nova proposta. (Disponível em: <[http://uberaba.mg.gov.br/portal/acervo/educacao/arquivos/plano\\_decenal.pdf](http://uberaba.mg.gov.br/portal/acervo/educacao/arquivos/plano_decenal.pdf)>. Acesso em: agosto de 2016.)

<sup>34</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/claudio.prates.39?fref=ts>>. Acesso em: 30 jun. 2015.

Educação de Montes Claros, a ideologia de gênero/identidade de gênero”. Segundo @s manifestantes contrári@s:

A Ideologia de Gênero ou Identidade de gênero, também conhecida como Ideologia da Ausência de Sexo, defende a ideia segundo a qual não existe apenas a mulher e o homem, mas que existem também “outros gêneros”; e que qualquer pessoa pode escolher um desses “outros gêneros”, ou mesmo alguns desses “outros gêneros” em simultâneo. Tal ideologia afirma que os dois sexos — masculino e feminino — são “construções culturais e sociais”, e que por isso os chamados “papéis de gênero” (que incluem a maternidade, na mulher), que decorrem das diferenças de sexos alegadamente “construídas” — e que por isso, não existem, são também “construções sociais e culturais” (FACEBOOK<sup>35</sup>, 2015).

Diante desse posicionamento surgem manifestações contrárias do tipo: “*Totalmente contra! Virou bagunça esse país? Essa cidade? Cheio dessa imposição gay!*”! “*Totalmente contra. A escola deve se preocupar com suas funções as quais tem desempenhado muito precariamente*” (FACEBOOK<sup>36</sup>, 2015). Manifestações como essas reforçam que “a sociedade está feita de acordo com as características do gênero dominante [...]. Ela parte de um impulso de dominação e controle: sobre a natureza e sobre os seres humanos” (SILVA, 2015, p. 93).

Além de questionar o que cabe à escola como sua função, esse grupo convida manifestantes contrári@s às discussões de gênero para se reunirem com o objetivo de reforçar o grupo que defende a família. Defender a família não é argumento apenas d@s manifestantes, já o discurso cria redes de significação em distintos espaços e tempos históricos. Dessa forma, também o ex-marido de Carol, no filme “Carol” (2015), assume o discurso moralista, que enquadra a família em um padrão heterossexual, quando busca de todas as maneiras, colocar a bissexualidade como uma ação contrária a família, ou seja, utiliza o ciúme e a heteronormatividade como ferramentas para defender a “família” e o “suposto” amor que possui por Carol. Dentre as ações ciumentas e machistas de Harge se destaca a contratação de um detetive para seguir e coletar provas contra Carol na viagem que ela fez com Therese.

Pautado na defesa à família, meio do discurso moralista e do discurso homofóbico, o grupo de manifestantes de Montes Claros, que realizou de manifestações sobre o plano decenal, fez, então, a seguinte chamada: “*Quem também for contra compareça amanhã 24/06 às 08h na Câmara Municipal de Montes Claros, onde estará ocorrendo a votação do plano*

---

<sup>35</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/eventosmocnoticias/photos/a.328650903813185.86741.328638393814436/999598990051703/?type=1&theater>>. Acesso em: 30 jun. 2015.

<sup>36</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/eventosmocnoticias/photos/a.328650903813185.86741.328638393814436/999598990051703/?type=1&theater>>. Acesso em: 30 jun, 2015.

municipal de educação e concomitantemente uma manifestação pacífica de repúdio à ideologia de gênero” (FACEBOOK<sup>37</sup>, 2015). Defender a família tradicional afirmando que:

*“Quem orienta as crianças quanto as questões de ‘gênero’ é a família”! “Uma coisa é respeito, outra coisa é forçar todo mundo a acatar e aceitar a desconstrução da família que vem de uma base milenar [...] temos que proteger nossas crianças, uma vez que é a família e não o estado que deve gerar valores nelas [...]”; “Sou totalmente a favor da família. Nasci de um homem e uma mulher. Acho isso [homossexualidade] nojento, uma verdadeira ação de satanás” (FACEBOOK<sup>38</sup>, 2015).*

Essa direção de pensamento também está evidenciada no filme “C.R.A.Z.Y – Loucos de amor” (2005) em uma cena que Zac, temendo a homossexualidade, em um momento de oração, diz: “Qualquer coisa, menos isso!” [Fragmentos do filme “C.R.A.Z.Y – Loucos de amor”]. Aqui o discurso religioso, é colocado em funcionamento, assim como pelas manifestantes de Montes Claros como se pode evidenciar nas enunciações que seguem.

*“O que me conforta é saber que um dia essa podridão vai ser exterminada da terra. Essas pessoas subestimam o poder de Deus e desrespeitam as pessoas que o temem, quando tem o descaramento de fazer uma pergunta dessa”. “Uma cambada de sem o que fazer que fica querendo impor e opor as vontades e criações de Deus. Legião de demônios que não valorizam uma família” (FACEBOOK<sup>39</sup>, 2015).*

A homossexualidade enrustida se fundamenta ainda na ideia de que se trata de uma ação satânica e de algo nojento. Mais uma vez o discurso religioso que não raras vezes, lança mão do mecanismo da culpa, é utilizado para reforçar a homofobia. Diante disso, a dificuldade em reconhecer-se homossexual se fundamenta ainda no medo de ser rejeitado e de ser objeto de discriminação e constrangimentos, diante do padrão normalizador demandado na sociedade.

## 5.2. Na gaveta do armário está o padrão normalizador?

---

<sup>37</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/eventosmocnoticias/photos/a.328650903813185.86741.328638393814436/999598990051703/?type=1&theater>. Acesso em: 30 jun, 2015.

<sup>38</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/eventosmocnoticias/photos/a.328650903813185.86741.328638393814436/999598990051703/?type=1&theater>. Acesso em: 30 jun. 2015.

<sup>39</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/eventosmocnoticias/photos/a.328650903813185.86741.328638393814436/999598990051703/?type=1&theater>. Acesso em: 30 jun. 2015.

Percebem-se [...] colocações [...] que vão desde o núcleo familiar, passando pelo contexto cultural e chegando até a institucionalização da rejeição de manifestações da sexualidade que não se enquadra na visão heteronormativa (REIS, 2015, p. 194).

Ter filhos gays, lésbicas, bissexuais, travestis ou transexuais não está entre as expectativas da maioria dos familiares. Por isso, é muito comum ouvirmos enunciações do tipo “*Não é preconceito, e sim uma questão de princípios!*”<sup>40</sup>. “*Vou te levar em um psicólogo e vais ver que só uma fase! Vai passar!*”<sup>41</sup>. Enunciações como essas reforçam a rejeição d@s homossexuais, transgêneros e transexuais pelas famílias constituídas apenas por pai, mãe e filh@s heterossexuais, isto é, famílias que tentam se enquadrar no padrão heteronormativo de famílias. Para não decepcionar a sua família e na tentativa de se enquadrar no padrão normalizador, Zac, no filme “C.R.A.Z.Y. – loucos de amor” (2005) busca ajuda de um psicólogo em busca de cura.

**Cena do filme C.R.A.Z.Y. – loucos de amor:** Em conversa com o psicólogo Zac pergunta se parecia bicha, pois diz que seu comportamento leva a pensar que é homossexual pelo fato de conversar afeminado e vestir-se “como um pavão”. Em seguida se vê impaciente e diz que as indagações feitas ao psicólogo são uma perda de tempo, já que ele não é veado e que caso isso fosse verdade morreria primeiro.

O posicionamento de Zac acerca da homossexualidade de negação preferindo a morte constitui em evidencia de que “estar bicha” seria um fato inaceitável. É cabível voltarmos para práticas que desestabilizem a naturalidade e que reafirmem o caráter construído, movente e plural de todas as posições de sujeito ocupadas pelas pessoas, já que a homossexualidade – ao afastar-se do padrão tido como ideal – consiste em buscar o desvio. Desse modo, os discursos heteronormativos que circulam no currículo dos filmes tendem a produzirem verdades sobre os sujeitos e sobre seus corpos (LOURO, 2013). Silva (2015, p. 106) define a heterossexualidade como “norma invisível relativamente à qual as outras formas de sexualidade, sobretudo a homossexualidade, são vistas como um desvio, como uma anormalidade”. Desse modo, a homossexualidade é definida como um desvio da sexualidade dominante e tida como anormal. Assim, vestir-se como um pavão seria usar apetrechos chamativos, que é tido pela sociedade como atos femininos. As fissuras dos discursos que reafirmam marcas normalizadoras do masculino mostram que

---

<sup>40</sup> Disponível em: <[https://pensador.uol.com.br/homossexuais\\_preconceito/17/](https://pensador.uol.com.br/homossexuais_preconceito/17/)>. Acesso em: 20 jan. 2017.

<sup>41</sup> Disponível em: <<http://revistadonna.clicrbs.com.br/noticia/nao-e-uma-fase-10-frases-que-um-filho-ouve-dos-pais-quando-conta-que-e-gay/>>. Acesso em: 20 jan. 2017.

[...] para um homem heterossexual, confrontar-se com um homem efeminado desperta a angústia em relação às características femininas de sua própria personalidade; tanto mais que esta teve de construir-se em oposição à sensibilidade, à passividade, à vulnerabilidade e à ternura, enquanto atributos do “sexo frágil” (BORRILLO, 2010, p.89).

Encarar o confronto com o Sr. Gervais, machista e resistente @s homossexuais, faz com que Zac se veja em conflito e tema ocupar a posição de sujeito homossexual, influenciado pelo preconceito que lhe foi ensinado. Isso faz com que ele tenha dificuldade em assumir-se homossexual, embora perceba que esse é seu desejo. Pautado na anormalidade, Furlani (2013) ressalta que a ênfase dada a reprodução, de modo que a norma sexual está atrelada a um vida reprodutiva, constitui-se na principal responsável pelo raciocínio de ter como “natural”, exclusivamente o envolvimento sexual e afetivo entre pessoas do sexo oposto. Desse modo torna-se desafio ampliar a visão dos sujeitos para uma sexualidade mais múltipla, visto que o corpo é algo que perpassa todas as etapas da vida e não apenas o período reprodutivo. De modo que a sexualidade seja concebida numa dimensão prazerosa, na qual a procriação deve ser uma consequência e um direito de escolha (FURLANI, 2013).

Encarar a família e a sociedade não é privilégio apenas para Zac. Para Billy Elliot, o desejo de fazer *ballet* e a obrigação imposta por seu pai de lutar boxe traz sofrimento e dor, já que não é considerado normal meninos fazerem *ballet*. Contudo, os escapes à normalização são trazidos por uma amiga de Billy quando o pergunta “*Porque você não faz ballet? Muitos homens fazem ballet sabia? Aqui não é comum, mas muitos homens fazem*”. Billy Elliot, fundamentado no discurso heteronormativo retruca: “*Bichas*”. Debbie insiste dizendo: “*Não necessariamente*”. E menciona o nome de “*Wayne Sleep*” [Fragmentos do filme “Billy Elliot”] que segundo ela não é bicha.

Billy vive a interdição de seus desejos pelo pai, pelo professor de boxe, pelo irmão e pela sociedade. Ele sente vontade, mas teme quebrar uma norma, e confrontar-se com questões arraigadas na sociedade de que um menino praticar *ballet* seria anormal. É importante dizer que “[...] o anormal está na norma, é previsto nela, julgado e encaminhado por ela” (MARQUEZAN, 2009, p. 110). Logo, *ballet* seria para meninas. O discurso biologicista, presente na cena, atribui à posse de determinado órgão genital à atribuição social de papel que determinam ser mulher e ser homem. Desse modo, para o discurso biologicista “estar bicha” seria anormal. Diante de tal situação, trata-se ainda de pensar a diferença entre os sexos baseada não na diferença biológica, mas com uma elaboração política que divulga o

discurso homofóbico, elemento reforçador da normalização dos corpos tendo como produção o que chamo de homossexualidade enrustida. Uma vez que

[...] a preservação do dispositivo político da distinção entre os sexos implica, igualmente, a conservação da diferença entre uma “natureza feminina” e em outra “natureza” masculina, dessemelhantes e complementares, encontra-se na origem de uma opinião disseminada segundo a qual as relações heterossexuais são as únicas a desempenhar o verdadeiro encontro dos seres que, por sua diferença sexuada, teriam a vocação para se completar (BORRILLO, 2010, p.25).

A defesa da supremacia normativa da heterossexualidade justifica que por natureza homem e mulher se completam e que cada um cumpre um papel específico em uma relação natural. A tentativa de imposição da homossexualidade como anormal reforça o conflito da homossexualidade enrustida vivenciada por Zac:

**Cena do filme C.R.A.Z.Y. – loucos de amor:** Zac decide ir à loja de vinhos, como fazia corriqueiramente, contudo, inesperadamente se depara com o namorado de sua prima, aquele por quem vivera um desejo em outros momentos. Imediatamente Zac se vê tomado pelo sentimento incontrolável que tem pelo garoto. O enredo da cena se desenvolve sob um padrão de confusão mental, muitos pensamentos e cenas de sua história de vida vêm à sua mente, como que causando um movimento frenético de pensamentos/conflitos/desejos/negação. A cena prossegue no trânsito, o turbilhão de emoções de desejo e não-desejo, aceitação e não-aceitação continuam se movimentando em sua mente. Ele ultrapassa o sinal vermelho e sofre um acidente.

Toda essa movimentação dentro do “armário”, digo na vida da personagem Zac, gera uma necessidade urgente de fuga, de maneira que sem ser percebido, ele sai, sobe na moto e acelera como quem quisesse sair velozmente não somente da loja de vinhos, mas dessa situação conflitante da homossexualidade enrustida. Essa cena que chamo de “a cena do acidente” é marcada pelo discurso homofóbico que se dobrou sobre a mente de Zac produzindo a homossexualidade enrustida, que nesse caso, quase o levou à morte. Aqui fica evidenciado que o currículo produz sujeitos nas relações de poder, visto que “não existe sujeito a não ser como o simples e puro resultado de um processo de produção cultural e social” (SILVA, 2015, p. 120). Desse modo, fica implícita a causa do acidente: o turbilhão de pensamentos que gerou uma desatenção no trânsito e o acidente enquanto resultado do desejo de acabar com o conflito gerado pela homossexualidade enrustida.

A homossexualidade enrustida resulta em um índice elevado de mortes e tentativas de suicídio<sup>42</sup> motivadas pelo medo da sociedade heteronormativa. O filme “Madame Satã”

---

<sup>42</sup> O alto índice de suicídios é justificado pelo medo que o jovem tem da sociedade heteronormativa. O Dr. Lincon Andrade afirma que “adolescentes com orientação sexual homossexual, bissexual ou pertencentes a comunidade LGBT estão sujeitos a altos níveis de estresse e apresentam taxas de suicídio acima da média para sua faixa de idade”. Para ele isso se dá “devido ao preconceito sexual e suas diferentes manifestações, como

(2002) retrata a homofobia em constantes cenas de violência na vida da personagem principal, cenas essas que funcionam como elemento motivador da homossexualidade enrustida, ainda que neste filme a personagem principal mostre muito mais escapes do que se sucumba aos processos de subjetivação que demandem uma posição de sujeito enrustido.

O discurso homofóbico mostra-se forte nas obras analisadas. Therese, mostra-se em um conflito muito grande, em uma situação de dúvida e culpa. Na cena “a dúvida” no filme “Carol” (2015) Therese questiona Richard sobre ser possível se apaixonar por pessoas do mesmo sexo:

**Cena do filme Carol:** Diálogo em Richard e Therese.

**Richard:** *Vou te dizer uma coisa. Há um problema na formação quando isso acontece. (Momento de inquietação)*

**Therese:** *Não acha que pode acontecer com qualquer um?*

**Richard:** *Não. Eu não acho não! O que foi? Tá apaixonada por uma garota?*

**Therese:** *Não! (Expressão assustada).*

**Richard:** *Não sabe que eu quero passar minha vida com você? Vá para a França comigo. Vamos nos casar.*

**Therese:** *(Grita nervosa) Richard! Eu não estou preparada para isso. Eu não consigo decidir.*

**Richard:** *O que? Me fala. (Expressão de desespero).*

**Therese:** *Eu preciso ir. Sinto muito.*

Richard utilizando reitera a anormalidade de uma relação homossexual e aproveita da situação para falar de um casamento considerado normal. Os desejos vivenciados no dia a dia por pessoas que se assumem como homossexuais são constantemente rodeados por tentativas de apagamentos d@s mesm@s. Nesse sentido, a homofobia, é percebida diante de fenômenos banais, como por exemplo, se inquietar ao descobrir que @ namorad@ passou a desejar outra mulher, como foi o caso de Therese por Carol.

Nessa direção Junqueira (2009), destaca que cabe aos sujeitos compreender que o reconhecimento de gays e lésbicas é uma questão que diz respeito a tod@s. Além disso, que a “homossexualidade e a bissexualidade deveriam ser apresentadas como manifestações de sexualidade tão legítimas e bem sucedidas quanto à heterossexualidade” (BORRILLO, 2010, p. 110). A homofobia enrustida supervaloriza a heterossexualidade que “configura uma norma, um princípio ordenador segundo o qual a pluralidade das experiências sexuais é

---

ocorre, por exemplo, na homofobia, adolescentes LGBT estão sujeitos a altos níveis de estresse”. Lincon Andrade destaca ainda como impasses para enfrentar o preconceito: “[...] Dificuldade em ter certeza de sua orientação sexual devido a pouca idade e experiência sexual, [...] Dificuldade extrema em tornar pública sua orientação sexual homossexual ou bissexual, ou sua identidade de gênero transexual, por medo de sofrer preconceito e estigmatização dos amigos, da família e de estranhos, [...] Não poder, quando ainda não assumiu sua singularidade sexual, exercer livremente sua sexualidade por medo de agressões verbais e físicas, ameaças, humilhações [e ainda] ser vítima de bullying na escola. Disponível em: <<http://lincolnandrade.com.br/suicidio-de-adolescentes-homossexuais-e-lgbt-e-sua-prevencao/>>. Acesso em: 27 jan. 2017.

significada” (LIONÇO; DINIZ, 2009, p. 54). Nessa direção a norma que é legitimada se torna quase invisível sendo que a masculinidade branca e heterossexual não necessita de dias especiais para serem lembrados, já que são “normais” (MEYER, 2013).

### 5.3. Cabides da moralidade

Imoral  
Imoral  
Minha vida sem sentido  
Onde nada é real  
Sob regras e descontos  
Não consigo me encontrar [...] (BANDA LA MAFIA, 2014, s/p.).

Agir com imoralidade seria não seguir regras tidas como morais? Morais para quem? Para a sociedade heteronormativa? A sociedade heteronormativa cria regras, cabides morais para fundamentar o que chama de moralidade. Isto é, ter atitudes morais seria seguir os padrões do que é divulgado como normal, corriqueiro e certo tomando a vida heterossexual como referente positivo. Carregado de moralismo e pautado, sobretudo, no discurso religioso, reforça-se o padrão heteronormativo como superior e absoluto em muitas sociedades. Nesse sentido, “todas as produções de cultura construídas [...] assumem o caráter de diferentes e, quando não, são simplesmente excluídos dos currículos” (LOURO, p. 2013, p. 46). Seja currículo escolares ou currículos não escolares, como no caso dos filmes.

É comum ouvirmos frases do tipo “*Não te criei para isso!*”, ou ainda “*Isso não é normal*”<sup>43</sup>. Frases essas que apontam um relacionamento não heterossexual como anormal e que precisaria ser “aceito” pelas pessoas. Entretanto, essa afirmativa não vai ao encontro do que acredito, pois não se trata de aceitar o diferente e como Furlani (2013) afirma, nas famílias contemporâneas, é destaque também aquelas constituídas entre pessoas do mesmo sexo. Acerca da constituição das famílias e da imposição da família a cena da cláusula da moralidade que segue é representativa

**Cena do filme Carol:** No escritório do advogado de Carol, Carol é informada pelo referido advogado que Harge solicitou que até a audiência Rindy não tenha contato

---

<sup>43</sup> Disponível em: <<http://revistadonna.clicrbs.com.br/noticia/nao-e-uma-fase-10-frases-que-um-filho-ouve-dos-pais-quando-conta-que-e-gay//>>. Acesso em: 20 jan. 2017.

com a mãe. Harge não quer mais a guarda compartilhada e sim edição de guarda permanente. Carol questiona: *“Como isso?”* E o advogado afirma que a solicitação baseia-se na cláusula de moralidade.

O discurso heteronormativo no qual se baseia a cláusula da moralidade como justificativa no processo de guarda de Rindy fica mais claro na cena do padrão de comportamento ensinado nesse mesmo filme:

**Cena do filme Carol:** Ainda no escritório do advogado de Carol, é esclarecido para Carol pelo advogado que Harge e o advogado que o defende, justificaram sugerem que a cláusula da moralidade se aplica ao padrão de comportamento de Carol com Abby. Indignada, Carol retruca que Abby é madrinha da Rindy! Por instantes, Carol fica pensativa e diz ter entendido. Ao se levantar para sair do escritório ela afirma que como Harge não pode mais ter Carol como esposa, ele fará de tudo para tirar a Rindy dela.

Evidencio aqui o discurso moralista que é tomado por muitas famílias heterossexuais, para reforçar o discurso heteronormativo, de modo que o discurso moralista demanda a homossexualidade enrustida, visto que personagens como Carol, embora assuma sua bissexualidade precisa abrir mão de seu relacionamento, em certo momento, para não deixar de ter contato com sua filha Rindy. Pautado no discurso moralista Harge tenta “ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer” (FOUCAULT, 1991, p. 164).

O conflito vivido por Carol mostra que o não reconhecimento de outras sexualidades como legítimas resulta na afirmação e reafirmação da heterossexualidade na dinâmica das relações sociais e nas concepções de família. Esse não reconhecimento gera a prática discriminatória e homofóbica ao desqualificar outros modos de viver a sexualidade e exigir um padrão heterossexual (LIONÇO; DINIZ, 2009).

A sexualidade que foge à heterossexualidade constitui-se como um tabu, sendo sustentado pela justificativa de não ter caráter reprodutivo e natural. Os mecanismos de controle da sexualidade operam com

[...] um conjunto de ações sobre ações possíveis; ele [o poder] opera sobre o campo de possibilidade onde se inscreve o comportamento dos sujeitos ativos; ele incita, induz, desvia, facilita ou torna mais difícil, amplia ou limita, torna mais ou menos provável; no limite, ele coage ou impede absolutamente, mas é sempre uma maneira de agir sobre um ou vários sujeitos ativos, e o quanto eles agem ou são suscetíveis de agir. Uma ação sobre ações (FOUCAULT, 1995, p. 243).

A tentativa de coação do marido de Carol funciona como mecanismo de controle nas relações de poder instaladas entre Carol e o marido. Fica evidenciada na cena do padrão de

comportamento que Carol teme assumir sua bissexualidade em virtude da justificativa da moralidade.

O filme traz uma cena que mostra que Therese e Carol se envolvem sexualmente em uma viagem que realizam juntas. Contudo, quando Carol descobre a armação de Harge – contratação de um detetive particular para seguir e registrar seus passos – Carol abandona o relacionamento com Therese, como mostra a cena de “o encontro de Abby e Therese”.

**Cena do filme Carol:** A cena se passa em um dos hotéis em que Carol e Therese se hospedaram e tem uma música de fundo melancólica. Numa poltrona do quarto enquanto Abby (mulher com que Carol se relacionou no passado) fuma um cigarro, Therese dormia calmamente. De repente, Therese acorda e se depara com Abby sentada no quarto olhando para ela. Assustada, pergunta imediatamente por Carol. Abby responde que Carol se foi e que não voltar mais. Therese confusa questiona o motivo pelo qual por que Abby a odeia e no mesmo instante justifica que nunca fez nada para que Abby não gostasse dela. A conversa inicial entre ambas é estranha, fria e truncada. Abby diz, ironicamente, que deve odiar Therese e desejar que ela sofra, visto que atravessou o país de avião para levar Therese embora. Em contrapartida Therese diz que tudo que Abby estava fazendo era pela Carol e não por ela. Abby confirma que Therese tem razão, já que estava ali por pedido da Carol.

O fim de relacionamento entre Carol e Therese se dá pelas investidas de Harge, que, com a coleta de provas da relação das duas tenta incriminar Carol para que a mesma não tenha a guarda de Rindy. Therese sem saber o motivo pelo qual Carol foi embora, se vê tomada pelo ciúme e teme que Carol e Abby reatem o relacionamento que tiveram no passado. Logo, pergunta a Abby como elas se conheceram. Abby afirma que conheceu Carol quando tinha 10 anos, mas que o envolvimento elas tinha apenas cinco anos. Nesse momento, Abby explica:

**Cena do filme Carol:** Diálogo entre Abby e Therese.

**Abby:** *“No verão o meu carro quebrou tarde da noite perto da casa da minha mãe. Tentamos ficar acordadas, mas acabamos juntas na minha cama de solteiro. E foi assim por um tempo, depois mudou. Isso muda. Sempre muda. E não é culpa de ninguém”.*

Em seguida entrega a Therese uma correspondência que Carol deixou, descrita na cena que segue.

**Cena do filme Carol:** A cena tem um fundo musical melancólico e traz a leitura angustiada por Therese da carta escrita com muita tristeza por Carol, que dizia: *“nada é acidental, nos encontraríamos de uma forma ou de outra. Tudo dá uma volta completa. Agradeço que tenha sido mais cedo do que mais tarde. Você vai dizer que é crueldade minha falar assim, mas nenhuma explicação que der satisfará você. Não fique zangada por eu dizer que você busca explicações porque é jovem, mas um dia você entenderá”.*

Therese sofre muito e não vê outra saída que não seja ir embora junto com Abby. Ambas seguem viagem numa estrada escura e Therese adormece. Abby observa Therese

dormindo no banco de trás e como voz de fundo, no decorrer da viagem, os escritos de Carol passam a ser a música da cena: *“a vida pela frente será um eterno alvorecer. E até lá não teremos mais contato. Tenho muito a fazer e você ainda mais minha querida. Por favor, acredite que eu faria qualquer coisa para ver você feliz! Então faço a única coisa que posso. libero você!”*. Carol, diante da dificuldade causada por Harge e do discurso moralista, não vê outra saída. Afasta-se de Therese, embora sofra por isso e sofra inclusive para escrever a carta que deixou. Muitos foram os mecanismos de poder utilizados por Harge, e que transcendem o currículo do filme, tais como a perseguição e o julgamento.

Isto posto, o poder é praticado em vez de possuído. O poder funcionando para induzir, pode ser percebido também na fala de Zac na cena do dom: *“\_Se realmente eu tivesse um dom, como força de seu instrumento (instrumentos musicais), talvez algum dia responderia às minhas orações”* [Fragmentos do filme C.R.A.Z.Y. – loucos de amor]. Zac acredita que se conseguisse focar em determinado dom, no caso o dom de tocar os instrumentos que ganhava do seu pai, estaria livre da homossexualidade. Visto que ao focar no dom de tocar talvez Zac não tivesse tempo de pensar na sua homossexualidade, percebendo que pode se livrar da homossexualidade. Utilizando da justificativa do talento de Zac para tocar e de que a homossexualidade surge da mente vazia, há uma tentativa de silenciamento do corpo de Zac, o que resulta mais uma vez na homossexualidade enrustida. A imposição de se ter um dom funcionaria como forma de defesa e, conseqüentemente, como estratégia de poder para silenciamento do corpo de Zac. Para Furlani (2013, p. 70) é pertinente

[...] desestabilizar as “verdades únicas”, os restritos modelos hegemônicos da sexualidade normal, mostrando o jogo de poder e de interesses envolvidos na intencionalidade de sua construção; e, depois, apresentar as várias possibilidades sexuais presentes no social, na cultura e na política da vida humana, problematizando o modo como são significadas e como produzem seus efeitos sobre a existência das pessoas.

É importante destacar que as relações de poder são imanentes e não externas a nenhuma instituição e seus discursos. Dessa forma as pessoas são sujeitos de poder e saber, e suas ações implicam nas próprias relações sobre as quais elas agem (DEACON; PARKER, 2011). Assim, os sujeitos são produzidos nas relações de poder e saber de modo que as verdades nelas produzidas não necessariamente serão aceitas, atuando como uma construção social, uma invenção que pode ser modificada. Os padrões tidos como morais podem não ser verdades para si.

É importante dizer que bissexuais e homossexuais podem ou não apresentar marcas no corpo. Exemplos disso, disso são Carol e Therese no filme “Carol” (2015) que não

apresentam essas marcas, que como lésbicas teriam um jeito grosseiro de se comportar, já Zac no filme “C.R.A.Z.Y. – loucos de amor” (2005) apresenta marcas no corpo, marcas essas que seriam o jeito afeminado de se comportar. Talvez a inexistência de marcas, seja uma forma de resistência a outra norma – de que gays são delicados e lésbicas grosseiras – e de mostrar as distintas formas de sexualidade existem. Acerca da resistência Foucault (2009, p. 407) diz que “as relações de poder suscitam necessariamente, reclamam a cada instante, abrem a possibilidade de uma resistência”. Igualmente “o corpo é uma construção sobre a qual são conferidas marcas em diferentes tempos, espaços, conjunturas econômicas, grupos sociais, etc [...]” (GOELLNER, 2013, p. 30). Como construção, o corpo não é fixo, está suscetível às inúmeras intervenções de cada cultura, de suas leis, seus códigos morais, suas representações. Para Goellner (2013) um corpo não é apenas um, mas seu entorno, os silêncios que por ele falam e as possibilidades sempre reinventadas e em constantes descobertas.

O corpo se define nos significados culturais e sociais que a ele se atribuem (GOELLNER, 2013). Nesse sentido, os preconceitos de gênero ocorrem também de maneira velada, sendo que “inconscientemente esperavam coisas diferentes de meninos e de meninas [...] reproduzindo, assim, as desigualdades de gênero” (SILVA, T., 2015, p. 92). Por temer ao preconceito e à discriminação, algumas famílias tanto por questões culturais quanto por questões religiosas, na maioria das vezes, negam o reconhecimento da sexualidade d@s filh@s, por vergonha ou por falta de entendimento. Em uma das cenas no filme C.R.A.Z.Y. – loucos de amor, Zac vem se reprimindo desde a infância e já adulto repete uma a oração pedindo que não seja permitido que ele seja homossexual. Aqui mais uma vez, é evidenciada a força do discurso religioso que amplia a culpa de Zac, reforçando a homofobia enrustida em busca de uma moral construída pela sociedade heteronormativa.

#### **5.4. O casaco da resistência**

Quando não houver saída  
Quando não houver mais solução  
Ainda há de haver saída  
Nenhuma ideia vale uma vida  
Quando não houver esperança  
Quando não restar nem ilusão  
Ainda há de haver esperança  
Em cada um de nós [...] (TITÃS, 2003, s/p.).

Com certeza, há de haver uma saída. A saída embora esteja presente nos currículos dos filmes aqui analisados, discursos homofóbicos e heteronormativos reforçam veementemente o que chamo de homossexualidade enrustida. Nas disputas pelo poder de narrar verdade sobre a homossexualidade as resistências das personagens que eu nomeio como “saidinhas do armário” podem ser identificadas. Como resistência à homossexualidade está a cena da boate no filme “Madame Satã (2002)” em que João e seus dois amigos saem à noite para se divertir em uma boate carioca. No entanto eles são impedidos de entrar e quando João interroga o motivo de todos poderem entrar e ele não, sua amiga responde: “*Porque você não é todo mundo*” [Fragmentos do filme “Madame Satã”]. No que se refere ao preconceito, “[...] a noção de “respeito” implica um certo essencialismo cultural, pelo qual as diferenças culturais são vistas como fixas, como já definitivamente estabelecidas, restando apenas ‘respeitá-las’” (SILVA, 2015, p. 88). Assim, o contexto social torna alguns mais (ou menos) subjetivados pelos mecanismos “que promove[m] a exclusão social, a homofobia, a lesbofobia, a transfobia e a discriminação sexual” (FURLANI, 2013, p. 294). Essa exclusão está presente desde o início da obra cinematográfica “Madame Satã (2002)”, como na cena “o desordeiro”:

**Cena do filme Madame Satã:** A cena do filme se inicia em um cenário escuro e com a seguinte narração para referir-se a João Francisco: *Conhecido nas imediações como desordeiro, frequentador contumaz da Lapa e suas imediações. É pederasta passivo, usa as sobranceiras raspadas e adota atitudes femininas alterando a própria voz. Não gosta do convívio em sociedade por ver que esta o repele. É visto sempre entre pederastas, prostitutas, proxenetas e outras pessoas do mais baixo nível social. Não tem religião alguma. Fuma, joga e é dado ao vício da embriaguez.*

Conforme se pode constatar, embora vivamos em um contexto fortemente marcado pelo preconceito explícito e também silenciado contra as diferenças sexuais, bem como presenciamos a omissão em relação a quaisquer aspectos da homoafetividade (FONTES, 2009), percebo que João Francisco apresenta resistência à norma pré-estabelecida e se assume travesti. Embora o conceito de gênero varie diante de sua construção histórica e entre as diferentes sociedades, é compreensível que nada é fixo, essencial ou natural e que diante da “estranheza”, perturba-se a tranquilidade do que é tido como normal. Nessa perspectiva, o que era considerado puramente biológico, físico ou corporal passa a se sujeitar a um processo histórico de construção social (SILVA, 2015). Isso faz crer que, “estamos sempre ‘dentro’ do poder, não há como escapar dele, não existe, relativamente a ele, nenhum exterior absoluto [...]” (FOUCAULT, 2006, p. 91). Como forma de desestabilização da cultural machista, há

resistência ao discurso homofóbico também por parte da personagem Carol na cena “o tribunal”:

**Cena do filme Carol:** A cena se passa no escritório do advogado de Carol, onde ela afirma que deseja que Harge seja feliz. Alegando que ela não o desapontou, e que ambos poderiam ter se dado mais na relação. No entanto, que tiveram uma filha e esse foi o melhor dos presentes que já receberam. Ressalta que estão perdendo tempo tentando manter a criança afastada de um dos dois. Carol diz ainda que quanto ao que aconteceu com Therese, ela quis, que não vai negar isso, ainda que se arrependa e sofra pela confusão na vida de Rindy. Além disso, que tanto ela como Harge, são responsáveis por tudo que aconteceu. E que para acertar a confusão, acredita que o Harge deva ficar com a guarda da filha deles, já que ela não é mártir e que não sabe o que é melhor para si, mas sabe que isso é melhor para sua filha. Carol ressalta que deseja ter direito a visitas e que não se importa que estas sejam supervisionadas. Apenas gostaria que esta prática fosse frequente.

Por fim, Carol desabafa, antes de sair chorando e seu advogado sair atrás dela.

**Cena do filme Carol:** Desabafo de Carol.

**Carol:** *\_Houve um tempo que eu teria feito quase tudo, mas que utilidade tenho para ela, para nós. Se eu estiver vivendo contra minha própria natureza. Então é isso! Não posso negociar mais, e se não aceitar vamos para o tribunal. E se formos para o tribunal a situação ficará desagradável.*

Na cena “o tribunal”, quando Carol começa abrir mão da guarda de sua filha, fica evidenciado que o discurso da homofobia, mais especificamente sob o viés da homossexualidade enrustida está se dobrando sobre ela. Isso indica que o corpo é produzido no coletivo e no individual. Assim a homofobia se expressa no desconforto moral causado pela ruptura de um alinhamento heterossexual, ou seja, na provocação da suposta naturalização da ordem do desejo e das representações de gênero, nas quais a heteronormatividade fundamenta a naturalização da família heterossexual e patriarcal (LIONÇO; DINIZ, 2009). Os regimes de verdade expostos por Foucault (1991) supõem visões de “verdade” que são utilizadas como formas de controle e de regulação. A verdade existe em uma relação de poder e o poder opera em conexão com a verdade, assim os discursos funcionam como regimes de verdade (GORE, 2011). No entanto, na fluidez das relações de poder, escapes a imposição de padrões e controle dos corpos acontecem nos filmes “Carol” (2015), “Madame Satã” (2002) e também podem ser evidenciados no filme “Billy Elliot” (2000) como mostra a cena “o bailarino” a seguir:

**Cena do filme Billy Elliot:** Na cena, Billy está concentrado dançando na aula de *ballet*, quando é surpreendido por seu pai. Ao ver Billy dançando ele, imediatamente, ordena que o filho vá para casa. O pai de Billy, pensa sobre sua atitude opressora e em seguida vai até a casa da professora de *ballet* conversar com ela sobre o filho e o *ballet*. O pai de Billy pergunta para a professora quanto custará

financeiramente para tornar o filho um bailarino. A conversa continua e a professora relata o potencial, a aptidão de Billy para o *ballet* e o pai decide que vai pagar para o garoto ir fazer o teste na escola de *ballet* em Londres que a professora indicou. Antes de despedir e ir embora, ele agradece a professora por tudo que ela fez pelo seu filho.

O pai de Billy enfrenta dificuldades para conseguir dinheiro para custear as despesas para o teste e sem nenhum dinheiro para as despesas com o filho, tenta voltar para a mina onde trabalha. No entanto, encontra mais um obstáculo, Tony – seu outro filho, que também trabalha junto com o pai e coordena a greve dos mineiros – que o impede de retornar ao trabalho, já que estão à frente da greve. Diante disso, o pai de Billy não vê outra saída, penhora algumas jóias e envia o menino ao teste e Billy consegue ser aceito na escola em Londres. Tempos depois, no espetáculo de *ballet* a família de Billy e seu amigo Michael comparecem ao evento e se orgulham do bailarino. Apesar das violências vividas, como se pode observar na cena, são apresentadas resistências aos discursos heteronormativos e homofóbicos. Os escapes acontecem, a norma é frequentemente burlada, as posições de sujeito se mostram em movimento e as personagens criam estratégias de resistência à heteronormatividade. É importante dizer, que embora Billy Elliot pratique *ballet* ele assume-se como heterossexual. Isso é dito por Billy em uma conversa com seu amigo Michael, que assume-se homossexual, mas pede segredo, ou seja, é um homossexual enrustido. Ele diz ainda que Billy deveria usar “*saias e tum-tum*” [Fragmentos do filme “Billy Elliot”]. Em contrapartida Billy diz: “*Embora eu goste de ballet não sou bicha*” [Fragmentos do filme “Billy Elliot”]. O conflito da homossexualidade enrustida aqui é reforçado pelos padrões que a sociedade dita sobre coisas de homem e coisas de mulher.

## 5.5. Encostando uma porta...

A homoafetividade se constitui em um poderoso instrumento de suporte para os modos discriminatórios vigentes (FONTES, 2009, p. 111-112).

Diante das análises aqui expostas, posso dizer que @s homossexuais, bissexuais, transgêneros e transexuais, e suas práticas tidas como “estranhas” ou ainda “bizarras” constituem-se como ameaça potencial à “coesão” cultural e moral da sociedade. A “homofobia pode ser definida como a hostilidade geral, psicológica e social contra [aquele@s]

que, supostamente, sentem desejo ou têm práticas sexuais com indivíduos de seu próprio sexo” (BORRILLO, 2009, p. 34). Isto posto, ela “rejeita, igualmente, todos aqueles que não se [enquadram nos papéis determinados] para seu sexo biológico” (BORRILLO, 2009, p. 34).

Aqui foram enumerados discursos biologicistas, moralistas, religiosos e heteronormativos que circulam nos diversos espaços dos currículos investigados, os quais demandam determinados comportamentos tidos como morais e normais. Tais discursos lançam mão de mecanismos de controle, por meio dos quais a norma heterossexual regula a produção de corpos e sujeitos. A definição das maneiras de ser homem ou mulher, baseadas no padrão da heterossexualidade, não é decorrente da natureza, mas de práticas sociais que normatizam corpos e subjetividades por meio dos discursos (POCABY; OLIVEIRA; IMPERATORI, 2009).

É importante dizer que a sociedade em que vivemos não é exclusivamente heterossexual, mas heteronormativa. O caráter heteronormativo das relações sociais [se faz presente] nos padrões de representação de gênero e de organizações familiares, [bem como] nos discursos sobre afetos e [ainda] na ausência do tema da diversidade sexual (LIONÇO; DINIZ, 2009, p. 52). Ficou evidenciado que a homofobia enrustida adentra e manifesta-se nos currículos dos filmes investigados das mais variadas formas, por outro lado, escapes à normalização foram identificados.

## INFERÊNCIAS

---

### O QUE POSSO DIZER DA PESQUISA

Não é fácil perceber coisas pelo meio, não de cima para baixo, da esquerda para a direita, ou inversamente: tentem e verão que tudo muda (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 34).

O que dizer desta pesquisa? Dizer que muito aprendi com ela. E que aqui busco trazer as percepções que tive com essa investigação sob a ótica do meio. E que embora não tenha sido tarefa fácil retomo aqui as questões de maior pertinência e apresento as considerações da mesma. Nessa perspectiva trago como evidencia que os sujeitos são constituídos pelos discursos que circulam na sociedade, visto que “os discursos devem ser tratados como práticas descontínuas, que se cruzam por vezes, mas também se ignoram ou se excluem” (FOUCAULT, 2014, p. 50); bem como pelas posições de sujeito que ocupam e pelas relações de poder. Nesse sentido Foucault (2014, p. 25) diz que “novo não está no que é dito, mas no acontecimento de sua volta”. Isto posto, os filmes – compreendidos como um currículo cultural – configuram-se como espaço narrativo privilegiado, pois neles se produzem desigualdades, diferenças, discriminações, mas também produzem rupturas, conflitos e resistências. É perceptível nos filmes analisados a tentativa de imposição de um padrão heteronormativo – por parte de alguns personagens – padrão esse que normatiza e normaliza posturas, modos de pensar e estar no mundo para a constituição dos gêneros masculino e femininos. Um mundo visto de maneira binar e heterossexual.

Refletindo tais questões percebo a necessidade de se pensar no “conhecimento corporificado no currículo”, em sua construção cultural e social com base nas diversas formas de representação, já que, os processos de constituição dos sujeitos heterossexuais produzem e alimentam a homofobia. Isso se dá pela normalização do padrão hétero em contrapartida da impugnação de lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e tantos outros gêneros<sup>44</sup>.

---

<sup>44</sup> É importante dizer que embora seja mais conhecido o termo LGBT para referir a lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais, atualmente é utilizado o termo LGBTQI que se refere a lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, queer e intersexual. Isso se dá pelas posições de sujeito que vem sendo assumidas diante do número de gêneros, que se amplia e modifica no decorrer do tempo. Isto posto, o LGBTQI

Prevalece no cotidiano dos filmes analisados um arsenal heteronormativo, isto é, enunciações, discursos, representações e produção de significados para ensinar a construção e o exercício da masculinidade e da feminilidade fixados nos corpos biológicos de nascimento. A demanda por determinados comportamentos resultam no modelo de “homem de verdade” e de “mulher ideal”. Assim, a construção do modelo hegemônico de masculinidade e de feminilidade sujeita as personagens a afirmarem diante d@s demais suas virilidades e feminilidades. Quando fogem à norma são expost@s a insultos e humilhações de cunho homofóbico.

Tal investigação, baseada nas análises realizadas, mostra os discursos sobre gênero constituindo práticas sociais discriminatórias em razão da orientação sexual e das escolhas de gênero das pessoas. Desse modo, por meio dos discursos heteronormativos que circulam nos currículos dos filmes há constantes tentativas de controle dos corpos e das mentes. Os principais discursos identificados nas análises que estavam em funcionamento junto ao discurso homofóbico foram discursos biologicistas, machistas, religiosos e psicológicos. Tais discursos se constituem por falas ditas, silenciadas e ainda por ações demandando, sobretudo posições de sujeito heterossexuais, contudo “nem todas as regiões são igualmente abertas e penetráveis; algumas são altamente proibidas (diferenciadas e diferenciantes), enquanto outras parecem quase abertas a todos os ventos e postas, sem restrição prévia, à disposição de cada sujeito que fala” (FOUCAULT, 2014, p. 35).

Nesse sentido busquei com a análise dos discursos presentes nas falas e nas ações dos sujeitos da pesquisa viajar pelas regiões abertas ou não, penetráveis ou não em busca de discursos homofóbicos que tentaram reforçar a heteronormatividade. Nessa tentativa, percebi que na obra cinematográfica “Madame Satã” (2002), por exemplo, João Francisco, é tratado com inferioridade como se pode perceber nas falas iniciais desse filme: “*é visto sempre entre pederastas, prostitutas, proxenetas e outras pessoas do mais baixo nível social*”. “*Não tem religião alguma. Fuma, joga e é dado ao vício da embriaguez*” [Fragmentos do filme “Madame Satã”]. A personagem é caracterizada de forma pejorativa e discriminatória, exatamente, por se auto nomear de bicha.

Ao longo da história, assim como no longa metragem, o discurso religioso ganha força para desqualificar @s homossexuais e “a condenação da sodomia na tradição judaico-cristã [...] aparece como o elemento precursor fundamental das diferentes formas de homofobia” (BORRILLO, 2010, p.18). No entanto, embora João Francisco diga no filme que não possui religião alguma, a personagem afirma “*Eu sou filho de Iansã e Ogum. E de Josephine Baker,*

---

surge para “reforçar a inclusão, no cenário do ativismo recente de pessoas que se identificam como queer e intersexual, sendo o ‘T’, aí, usualmente referido a transgênerx” (GRUNVALD, 2016, p. 17).

*eu sou devoto*” [Fragmentos do filme “Madame Satã”]. Aqui, inclusive, elementos da religião africana são negados, isso devido à primazia da religião cristã. Para nada escapar à heteronormatividade “segundo a Igreja, se é possível pressupor que os atos homossexuais consentidos não prejudicam a pessoa, comete-se um profundo equívoco” (BORRILLO, 2010, p. 61). Equívoco, que poderia ser reparado se a pessoa se “liberta” deste “mal” ou, se nada pode ser feito, o silenciamento funciona como controle dos corpos e dos desejos dos sujeitos.

Na perspectiva do discurso biologicista, Silva (2015, p. 108) ressalta que “a sexualidade [...] é tratada simplesmente como uma questão de informação certa ou errada [...]”. Ou seja, a sexualidade constitui-se de aspectos biológicos e reprodutivos. O discurso biologicista é reforçado ainda pelo discurso machista que pode ser observado nos filmes em análise. Harge, por exemplo, tenta controlar Carol e suas ações. O que fica evidenciado na cena em que ele vai até a casa de Abby procurar por Carol e diz: “*\_Se Carol não está em casa ou está comigo, só pode estar aqui com você*” [Fragmentos das falas de Harge no Filme “Carol”]. No entanto Abby o responde com ironia afirmando: “*\_É. Sabe Harge, você tem razão. Você passou 10 anos assegurando que os únicos pontos de referência dela fossem você, seu trabalho, seus amigos e sua família*” [Fragmentos das falas de Abby no Filme “Carol”]. A “certeza” de que seu machismo é algo natural leva Harge a dizer ainda: “*\_Onde ela está? Que droga! Ela ainda é minha mulher. É minha responsabilidade (aos gritos)!*” [Fragmentos das falas de Harge no Filme “Carol”]. A personagem masculina que subjuga a liberdade da personagem feminina busca também, por meio do poder que exerce o homem na sociedade, fixar a heterossexualidade como correta e normal.

Nessa busca de padronização são persistentes as atitudes homofóbicas e preconceituosas. No entanto como nas relações de poder as resistências e escapes estão presentes, as personagens, em todos os filmes analisados, assumem em algum momento posições de sujeito que diferem da posição de sujeito heterossexual. Dessa forma, determinadas posições de sujeito são disponibilizadas nos currículos dos filmes investigados, que poderiam ser assim nomeadas: posição de sujeito “veadinho”, “mulherzinha”, “sapatão” e “machão”. Nessa direção, quem assume a posição de sujeito “veadinho” ou “mulherzinha” são gays e “sapatão” ou “machão” são lésbicas. Os currículos dos filmes ensinam que esses sujeitos devem ser agredidos verbalmente ou repudiados pelas posições que assumem. Porém, ao mesmo tempo ensinam possibilidades de fluidez das posições assumidas. É perceptível que no primeiro caso os apelidos aparecem no diminutivo e demonstram delicadeza para se referir ao gay. Enquanto para o segundo caso aparecem no aumentativo e expressam grosseria, força,

ou seja, o masculino para apelidar as lésbicas. As possíveis posições de sujeito “*boiolinha*”, “*bichinha*”, “*gayzinho*”, “*veadinho*,” “*sapatão*”, “*machão*” são divulgadas no discurso heteronormativo. Nesse sentido, as nomeações “*analisaram os indivíduos a partir de suas características biológicas, ou seja, da forma e da aparência do seu corpo*” (GOELLNER, 2013, p. 36).

Assim em certos momentos são percebidas a inferiorização de negros, bissexuais, transexuais, homossexuais e/ou mulheres porque seus corpos apresentavam algumas características biológicas nomeadas pela ciência como inferiores ou incompletas. Merece destaque o fato de que embora Carol assuma a posição de sujeito homossexual ela não apresenta marcas de “*machão*”, pelo contrário apresenta marcas tidas como femininas: delicadeza, cuidado estético, roupas tidas como femininas. Carol, inclusive, reforça essa “*feminilidade*” sugerindo a Therese use batom e que deixe sua beleza aparecer. Aqui está uma maneira de resistência a padronizações tidas como verdadeiras ao assumir-se como homossexual ou bissexual sem criar marcas que diferem da padronização social do que é ser homem e mulher. Além de Carol apresentar resistência e ignorar as características tidas como padrões, João Francisco também como travesti é resistente aos padrões, sendo bastante grosseiro e agressivo, o que não é visto dentro da heteronormatividade como característica incomum de transexuais, ou seja, deveriam ser femininas e delicadas. Assim, os currículos dos filmes mostram as instabilidades da heteronormatividade.

Ensina-se, dessa forma, que as desigualdades ou discriminações, não são determinadas exclusivamente pela questão do gênero, já que nas relações entre gêneros ou dentro do grupo de homens e mulheres, “*sexualidade, raça, classe social, mídia e outros marcadores funcionam como reestruturadores das relações sociais*” (SOUZA, 2002, p. 82). Isso é percebido também no filme “*Madame Satã*” (2002), visto que, constantemente, João Francisco se envolve em confusões por não aceitar o desprezo com o qual é tratado. Em consequência disso, é preso algumas vezes e maltratado, dada a posição de sujeito travesti que ocupa.

Por meio da imposição da heterossexualidade como normal e das demais sexualidades como anormais o discurso homofóbico é reforçado. A tentativa de controle e silenciamento dos corpos, evidenciada nos currículos dos filmes, tem espaços garantido em outros currículos. Nas obras literárias e nas músicas, por exemplo, em maioria, não existem gays nem relações de pessoas do mesmo sexo. Poucos têm sido os avanços nesse sentido e como exemplo destaco a música “*A imperatriz e a Princesa*” de Isabella Taviani e os livros

“Interlúdio” de James McSill, “A Canção de Aquiles” de Madeline Miller, “Viagem Solitária” de João Walter Nery, “O Retrato de Dorian Gray” de Oscar Wilde e “O Retrato de Dorian Gray” de Oscar Wilde. Desse modo, por meio dos mais diversos artefatos, que inclusive circulam nas escolas, ensina-se e aprende-se que apenas a heterossexualidade é normal, possível e permitida (LIONÇO; DINIZ, 2009). As principais razões – o medo do preconceito, da discriminação da sociedade, a ignorância (falta de informação), o desrespeito à dignidade humana, os conceitos preestabelecidos, a intolerância religiosa (igreja), as imposições de uma sociedade culturalmente machista – são culturalmente ensinadas e aprendidas.

A presença da homofobia está em todos os lugares. Ela se faz presente, por exemplo, na separação de crianças nas brincadeiras e atividades, como a do *ballet* e do boxe retratada no filme “Billy Elliot” (2000), a título de exemplo. Por gênero reforçar o silêncio que se configura como uma estratégia discursiva dominante, que torna “nebulosa a fronteira entre heteronormatividade e homofobia” (LIONÇO; DINIZ, 2009, p.52).

Ouvir as pessoas se referirem @s homossexuais com afirmativas do tipo: “*Não sou preconceituoso, mas não acho normal. Mulher com mulher até vejo, mas homem com homem, acho nojento*”<sup>45</sup> implica que apesar de afirmar que não é preconceituos@, classifica como anormal algo fora da heterossexualidade. Nessa direção, tudo que foge à heteronormatividade é considerado “estranho”, “esquisito”, “incomum”, “fora do normal”, “excêntrico” (SILVA, 2015). Diante da violência que incita o discurso homofóbico muitos casais homossexuais, bissexuais e transexuais se mantêm na discrição de sua intimidade, enquanto os casais heterossexuais desfrutam socialmente seus desejos (BORRILLO, 2010). Nessa perspectiva, o referido Borrillo (2010) destaca ainda que caso, um@ homossexual ouse beijar ou demonstrar carinho com @ companheir@ é visto como um@ provocador@. Pautada nesses fatos é que Borrillo (2010) nomeia a homofobia liberal – aquela que “pretende garantir o respeito à intimidade e por manifestações privadas sem que seja reconhecida qualquer garantia aos indivíduos homossexuais perante a sociedade (BORRILLO, 2010, p. 77).

O silenciamento dos corpos, também é percebido nas propagandas de televisão, visto que a empresa da marca de cosméticos “O Boticário”, citando caso análogo, foi palco de boicote no ano de 2015, por lançar uma campanha de dia d@s namorad@s mostrando casais de lésbicas, gays e heterossexuais presenteando seus pares. Diante disso, o discurso homofóbico mostra sua disseminação quando surge um vídeo, gravado pelo pastor Silas

---

<sup>45</sup> Frases de homofóbicos que dizem ser amigos de gays. Disponível em: <<http://www.pragmatismopolitico.com.br/2014/03/frases-de-homofobicos-que-se-dizem-amigos-de-gays.html>> Acesso em: 19 fev. 2017.

Malafaia (2015) que “conclama” à população evangélica a boicotar a marca. “*Vai vender perfume para gay*”, provocou o religioso. Já o deputado Jean Wyllys, afirma que o “*ódio de fundamentalistas religiosos não descansa nem numa data em que a lei é, literalmente, o amor*”<sup>46</sup>. A religiosidade também aparece na cena em que Zac diz: “*Deus por favor não me deixe ser delicado*” [Fragmentos do filme C.R.A.Z.Y. – Loucos de amor]. Reforçando a tentativa de controlar os corpos, o senhor Gervais em conversa com sua esposa demonstra satisfação ao fato de Zac bater em um garoto maior do que ele. O que se justifica pelo discurso biologicista de que ser homem é ser forte. Isso pode ser percebido nas seguintes enunciações que se referem a Zac: “*tem se comportado bem ultimamente*” e “*precisava de uma namorada*” [Fragmentos do filme “C.R.A.Z.Y. – Loucos de amor”]. Assim como nos filmes, o discurso homofóbico circula nas redes sociais e resistências também, visto que surgem comentários na internet<sup>47</sup> como:

*“Absurdo é ver tanto preconceito”. “Não vou boicotar o Boticário”. “Uma coisa é não tolerar o pecado, outra é promover o ódio”. “Hipocrisia define. Tantas coisas para nos preocuparmos e as pessoas ficam se preocupando e causando por conta de um simples comercial que mostra o amor entre pessoas do mesmo sexo, que mostra que independente da cor, classe social e o sexo como foi demonstrado, não faz diferença que o importante é o amor”. “E então chega terceiros falando que isso iria influenciar as novas gerações, há uns tempos atrás a mídia não mostrava nenhum tipo de relacionamento homoafetivo e nem por isso todo mundo virou hetero”.*

São expostos aqui discursos religiosos e moralistas que reiteram o padrão heterossexual, sendo alguns desses discursos de cunho homofóbico e outros machistas. Face ao exposto, sexualidade e diferenças de gênero “são atribuídas às mulheres ou aos sujeitos homossexuais, sem dúvida, expressam-se materialmente em seus corpos e na concretude de suas vidas, ao mesmo tempo em que são significadas e marcadas discursivamente” (LOURO, 2013, p. 49).

Para silenciar os corpos são utilizadas táticas, que são conceituadas por Castro (2016, p. 152) como “conjunto de meios utilizados, para fazer funcionar ou para manter um dispositivo de poder”. Silenciar os corpos foi mecanismo que atravessou todos os currículos analisados. No filme “C.R.A.Z.Y. – Loucos de amor” isso pôde ser observado no fato de que Zac sente atração por homens, mas, entre a culpa e o desejo, reprime sua homossexualidade, em busca da aprovação familiar. Por isso, o quarto passa ser seu refúgio e local onde liberta

<sup>46</sup> Disponível em: <<http://economia.ig.com.br/empresas/2015-06-05/jesus-e-amor-o-que-dizem-os-evangelicos-que-nao-irao-boicotar-o-boticario.html>>. Acesso em: 10 set. de 2016.

<sup>47</sup> Disponível em: <<https://noticias.terra.com.br/brasil/propaganda-do-boticario-com-casal-gay-gera-homofobia-nas-redes-sociais,d1b5663ecadb3a28c57976f03da19bf4apncRCRD.html>>. Acesso em: 30 jun. 2016.

marcas no corpo que reprime socialmente. O silenciamento do que Zac realmente deseja ocorre pela dificuldade da aceitação de sua família, já que o silenciamento e a omissão contribuem para a invisibilidade dos homossexuais no contexto social e a manutenção do conjunto de preconceitos vigentes (FONTES, 2009). São perceptíveis abordagens inadequadas, de cunho discriminatório, e na maioria das vezes, associada a crenças morais e religiosas. É fato que na minoria das vezes ocorrem discussões sobre os direitos fundamentais e as liberdades individuais de homens e mulheres, independentemente do modo como estes vivem e fazem suas escolhas sexuais.

É lícito supor que os sujeitos muitas vezes escondem seus desejos em realizar determinadas atividades, como é o caso de Billy Elliot quando esconde do pai que faz *ballet* e pede ao amigo que não conte a ninguém. Billy teme que o seu pai descubra por acreditar não ser normal que meninos prefiram o *ballet* ao boxe. Mesmo que se ensine insistentemente nos currículos dos filmes que a heterossexualidade é a escolha normal, única e correta as personagens dos filmes assumem outras posições de sujeito – homossexual, travesti e bissexual. Ao fugir do padrão heteronormativo não são incomuns os tratamentos preconceituosos, as atitudes discriminatórias, as agressões verbais ou físicas, as ofensas, a exposição a constrangimentos (JUNQUEIRA, 2009). O discurso homofóbico é colocado em funcionamento por meio de insultos, piadas, apelidos, “brincadeiras” e insinuações com cunho desqualificante (JUNQUEIRA, 2009). Essas estratégias de desqualificação são “poderosos mecanismos de silenciamento e de dominação simbólica” (JUNQUEIRA, 2009, p. 167).

Vale destacar que em momento histórico em que as discussões sobre homossexualidade eram quase inexistentes, como no período que passa o filme “Madame Satã” (2002), João Francisco mantém-se resistente às provocações e agressões verbais, como em uma cena com um cliente do bar Danúbio Azul na Lapa. O cliente indaga entre as provocações: “*Tu tá fantasiado de homem ou de mulher*”? Posteriormente, ao resistir às provocações, João responde ao cliente gritando: “*Eu sou bicha porque eu quero, e não deixo de ser homem por causa disso não*”! [Fragmentos do filme “Madame Satã”]. Nessa cena, ensina-se não esconder-se, não aceitar provocações, nem sucumbir-se ao discurso biologicista sobre as marcas que caracterizam homens e mulheres. Visto que João assume-se travesti, Zac assume sua homossexualidade, Carol abre mão da guarda da sua filha para assumir sua bissexualidade, Therese do seu namoro com um homem, Billy permanece nas aulas de *ballet* em busca de seu sonho e torna-se um bailarino heterossexual desmitificando a ideia divulgada

no padrão heteronormativo de que quem faz ballet é gay, o currículo de todos os filmes ensina que as posições de sujeito não são fixas, como já dito, e ensina possibilidades de escapes.

É possível afirmar que na contemporaneidade a discussão sobre a homossexualidade tem tido avanços, com diferenças significativas entre os países, no que diz respeito à legislação que criminaliza a violência e regulamenta a união entre pessoas do mesmo sexo. Contudo, os discursos religiosos parecem continuar exercendo bastante poder no que diz respeito a homofobia. Mas, em contrapartida parece haver uma onda do “politicamente correto” em que “um indivíduo pode ser objetivamente homofóbico e, ao mesmo tempo, se considerar amigo de gays e lésbicas” (BORRILLO, 2009, p. 34), uma vez que para ser homofóbico, não é necessário apresentar ódio contra os gays, é suficiente tomar a heterossexualidade como referente e superior.

Isto posto, Louro (2013) destaca que o grande desafio talvez esteja em admitir que todas as posições de sujeito podem se mover, que nenhuma é natural ou estável e que mesmo as fronteiras entre elas estão se desvanecendo. Diante do exposto é pertinente atentar à urgência de compreender a diversidade de gênero não “como um ‘problema’ e passar a pensá-la como constituinte do nosso tempo” (LOURO, 2013, p. 50-52).

Em síntese, busquei com esta pesquisa apresentar as práticas, mecanismos e discursos que foram colocados em funcionamento nos currículos em análise para reforçar os discursos heteronormativos e homofóbicos que buscaram subjetivar os sujeitos definindo posições, delimitando características e silenciando os corpos. Busquei ainda, identificar as “saídas do armário” por meio das resistências apresentadas pelas personagens nas obras cinematográficas com ênfase nas posições de sujeito que estas personagens assumiram. Esta pesquisa, que teve como foco o que pode se ensinar e se aprender por meio do currículo de filmes sobre homofobia buscou contribuir com as discussões de gênero, compreendendo que não só o currículo escolar é responsável pela produção dos sujeitos, seus modos de compreender o mundo e a vida.

## Referências

- ALMEIDA, São José. *Investigação: o estado novo dizia que não havia homossexuais, mas perseguia-os*. Disponível em: <<https://www.publico.pt/2009/07/17/sociedade/noticia/o-estado-dizia-que-nao-havia-homossexuais-mas-perseguiasos-1392257>>. Acesso em: 10 de jan. 2016.
- ANDREOLI, Giuliano Souza. Dança gênero e sexualidade: um olhar cultural. *Revista Conjectura*, v.15, n.1, jan/abr. 2010. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/viewFile/186/177>. Acesso em 12 de jan. 2016.
- BALEIRO. Zeca. *Armário*. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/zeca-baleiro/1284077/>>. Acesso em: 20 jan. 2017.
- BENTO, Berenice Alves de Melo. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. *Revista de Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 19, n. 2, ago. 2011. Disponível em: Acesso em: 05 jan. 2016.
- BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: *Magia e técnica, arte e política*. 1985.
- BERNARDET, Jean-Claude. *O que é cinema*. São Paulo: Brasiliense, 2000.
- BILLY ELLIOT. Direção: Stephen Daldry, Roteiro: Lee Hall. Inglaterra: 2000, 1 DVD.
- BORRILLO, Daniel. A Homofobia. In: LIONÇO, Tatiana; DINIZ, Débora (Orgs.). *Homofobia e educação: um desafio ao silêncio*. Brasília: Letras Livres, 2009.
- BORRILLO, Daniel. *Homofobia: história e crítica de um preconceito*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- BRITZMAN, Deborah. O que é essa coisa chamada amor: identidade homossexual, educação e currículo. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 21, n. 1, p. 71-96, jan./jun. 1996.
- BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado – pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: autêntica, 2010.
- BUTLER, Judith. El Marxismo y lo Meramente Cultural. En: *New Left Review* 2, mayo/junio 2000, pp. 109-121.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.
- BUTLER, Judith. *Quadros de guerra: Quando a vida é passível de luto?* Tradução de Sérgio Tadeu de Niemeyer Lamarão e Arnaldo Marques da Cunha; revisão de tradução de Marina Vargas; revisão técnica de Carla Rodrigues. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

BOURDIEU, Pierre. *O campo econômico: a dimensão simbólica da dominação*. Campinas: Papirus, 2000 (ed. or.: 1999).

BRITTO, Sérgio. *Enquanto houver sol*. Interpretação: Banda Titãs. Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/titas/enquanto-houver-sol.html>>. Acesso em: 20 jan. 2017.

CAETANO, Márcio. *Gestos do silêncio: para esconder a diferença*. (Mestrado em Educação). Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2005.

CAETANO, Márcio; RANGEL, Mary. Os excluídos das representações da exclusão. *I Conferência Brasileira sobre Representações Sociais*. UERJ, Rio de Janeiro, 2003.

CAROL. Direção: Todd Haynes. Reino Unido/Estados Unidos: 2015, 1 DVD.

CARRANO, Paulo. *Há 23 anos a homossexualidade deixava de ser considerada pela OMS uma doença*. 2013. Disponível em: <http://www.emdialogo.uff.br/content/ha-23-anos-homossexualidade-deixava-de-ser-considerada-pela-oms-uma-doenca-mental>. Acesso em: 10 de set. 2016.

CARVALHAR, Danielle Lameirinhas. Currículo da Educação Infantil: sexualidade e heteronormatividade na produção de identidades. In: PARAÍSO, Marlucy Alves (Org.). *Pesquisas sobre currículos e culturas: temas, embates, problemas e possibilidades*. Curitiba: Editora CRV, 2010.

CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. São Paulo: Paz e Terra, 1999 (ed. or.: 1996).

CASTRO, Edgardo. *Vocabulário de Foucault – um percurso pelos seus temas, conceitos e autores*. Tradução Ingrid Müller Xavier; revisão técnica Alfredo Veiga-Neto e Walter Omar Kohan. – 2. ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

CAYMMI, Dorival. Modinha para Gabriela. Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/gal-costa/modinha-para-gabriela.html>>. Acesso em: 10 jan. 2016.

CHRISTOFOLETTI, Rafael. *Ensaio-fílmico: cinema, loucura e resistência*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013. Disponível em: <<http://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/109276/ISBN9788579834547.pdf?>>. Acesso em: 08 ago. 2016.

CONNELL, Robert W. *Masculinities*. 2. ed. Berkeley: University of California, 2005 (1. ed.: 1995).

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Disponível em: <[http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/1999/03/resolucao1999\\_1.pdf](http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/1999/03/resolucao1999_1.pdf)>.

CORAZZA, Sandra Mara; SILVA, Tomaz Tadeu da. *Composições*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

CORAZZA, Sandra Mara. Labirintos da pesquisa, diante dos ferrolhos. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). *Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em educação*. 2 ed. Rio de Janeiro, DP&A, v. 1, 2002, p. 105-131.

COTRIM, Gilberto; RODRIGUES, Jaime. *Saber e fazer história, 9º ano*. 7 ed. São Paulo: Saraiva, 2012.

C.R.A.Z.Y. – loucos de amor. Direção: Jean-Marc Vallée, Roteiro: Jean-Marc Vallée e François Boulay. Canadá: 2005, 1 DVD.

CUNHA, Marlécio Maknamara da Silva. *Currículo, música e gênero: o que ensina o forró eletrônico?* Tese (Doutorado). Belo Horizonte: UFMG/FaE, 2011.

DELEUZE, Gilles, e GUATTARI, Félix. *Mil Platôs – Vol. 1*. Tradução: Aurélio Guerra Neto, Célia Pinto Costa. Editora 34, Rio de Janeiro, 1995.

DIMENSTEIN, Magda. *A cultura profissional do psicólogo e o ideário individualista: implicações para a prática no campo da assistência pública à saúde*. Estudos de Psicologia, 5 (1), 2000, 95-121.

DOEL, Marcus. Corpos sem órgãos: esquizoanálise e desconstrução. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Nunca fomos humanos: nos rastros do sujeito*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

DOMINGOS, Lucas; TAGLIAFERRO, Gabriel Andrade. *Imortal*. Interpretação: Banda La Maior. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/banda-la-mafia/imoral/>>. Acesso em: 20 jan. 2017.

DUARTE, Rosália. *Cinema e educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

EM DIÁLOGO. Disponível em: <<http://www.emdialogo.uff.br/content/ha-23-anos-homossexualidade-deixava-de-ser-considerada-pela-oms-uma-doenca-mental>>. Acesso em: 10 ago. 2016.

FACEBOOK. Disponível em: <<https://www.facebook.com/eventosmocnoticias/photos/a.328650903813185.86741.328638393814436/999598990051703/?type=1&theater>>. Acesso em: 30 jun. 2015.

FEIGELSON, Kristian. A história revisitada no cinema. In: NÓVOA, Jorge. FRESSATO, Soleni Biscouto, FEIGELSON, Kristian (organizadores). *Cinematógrafo: um olhar sobre a história*. Salvador: EDUFBA, São Paulo: Ed. UNESP, 2009.

FERREIRA, A. B. H. Aurélio século XXI: o dicionário da Língua Portuguesa. 3. ed. rev. E ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. 2128p.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault e a análise do discurso em educação. *Cadernos de Pesquisa*, n. 114, p. 197-223, novembro/ 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/n114/a09n114.pdf>>. Acesso em: 12 mai. 2016.

FONTES, Malu. Ilustrações do silêncio e da negação. In: LIONÇO, Tatiana; DINIZ, Débora (Orgs.). *Homofobia e educação: um desafio ao silêncio*. Brasília: Letras Livres, 2009.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 3. ed. Trad. L. F. de A. Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do saber*. 7ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986.

FOUCAULT, Michel. Disciplina. In: *Vigiar e punir: nascimento da prisão: tradução de Raquel Ramallete*. Petrópolis: Vozes, 2004.

FOUCAULT, Michel. *Ditos e Escritos III: estética: literatura e pintura, música e cinema*. Manoel Barros da Motta (Org), tradução Inês Autran Dourado Barbosa. – 2ed – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

FOUCAULT, Michel. *Ditos e Escritos IV: Estratégia, Poder e Saber*. Organização e seleção de textos Manoel Barros da Motta. Tradução: Vera Lucia Avellar Ribeiro. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006a. 396.

FOUCAULT, Michel. El sujeto y el poder. *Revista Mexicana de Sociologia*, v. I, n. 3, jul./set. 1988.

FOUCAULT, Michel. *Em defesa a sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: a vontade de saber*. 17ed. RJ: Graal, 2006.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque; Revisão técnica de José Augusto Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984. (Vol. 2: O uso dos prazeres).

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 23ed. RJ: Graal, 2007.

FOUCAULT, Michel. *Os anormais: curso no Collège de France (1974-1975)*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H. & RABINOW, P. *Michel Foucault: Uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p. 231-249.

FOUCAULT, Michel. Política e ética. In: *Ética, sexualidade e Política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

FOUCAULT, Michel. *Resumo dos cursos do Collège de France (1970-1982)*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

FOUCAULT, Michel. *Verdade e subjetividade*. Revista de Comunicação e Linguagem. Lisboa, n. 19, 1993 (texto digitado).

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. 8 ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

FRAGA, Alex Branco. *Corpo, identidade e bom-mocismo* – cotidiano de uma adolescente bem comportada. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

FURLANI, Jimena. Direitos Humanos, Direitos Sexuais e Pedagogia Queer: o que essas abordagens têm a dizer à Educação Sexual? In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz (Org.). *Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas*. Brasília: MEC/Secad/Unesco, 2009.

G1 FANTÁSTICO. Disponível em: <<http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2016/06/cada-28-horas-um-homossexual-morre-de-forma-violenta-no-brasil.html>>. Acesso em: 10 ago. de 2016.

GALLARDO, Gómez; VALENZUELA, Malu. Uma alternativa de equidade de gênero na pré-escola. In: FARIA, Nalu; NOBRE, Miriam; AUAD, Daniela; CARVALHO, Marília (Orgs.). *Cadernos SempreViva Organização Feminista – SOF, gênero e educação*. São Paulo: SOF, 1999, p. 40-54.

GRAHAM, Martha. *Blood memory*. 1 ed. New York: Doubleday, 1991.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A produção cultural do corpo. In: LOURO, Guacira. Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre (Orgs.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

GREEN, Bill & BIGUM, Chris. Alienígenas na sala de aula. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. *Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos Estudos Culturais em Educação*. Petrópolis: Vozes, 1995.

GRUNVALD, Vitor Pinheiro. *Existências, insistências e travessias: sobre algumas políticas e poéticas de travestimento*. Tese (Doutorado em Antropologia). São Paulo: USP/Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2016.

GUATTARI, F. & ROLNIK, S. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1986.

GUIA DA SEMANA. Disponível em: <http://www.guiadasemana.com.br/em-casa/galeria/os-casais-gays-mais-marcantes-das-novelas-brasileiras>. Acesso em janeiro de 2016.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 12ª.ed.; 1ª. reimp. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2015.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos estudo culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. Paz e Terra, São Paulo, 1992.

HOJE EM DIA. Disponível em: <<http://hojeemdia.com.br/almanaque/2.642/campanha-de-boicote-a-babil%C3%B4nia-circula-na-web-1.300941>>. Acesso em: 29 de mar. 2015.

IG. Disponível em: <<http://economia.ig.com.br/empresas/2015-06-05/jesus-e-amor-o-que-dizem-os-evangelicos-que-nao-irao-boicotar-o-boticario.html>>. Acesso em: 10 set. de 2016.

IGAY. Disponível em: <<http://igay.ig.com.br/2013-03-27/religiao-versus-homossexualidade-como-as-igrejas-acolhem-os-gays.html>>. Acesso em: 10 ago. 2016.

IMAGEM BILLY ELLIOT. Disponível em: <[https://encrypted-tbn0.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcTpd\\_4t\\_ivcS8JbTr8knnxI4\\_IDfIRqfLGbyu\\_B1o4IVRhcTvgF](https://encrypted-tbn0.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcTpd_4t_ivcS8JbTr8knnxI4_IDfIRqfLGbyu_B1o4IVRhcTvgF)>. Acesso em: 06 jul. 2016.

IMAGEM C.R.A.Z.Y – LOUCOS DE AMOR. Disponível em: <<https://soucinemaniaco2.files.wordpress.com/2011/07/cena1.jpg>>. Acesso em: 14 set. 2016.

IMAGEM CAROL. Disponível em: <<https://imagens6.publico.pt/imagens.aspx/1012036?tp=UH&db=IMAGENS>>. Acesso 06 jul. 2016.

IMAGEM MADAME SATÃ. Disponível em: <<http://www.modamanifesto.com/imgs/moda/madamesata/02.jpg>>. Acesso em julho de 2016.

JORDÃO, Patrícia. A antropologia pós-moderna: uma nova concepção da etnografia e seus sujeitos. *Revista de Iniciação Científica da FFC*, v.4, n.1, 2004.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz (Org.). *Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas*. Brasília: MEC/Secad/Unesco, 2009.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Educação e Homofobia: o reconhecimento da diversidade sexual para além do multiculturalismo liberal. In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz (Org.). *Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas*. Brasília: MEC/Secad/Unesco, 2009.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. *Não temos que lidar com isso. Aqui não há gays nem lésbicas!* – estados de negação da homofobia nas escolas. Trabalho apresentado na 32ª Reunião Anual da ANPED (Associação de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação), no GT Gênero, Sexualidade e Educação. Caxambu (MG): 2009. Texto disponível em: <http://32reuniao.anped.org.br/arquivos/trabalhos/GT23-5575--Int.pdf>. Acesso em agosto de 2015.

LEE, Rita. *Agora só falta você*. Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/rita-lee/48495/>>. Acesso em: 20 jan. 2017.

LIONÇO, Tatiana; DINIZ, Débora (Orgs.). *Homofobia e educação: um desafio ao silêncio*. Brasília: Letras Livres, 2009.

LOURO, Guacira Lopes. Epistemologia feminista e teorização social – desafios, subversões e alianças. In: ADELMAN, Miriam; SILVESTREIN, Celsi Brönstrup (Orgs.). *Coletânea gênero plural*. Curitiba: Ed. UFPR, 2002.

LOURO, Guacira Lopes. Currículo, gênero e sexualidade – O “normal”, o diferente e o excêntrico. In: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre (Orgs.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado – pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: autêntica, 2010.

LOURO, Guacira Lopes. O currículo e as diferenças sexuais e de gênero. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). *O currículo nos limiares do contemporâneo*. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 16 ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. *Pro-Posições*, v. 19, n. 2, p. 17-23, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pp/v19n2/a03v19n2.pdf>>. Acesso em: 05 ago. 2016.

LOURO, Guacira Lopes. Sexualidade e gênero na escola. In: SCHMDIT, Saraí (Org.). *A educação em tempos de globalização*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001, p. 69-73.

LOURO, Guacira Lopes. Uma sequência de atos. *Revista CULT*, São Paulo, edição especial, n. 6, jan. 2016.

LOURO, Guacira Lopes (Org.). *Um corpo estranho – ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: 2.ed.; 2. reimp. Autêntica, 2015.

LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre (Orgs.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis: 9.ed. Vozes, 2013. 191 p.

LUDKE, Menga & ANDRÉ, Marli E.D.A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo, Editora Pedagógica e Universitária, 1986.

MACHADO, Arlindo. Arte e mídia: aproximações e distinções. *Revista E-compós*, São Paulo, edição 1, dez. 2004. Disponível em: <<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/15/16>>. Acesso em: 20 set. 2016.

MADAME SATÃ. Direção: Karim Ainouz. Brasil: 2002, 1 DVD.

MARQUEZAN, Reinoldo. *O Deficiente no Discurso da Legislação*. Campinas SP, Ed. PAPIRUS, 2009.

MENEZES, Ebenezer Takuno de; SANTOS, Thais Helena dos. Verbete Plano Decenal de Educação para Todos. In: *Dicionário Interativo da Educação Brasileira - Educabrazil*. São Paulo: Midiamix, 2001. Disponível em: <<http://www.educabrazil.com.br/plano-decenal-de-educacao-para-todos/>>. Acesso em: 11 de set. 2016.

MICHAELIS – dicionário de língua portuguesa. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/busca?id=0L5Xn>>. Acesso em: 10 dez. 2017.

MISKOLCI, Richard. *O armário ampliado* – notas sobre sociabilidade homoerótica na era da internet. Disponível em: <<http://www.ufscar.br/cis/wp-content/uploads/OArmarioAmpliadoRichardMiskolci.pdf>>. Acesso em: 16 dez. de 2016.

MURAD, Maria Fernanda Guita. *O sujeito em Foucault*. 2010. Disponível em: <<http://www.spid.com.br/pdfs/2010-2/Atividades-Jornadas-Interna-2010.1-O-SUJEITO-EM-FOUCAULT-Maria-Fernanda-Guita-Muradoc.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2016.

NOTÍCIAS DA UOL. Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/album/2015/06/07/paradagay-de-sp-2015.htm>. Acesso em: 06 jan. 2016.

PARAÍSO, Marlucy Alves. *A produção do currículo na televisão: que discurso é esse?* Trabalho apresentado na 23ª Reunião Anual da ANPEd (Associação de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação), no GT Currículo. Caxambu (MG): 2000. Texto disponível em: <http://23reuniao.anped.org.br/textos/1223t.PDF>. Acesso em: 03 ago. 2016.

PARAÍSO, Marlucy Alves. *Currículo e a produção de sujeitos: relações de gênero nos “reagrupamentos” escolares*. Projeto de Pesquisa/Bolsa de Produtividade do CNPq. 2006.

PARAÍSO, Marlucy Alves. *Currículo e mídia educativa brasileira: poder, saber e subjetivação*. Chapecó: Argos, 2007.

PARAÍSO, Marlucy Alves. *Currículo e mídia educativa: práticas de produção e tecnologias de subjetivação no discurso da mídia educativa sobre a educação escolar*. 2002. Tese (Doutorado). Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2002.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Pesquisas pós-críticas em educação no Brasil: esboço de um mapa. *Cadernos de Pesquisa*. Fundação Carlos Chagas, São Paulo, v. 34, n. 122, p. 283-303, 2004.

PARAÍSO, Marlucy Alves (Org.). *Pesquisas sobre currículos e culturas: temas, embates, problemas e possibilidades*. Curitiba: Editora CRV, 2010.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Metodologias de pesquisas pós-críticas em e educação e currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas. In: MEYER, Dagmar. Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (Orgs.). *Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação*. Belo Horizonte: Mazza Edições, p. 23-46, 2012.

PAULSON, Susan. Sexo e gênero através das culturas. In: ADELMAN, Miriam.; SILVESTRIN, Celsi Brönstrup (Orgs.). *Coletânea gênero plural*. Curitiba: Ed. UFPR, 2002.

POCABY; OLIVEIRA; IMPERATORI. Cores e dores do preconceito: entre o boxe e o balé. In: LIONÇO, Tatiana; DINIZ, Débora (Orgs.). *Homofobia e educação: um desafio ao silêncio*. Brasília: Letras Livres, 2009.

POCAHY, Fernando Altair; NARDI, Henrique Caetano. Saindo do armário e entrando em cena: juventudes, sexualidades e vulnerabilidade social. *Revista de Estudos Feministas*,

Florianópolis, v. 15, n. 1, Jan./Apr. 2007. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/ref/v15n1/a04v15n1.pdf>>. Acesso em: 16 dez. 2016.

PREFEITURA MUNICIPAL DE UBERABA. Disponível em: <[http://uberaba.mg.gov.br/portal/acervo/educacao/arquivos/plano\\_decenal.pdf](http://uberaba.mg.gov.br/portal/acervo/educacao/arquivos/plano_decenal.pdf)>. Acesso em: agosto de 2016.

RANGEL, Mary. Homossexualidade e educação. In: LOPES, Denilson et al. (Orgs.). *Imagem e diversidade sexual*. São Paulo: Nojosa, 2004.

RICHARDSON, Diane; MAY, Hazel. Deserving victims? Sexual status and the social construction of violence. *Sociological Review*, Birmingham, n. 47, 1999.

REIS, Toni. *Homofobia no ambiente educacional: o silêncio está gritando*. 1 ed. Curitiba: Appris, 2015.

REVISTA FÓRUM. Disponível em: <<http://www.revistaforum.com.br/2015/04/06/bolsonaro-destila-seu-odio-e-sua-homofobia-no-sbt/>>. Acesso em: 10 ago. 2016.

REVISTA LADO A. Disponível em: <<http://revistaladoa.com.br/2016/03/noticias/100-frases-homofobicas-jair-bolsonaro>>. Acesso em: 10 ago. 2016.

RIBEIRO, Vândiner. *O funcionamento do currículo e processos de subjetivação em uma escola do Movimento Sem Terra*. Projeto de pesquisa em texto digitado. 2010.

RIBEIRO, Vândiner. *Currículo e MST: relações de poder-saber na produção da “subjetividade lutadora”*. Tese (Doutorado). Belo Horizonte: UFMG/FaE, 2013

ROSE, Nikolas. Inventando nossos eus. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Nunca fomos humanos: nos rastros do sujeito*. Belo Horizonte: Autêntica, p.139-204, 2001.

SABO, Donald. O estudo crítico das masculinidades. In: ADELMAN, Miriam; SILVESTRIN, Celsi Brönstrup (Orgs.). *Coletânea gênero plural*. Curitiba: Ed. UFPR, 2002.

SALIH, Sara. *Judith Butler e a Teoria Queer*. Tradução e notas Guacira Lopes Louro. 1.ed.; 3. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

SANTOS, L. H. S. Sobre o etnógrafo-turista e seus modos de ver. In: COSTA, Marisa Vorraber; BUJES, Maria Isabel Edelweiss (Orgs.). *Caminhos Investigativos III: riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras*. 1 ed. Rio de Janeiro: DP&A, p. 9-22, 2005.

SATER, Almir; TEIXEIRA, Renato. Tocando em frente. Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/almir-sater/tocando-em-frente.html>>. Acesso em: 14 set. 2016.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, v. 20, n.2, Porto Alegre, Jul-Dez/1995.

SILVA, Roseli Pereira. *Cinema e educação*. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Maria Carolina da. *A Infância no Currículo de Filmes Infantis de Animação: Poder, Governo e Subjetivação dos/as Infantis*. 2012. Texto disponível em: <http://33reuniao.anped.org.br/33encontro/app/webroot/files/file/Trabalhos%20em%20PDF/GT12-6605--Int.pdf>. Acesso em: 12 de jul. 2016.

SILVA, Maria Carolina da. *A Infância no Currículo de Filmes Infantis de Animação: Poder, Governo e Subjetivação dos/as Infantis*. Dissertação (Mestrado em Educação). Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais, 2008.

SILVA, Maria do Rozário Azevedo da. *O cinema como objeto de saber/poder no currículo: o que nos dizem as homogeneidades e oposições intrínsecas do discurso da rede pública de ensino da cidade do Recife?* Trabalho apresentado na 34ª Reunião Anual da ANPEd (Associação de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação), no GT Currículo. Natal (RN): 2011. Texto disponível em: <http://34reuniao.anped.org.br/images/trabalhos/GT12/GT12-1090%20int.pdf>. Acesso em: 03 ago. 2016.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2011.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Currículo e identidade social: territórios contestados. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. *Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos Estudos Culturais em Educação*. Petrópolis: Vozes, 2009.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo*. 3. ed. 6. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *O currículo como fetiche – a poética e a política do texto curricular*. 1. ed. 4. reimp. Belo Horizonte: autêntica, 2010.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Teoria cultural e educação — um vocabulário crítico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SOUZA, Andréa B. *Cenas do masculino na dança: representações de gênero e sexualidade: ensinando modos de ser bailarino*. 2007. Dissertação (Mestrado) – Ulbra, Canoas, 2007.

SPINK, M. J. *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano*. São Paulo: Cortez, 1999.

SULLIVAN, Andrew. *Praticamente normal: uma discussão sobre o homossexualismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997 (ed. or.: 1995).

TERRA. Disponível em: <<https://noticias.terra.com.br/brasil/propaganda-do-boticario-com-casal-gay-gera-homofobia-nas-redes-sociais,d1b5663ecadb3a28c57976f03da19bf4apncRCRD.html>>. Acesso em: 30 jun. 2016.

TIBURI, Márcia. Judith Butler: feminismo como provocação. *Revista CULT*, São Paulo, edição especial, n. 6, jan. 2016.

TRIBUNA HOJE. Disponível em:  
<<http://www.tribunahoje.com/noticia/53949/entretenimento/2013/02/04/pastor-silas-malafaia-da-show-de-homofobia-em-entrevista-na-tv.html>>. Acesso em: 20 jan. 2017.

TYLER, Stephen. La etnografia posmoderna: de documento de lo oculto a documento oculto. In: Geertz, Clifford e Clifford, James et al. *El surgimiento de la antropologia posmoderna*. Barcelona, Editorial Gedisa, p.139-204, 1992.

VEIGA-NETO, Alfredo. Cultura, culturas e educação. *Revista Brasileira de Educação*, nº23, mai./jun./jul./ago., 2003.

VEIGA-NETO, Alfredo. *Foucault e a Educação*. 2ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

VEJA. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/radar-on-line/televisao/a-criese-de-babilonia-e-as-mudancas-na-novela/comment-page-3/>>. Acesso em: 22 abr. 2015.

VENTURI, Gustavo. *Diversidade Sexual e Homofobia no Brasil: Intolerância e respeito às diferenças sexuais*. Disponível em: [http://pfdc.pgr.mpf.mp.br/atuacao-e-conteudos-de-apoio/publicacoes/direitos-sexuais-e-reprodutivos/combate-a-homofobia-discriminacao-por-orientacao-sexual/Pesquisa\\_LGBT\\_fev09\\_FUNDPERSEUABRAMO\\_1](http://pfdc.pgr.mpf.mp.br/atuacao-e-conteudos-de-apoio/publicacoes/direitos-sexuais-e-reprodutivos/combate-a-homofobia-discriminacao-por-orientacao-sexual/Pesquisa_LGBT_fev09_FUNDPERSEUABRAMO_1). Acesso em: 02 mai. 2015.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. *Revista de Estudos Feministas*. Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 460-482, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n2/8635>. Acesso em: 06 set. 2015.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu. (Org.). HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos estudo culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.